



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
CPDA - Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em
Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

CARDÁPIO DO DIA

CONSUMO ALIMENTAR ENTRE JOVENS DA “NOVA CLASSE MÉDIA”

Patrícia da Rocha Gonçalves

Sob a orientação de:
John Wilkinson

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro para obtenção do grau de Doutor

Rio de Janeiro
Junho/2014

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
CPDA - Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em
Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

PATRICIA DA ROCHA GONÇALVES

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **DOUTOR em Ciências Sociais** no Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, na área de Concentração em Instituições, Mercado e Regulação.

TESE APROVADA EM 30/06/2014

Profº Drº John Wilkinson - CPDA/UFRRJ
(Orientador)

Prof.ª Dr.ª Fátima Portilho - CPDA/UFRRJ

Profº. Drº. Georges G. Flexor - CPDA/UFRRJ

Prof.ª Dr.ª Lívia Barbosa - PUC-RJ

Prof.ª Dr.ª Maria Sarah Silva Telles - PUC-RJ

363.8 Gonçalves, Patricia da Rocha
G635c Cardápio do dia: consumo alimentar entre jovens da
T “nova classe média” / Patricia da Rocha Gonçalves, 2014.
160 f

Orientador: John Wilkinson
Tese (doutorado) – Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais.
Bibliografia: f. 147-156

1. Consumo – Teses. 2. Alimentação - Teses. 3. Nova
classe média – Teses. 4. Jovem - Teses. I. Wilkinson, John.
II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto
de Ciências Humanas e Sociais. III. Título.

DEDICATÓRIAS

Ao meu filho Henrique, que eu possa ser a inspiração para sua vida.

Ao meu querido marido e companheiro Luiz Fernando por acreditar nos meus sonhos e apoiar a realização deles.

À minha mãe Elzira pelo exemplo de força e amor nos quais me espelhei e a minha irmã Sylvia e meu cunhado Bruno pela amizade e carinho. E seja bem vindo Gabriel.

Ao meu saudoso pai David que me deixou o maior dos tesouros: a busca pelo conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador John pela amizade, presença, confiança, competência, estímulo e generosidade em compartilhar.

A todos os amigos e familiares que entenderam a minha ausência em muitos momentos, obrigado pela compreensão e curtidas no *facebook*.

Agradeço em especial a todos os meus alunos por participarem desta pesquisa.

“Expresse-se através de atividades criativas” - Sarasvati – Deusa Hindu das Artes

RESUMO

GONÇALVES, Patricia. **Cardápio do dia. Consumo alimentar entre jovens da “nova classe média”**. Tese de Doutorado. CPDA: Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. UFRRJ, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, junho 2014.

Nos últimos anos, as taxas de crescimento econômico, a diminuição das desigualdades de rendimentos pelo trabalho formal, aliado aos programas de transferência de renda, como também a expansão do crédito, ganho real de renda e a estabilização da economia proporcionaram a uma parcela significativa da população brasileira a elevação de seus rendimentos, bem como a melhoria no padrão de consumo das famílias. Esse novo cenário despertou o interesse em estudos sobre a chamada “nova classe média”. Este trabalho tem por objetivo entender o consumo alimentar entre jovens da “nova classe média” e de que maneira o seu cotidiano de trabalho e estudo condicionam as suas escolhas em relação a sua alimentação. A metodologia utilizada foi o registro em cadernos chamados de diários alimentares pelos jovens pesquisados como também entrevistas em profundidade acerca de suas visões de mundo e aspectos específicos ao consumo alimentar.

Palavras-chave: consumo alimentar, nova classe média, jovens, consumo, alimentação.

ABSTRACT

GONCALVES, Patricia. **Menu of the day. Food consumption among young people of the "new middle class".** Doctoral Thesis. CPDA: Graduate Program of Social Sciences in Development, Agriculture and Society. UFRRJ, Federal Rural University of Rio de Janeiro, June 2014.

In recent years, rates of economic growth, reducing income inequalities by formal work, together with the income transfer programs, as well as the expansion of credit, real income gain and stabilization of the economy provided a significant portion of the population the increase of his income, as well as improvement in the consumption pattern of households. This new scenario has sparked interest in studies on the so called "new middle class". This work aims to understand the food consumption among young people of the "new middle class" and how their daily work and study affect their choices regarding their food. The methodology used was in the record books called food diaries by young people surveyed as well as in depth interviews about their worldviews and specific food consumption aspects.

Key-words: food consumption, new middle class, youth, consumption, food.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I - OS BATALHADORES – classe média: desenvolvimento, crise, a “nova classe média” ou batalhadores de uma nova classe trabalhadora?	
I.i – Aspectos gerais do surgimento e desenvolvimento da classe média	15
I.ii – A classe média no Brasil	18
I.iii – A crise da classe média e dificuldade de reprodução social no cenário brasileiro	23
I.iv – A redivisão internacional das classes médias	28
I.v – Uma “nova classe média brasileira”? – o Brasil dos anos 2000	32
I.vi – De quem estamos falando? - dos batalhadores brasileiros e de uma nova classe trabalhadora?	43
CAPÍTULO II - CONSUMO ALIMENTAR	
II.i – Alimentação – sociabilidade & comensalidade	48
II. ii – Alimentação na esfera doméstica e o papel social da mulher	52
II.iii – A indústria e a educação culinária	56
II.iv – Transformações no comer e no consumo alimentar	60
CAPÍTULO III - JUVENTUDE, JOVENS E OS JOVENS DA “NOVA CLASSE MÉDIA”	
III.i – Juventude e Jovens	76
III.ii – Os jovens da “nova classe média”	80
III.iii – O diálogo com os jovens da “nova classe média” – o perfil dos jovens pesquisados	85
CAPÍTULO IV - CONSUMO ALIMENTAR ENTRE JOVENS DA “NOVA CLASSE MÉDIA”	
IV.i – O diário do informante	104
IV.ii – Cardápio do Dia – os diários alimentares	106
IV.ii.i – Aspectos Gerais dos Diários Alimentares	108
IV.ii.ii – Aspectos Particulares dos Diários Alimentares	112
IV.iii – Reflexões sobre os diários alimentares	119
CONCLUSÃO	138
BIBLIOGRAFIA	144
ANEXOS	154

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo entender o consumo alimentar entre jovens da “nova classe média” e de que maneira o seu cotidiano de trabalho e estudo condicionam as suas escolhas em relação a sua alimentação.

Torna-se importante frisar que o público desta pesquisa foi selecionado em virtude da aproximação desta pesquisadora como professora junto aos jovens universitários do curso de Administração de uma instituição privada de ensino superior localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

O recente debate acadêmico sobre classes sociais e mais especificamente sobre a emergência de uma “nova classe média” tem marcado a primeira década dos anos 2000. Desde a estabilização da economia com o ganho real de renda, o aumento do trabalho formal, da popularização do crédito e os programas de transferência de renda do Estado trouxe para a dinâmica do consumo uma quantidade considerável de brasileiros que passaram a adquirir produtos e serviços mexendo com as lógicas das empresas e do mercado.

O fenômeno social da primeira década dos anos 2000 trouxe transformações importantes para a sociedade brasileira. Esse contingente considerável de indivíduos emerge de sua invisibilidade como consumidores e passa a “ditar” tendências de mercado em vários setores.

No entanto, as abordagens, tanto acadêmicas quanto mercadológicas, têm privilegiado dimensões diferentes desse fenômeno. No caso mercadológico, o palco midiático aponta seus holofotes para os protagonistas sociais do momento denominando-a como a “nova classe média” – termo cunhado por Neri (2009) em publicação da CPS - Centro de Políticas Sociais da FGV/RJ ou como classe C – considerando a classificação dos mercados.

Estes são representados como um grupo homogêneo, com características peculiares, que os distinguem da chamada classe médio tradicional. São considerados batalhadores, otimistas, que subiram na vida, com grande potencial de consumo e acesso a bens duráveis, assim como o acesso ao ensino superior.

A transformação se consolida nas novelas, tidas como um ícone da representação social brasileira e a alteração das histórias colocam como personagens centrais a classe C, exemplos das novelas “Avenida Brasil”, e “Cheias de Charme” nesta, onde empregadas domésticas são as protagonistas da trama.

Se as mudanças e transformações da primeira década dos anos 2000 provocam polêmicas e discussões em diversos setores da sociedade, não seria diferente no meio

acadêmico. Destaca-se o enfoque ao fenômeno em si e mais precisamente à classificação dada ao referido público.

E assim apresenta-se o primeiro capítulo deste trabalho, onde o ponto inicial é a publicação do trabalho de Neri (2009) intitulado *Consumidores, Produtores e a Nova Classe Média* e suas considerações sobre o público então analisado pela capacidade de renda e empregabilidade como também pelo potencial de consumo.

As críticas desferidas são exatamente sobre duas dimensões: a ascensão de um grupo de indivíduos justamente pela sua capacidade de consumo e acesso a bens, não que a mesma não ocorre, e o entendimento que os mesmos se tornam uma “nova classe média”.

Porém, antes de considerar tal debate o primeiro capítulo inicia pela contextualização das classes médias através de aspectos gerais em torno de seu surgimento e desenvolvimento na Europa e posteriormente nos Estados Unidos.

A classe média no Brasil apresenta-se desde seu surgimento com características singulares e distintas da europeia e americana, assim, para pensar hoje esse fenômeno é importante destacar a formação e o seu desenvolvimento, assim como a crise e a dificuldade de reprodução social da classe média brasileira pré anos 2000.

Ainda se faz necessário destacar que as mudanças no quadro geopolítico mundial após a queda do bloco socialista provocaram em grande medida novas configurações do capitalismo e com isso uma redistribuição internacional das classes médias, isso se torna de suma importância, pois se revela como um fenômeno novo em diversas partes do globo onde o Brasil emerge no cenário mundial.

Destacam-se, portanto, neste primeiro capítulo as visões distintas dos autores os quais não divergem de que estamos diante de um fenômeno novo e ainda pouco compreendido cujas bases estão no emprego formal, acesso ao crédito, estabilidade da moeda e da economia destacando-se o potencial de consumo.

A discussão da nova classe média é o pano de fundo para analisar os jovens pesquisados neste trabalho, e neste sentido, a obra “Batalhadores Brasileiros – uma nova classe média ou uma nova classe trabalhadora?” Souza (2011) além de criticar o modelo baseado somente na renda e na capacidade de consumo propõe uma reflexão do público a partir de uma análise interpretativa, do cotidiano desses indivíduos e de suas visões de mundo. Dessa reflexão surge a proposta de considerá-los como uma nova classe trabalhadora e os atores que a compõe de batalhadores.

Apresenta-se no final do primeiro capítulo a perspectiva de Souza (2011) e o quanto esta se aproxima dos jovens que trabalham e estudam no período noturno de uma instituição privada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro que são o público deste trabalho.

O capítulo dois aborda o consumo alimentar a partir dos aspectos sociológicos da alimentação como a sociabilidade e a comensalidade. Dessa forma, o comer assume uma posição central no aprendizado social por sua natureza vital, essencial e rotineira, como destaca Mintz (2001). O consumo alimentar define comportamentos específicos onde o alimento ganha significações distintas e singulares face ao sistema social onde o indivíduo encontra-se inserido.

Contribuindo para essa discussão destaca-se a universalidade da necessidade do comer como também as diversas reflexões sobre a alimentação.

Uma abordagem científica multifacetada permite entender que a escolha alimentar é um processo dinâmico e por isso mesmo pode envolver o campo político, a segurança alimentar, as políticas nutricionais como também a globalização dos mercados agroalimentares. Porém os alimentos são ingeridos sob alguma forma culturalizada como sugere Barbosa (2007) e mais, implicam numa interação social, como argumenta Simmel (2006).

As transformações que envolvem o consumo alimentar também são abordadas neste capítulo objetivando recuperar e entender que as mesmas acontecem num processo gradual e muitas vezes silencioso, mas que provocam mudanças significativas.

Assim a alimentação na esfera doméstica combinada com os novos papéis sociais da mulher na sociedade torna-se relevantes para se refletir sobre as alterações no comer e no consumo alimentar. Diretamente ligado ao universo feminino, fundamental e desprezado na esfera doméstica, o saber culinário sofre transformações importantes principalmente a partir da década de 50 com a entrada de produtos industrializados, em destaque os eletrodomésticos e alimentos.

Os novos preceitos de higiene propagados no início do século XX foram fortemente explorados pelos fabricantes de equipamentos para cozinha e de alimentos, isto expressava a sintonia com o mundo moderno. Entretanto a década de 50 foi marcada pelo crescimento urbano e pela industrialização que proporcionaram o aumento das possibilidades educacionais e profissionais para as mulheres. Os novos comportamentos femininos provocam alterações irreversíveis na alimentação doméstica.

Logo, a participação da mulher no mercado de trabalho, métodos contraceptivos mais eficientes e uma carreira profissional em construção alteram as estruturas da casa e da família.

Dessa maneira, o tempo gasto no preparo de uma refeição foi em grande medida sacrificado. Isto implica não só na mudança dos hábitos do preparo do alimento, mas também com a compra, estocagem, formulação das combinações das refeições e, assim, os produtos industrializados mostram-se extremamente práticos.

A indústria tanto alimentar quanto de eletrodomésticos iniciam seu movimento de educação culinária para estimular e consolidar os novos parâmetros da cozinha, neste sentido a introdução do fogão a gás e a popularização dos eletrodomésticos foram fundamentais.

O ato de comer permanece como fonte de prazer, sociabilidade, e comensalidade. Rotineiro, coletivo, individual, em ritmo lento ou apressado, formal ou informal, na casa ou na rua reflete as mudanças na vida doméstica e cotidiana.

O capítulo dois se encerra abordando as transformações no comer e no consumo alimentar a partir das contribuições de Poulain (2004) quando cita os produtos industrializados presentes nas mesas familiares, de Oldenburg (1999) e seu conceito *third places*, locais que funcionam como refúgios sociais de interação onde a comida é mediadora, bem como o estudo de Collaço (2004) sobre os *fast foods*. Destacam-se também a difusão dos *shoppings centers* e da comida “a quilo”.

O comer solitário também é uma transformação significativa, assim como as refeições familiares cada vez mais informais e fora da mesa destacadas por Casotti (2002) contribuem para a reflexão do capítulo.

As modificações ocorridas no consumo alimentar, em grande medida, foi influenciado também por um sistema de produção e consumo de alimentos que evoluiu bastante desde meados de 1990 oferecendo aos consumidores a presença de um varejo de alimentos mais diversificado e próximo objetivando atender a busca por praticidade, flexibilidade e conveniência no que tange a compra de produtos alimentícios. Neste sentido os supermercados ganham destaque, além de um varejo “tradicional” que ainda persiste principalmente na periferia dos grandes centros.

O padrão de consumo de alimentos e suas transformações podem ser observados através das pesquisas sobre os gastos com alimentação nas famílias brasileiras. Assim são apresentados os seguintes estudos: ENDEF da década de 70, as análises das Pesquisas de Orçamentos Familiares (POF) de 1961/1963 e 1987/1988 feitas por Mondini, Monteiro e Costa (2000) e o estudo do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN) em 1996 intitulado como Estudo Multicêntrico sobre Consumo de Alimentos.

O estudo de Bertasso (1998) sobre a Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) de 1995/1996, os dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) de 2002/2003 e finalizando

com o estudo sobre o consumo alimentar pessoal no Brasil, inédito, lançado na POF de 2008/2009 fecham o capítulo dois confirmado as transformações no comer e no padrão de consumo alimentar do brasileiro.

O terceiro capítulo se propõe a discussão sobre as categorias juventude e jovens, bem como as características do jovem da “nova classe média” demonstrando que estes jovens detêm renda maior que a de seus pais, mais escolaridade e domínio dos meios digitais se particularizam pela ética do trabalho duro, das relações de reciprocidade vividas no sacrifício de interesses individuais em favor do grupo (a família) e com uma economia doméstica limitada pelo controle no presente e projetam expectativas futuras melhores onde se destaca a escolha pelo curso de Administração.

A dupla jornada – trabalho e estudo – a dificuldade em se dedicar aos estudos, a falta de participação em atividades acadêmicas complementares, escolaridade deficiente, núcleo familiar com baixos salários, moradores de áreas carentes e em muitos casos com graves problemas de violência, configuram o cenário social desses jovens.

O terceiro capítulo ainda apresenta dados socioeconômicos desses jovens levantados para esse trabalho como pesquisa interna realizada pela instituição de ensino sobre o perfil do discente. Ainda é apresentada a visão de mundo desses jovens por meio de entrevistas qualitativas onde trechos são transcritos no trabalho.

O quarto e último capítulo se detém ao consumo alimentar desses jovens da “nova classe média” apresentando as negociações e estratégias no que tange a escolha alimentar no seu cotidiano. Para tal foram registradas as ingestas alimentares por uma semana em cadernos chamados diários alimentares onde se busca entender o impacto de seu cotidiano sobre seu consumo alimentar.

Os jovens foram orientados a preencher por sete dias consecutivos (considerando dias da semana e o final de semana) todo e quaisquer alimentos que ingerissem, escrevendo em páginas específicas o dia da semana e nesta subdividida em refeições considerando os chamados beliscos entre as mesmas. Além disso, eles deveriam anotar o motivo da escolha do alimento, o local de consumo e, se preparado no domicílio, quem o fez; e por fim o motivo da escolha do local do consumo. Os jovens poderiam incluir quaisquer observações ou comentários que desejassesem e também outras formas de registros, como fotos. Foram coletados 49 diários.

Os diários retratam elementos significativos da experiência humana, o que significa dizer que o autor do diário é um sujeito histórico, tão legítimo quanto à fonte que ele produz com sua escrita, neste sentido é um objeto que contém a narrativa diária de experiências

pessoais, em suma, um registro das vivências e sentimentos de um “eu” ante o mundo que o rodeia.

Dessa forma são destacadas as características dos diários das jovens e as particularidades dos diários dos jovens em itens distintos, como também os pontos em comum dos diários femininos e masculinos demonstrando os aspectos que circunscrevem o universo desses jovens da “nova classe média”.

Dando continuidade aos registros são trazidas para este capítulo quatro entrevistas qualitativas realizadas junto ao público detalhando seus cotidianos objetivando entender as estratégias para a escolha alimentar e que dimensões estão presentes nestas escolhas.

Com isso parte-se então para a reflexão que os diários suscitam acerca do consumo alimentar dos jovens da “nova classe média” num caminho que nos conduzirá ao entendimento de que múltiplos valores e fatores estão presentes na dinâmica da alimentação e que aspectos específicos condicionam o comportamento dos jovens pesquisados.

CAPÍTULO I

OS BATALHADORES – classe média: desenvolvimento, crise, a “nova classe média” ou batalhadores de uma nova classe trabalhadora?

I.i – Aspectos gerais do surgimento e desenvolvimento da classe média

A discussão envolvendo a temática das classes médias é marcada por polêmica e está muito distante de um consenso acadêmico. Segundo Guerra (2006) no século XIX a classe média europeia era definida como o segmento social situado entre a classe dos proprietários dos meios de produção e a classe trabalhadora, os assalariados, ou seja, os que detinham somente sua força de trabalho. Esta definição se tornou rapidamente insuficiente para entender e tratar a questão das classes médias, uma vez que o desenvolvimento capitalista gerou complexas estruturas sociais dificultando a compreensão analítica das mesmas.

Portanto pensar em sociedades compostas de um lado por empresários e de outro, por assalariados, é inviável diante das novas situações em termos de produção e reprodução de segmentos e classes intermediárias. E para se debruçar sobre essa dinâmica social surgem variadas possibilidades analíticas e interpretativas no sentido de dimensionar as características da classe média. Destacam-se neste âmbito as análises sobre a classe média a partir de seu rendimento ou da sua posição ocupacional no mercado de trabalho.

O desenvolvimento do modo de produção capitalista torna evidente a dimensão e a manifestação de uma densa camada social intermediária que se consolida tanto pelo caminho assalariado quanto pelo da propriedade. É possível identificar três padrões capitalistas responsáveis pela produção e reprodução da classe média, segundo Guerra (2006) são eles: a antiga classe média proprietária; a “nova classe média” assalariada e a emergente classe média pós-industrial.

O primeiro padrão destacado pelo autor vai até o final do século XIX, a antiga classe média proprietária ainda era associada ao capitalismo de livre concorrência onde sua característica marcante era presença de ocupações majoritariamente rurais (proprietária) com a posse de algum meio de produção.

No âmbito do capitalismo de livre concorrência prevaleceram os pequenos proprietários, sem a presença de maiores hierarquias de remuneração ou funções, as relações eram definidas pelo sistema de contratos individuais. Entretanto a formação desta classe nas sociedades europeias e americana é distinta.

Na Europa, de passado feudal, as camadas intermediárias eram compostas por artesãos, pequenos mercadores e camponeses. Diante da expansão da burguesia capitalista e da emergência do operariado houve um deslocamento social na antiga classe média

proprietária com a mudança da perspectiva proprietária para a diferenciação social fundada no consumo de bens de maior valor unitário tornando o assalariamento com maiores índices de remuneração uma forma de mobilidade social. Isto é, o deslocamento dos pequenos proprietários de terra ou de negócios para os empregos na grande indústria capitalista provocou a constituição inicial da classe média assalariada na Europa, o que nem sempre representou ascensão social, mas implicou em transformações na formação dos grupos e na vida social.

No caso norte-americano, sem passado feudal, um conjunto de fazendeiros dispersos em um amplo território imbuído por um forte individualismo deu impulso em direção ao capitalismo na América. Uma sociedade contratual surge e os agricultores americanos ultrapassam as fronteiras da subsistência e empreendem no sentido de aumentar seu capital. Como destaca Mills (1969) um indivíduo estabelecia uma fazenda ou fundava um negócio urbano e subia na escala do êxito conforme expandia a sua propriedade.

Assim o empregado da grande empresa não era apenas um trabalhador de fábrica, mas alguém que almejava a sua própria oficina ou um agricultor cuja manufatura representava uma atividade extra (MILLS, 1969). Nos EUA havia o predomínio de ocupações por conta própria que abrangiam 4/5 da população ocupada em 1910 segundo Guerra (2006).

Em suma, a formação da classe média proprietária americana foi oriunda de uma imensa legião de pequenos proprietários, sem a passagem pela condição camponesa nem a de aristocracia agrária no sentido europeu.

A partir do capitalismo monopolista, o segundo padrão, expande-se a classe média assalariada urbana juntamente com o crescimento e a consolidação da grande empresa industrial, dessa forma esta “nova classe média” depende da estrutura ocupacional assalariada caracterizada pela verticalização da produção e pela burocratização empresarial.

Dessa forma as transformações na economia capitalista do final do século XIX com a significativa Revolução Industrial fomentaram o avanço do trabalho assalariado. Com o advento da administração científica, o desafio da gestão não era mais as pequenas empresas, mas grandes firmas. Surgem então atividades básicas no interior das empresas que não estão vinculadas diretamente às atividades de produção, criando assim um importante segmento de pessoal. Uma nova e gigante estrutura empresarial vai se consolidando através de departamentos como os de produção, finanças, pessoal, vendas. Como também a especialização funcional de várias etapas do processo de trabalho, prolifera-se os níveis de gerência, administração e supervisão promovendo o aumento de uma “nova classe média” assalariada urbana.

Há outra mudança importante, a racionalização e o crescente planejamento empresarial nas atividades de gerenciamento criam uma separação entre o chão de fábrica e a administração técnica do processo produtivo. Sem a propriedade e a posse dos meios de produção, a “nova classe média” assalariada se diferencia pelos postos de trabalho ocupados no interior das grandes firmas. Além de distinguir-se da classe trabalhadora pela ocupação e consequente rendimento, a “nova classe média” assalariada também se singulariza pelo consumo elevado.

O processo de monopolização capitalista também afeta a ascensão de pequenos proprietários, como aponta Mills (1969), a base da classe média proprietária terminou por se tornar pouco competitiva, uma vez que a prática das grandes empresas absorveu, em maior dimensão, o mercado de consumo e produção em massa.

O mesmo acontece com os profissionais liberais que são absorvidos pelos grandes empreendimentos em função da maior profissionalização dos serviços em larga escala. O setor público cresce conforme as demandas de saúde, educação e assistência social trazendo para sua estrutura muitos dos profissionais liberais na forma de empregados assalariados.

A classe média do século XX se caracterizou pela alta classe média constituída por pequenos e médios empresários, pela alta direção da administração pública e privada e por antigos profissionais liberais de nível superior. Os postos intermediários da burocracia pública e privada das grandes firmas e da administração pública formam as camadas médias e a classe média baixa é caracterizada por postos de trabalho auxiliares e técnicos.

O final do século XX traz o terceiro padrão de reprodução da classe média, não mais necessariamente assalariada, a emergente classe média pós-industrial nasce e cresce tanto a partir da revolução tecnológica quanto como consequência dos profundos ajustes feitos dentro das corporações globalizadas, onde se destaca a desverticalização do processo produtivo, a terceirização dos postos de trabalho, o surgimento de novas ocupações e o deslocamento geográfico das empresas pelo mundo.

A partir da segunda metade da década de 70 algumas mudanças no sistema capitalista e consequentemente na reprodução da classe média acontecem. Podemos destacar quatro transformações importantes sobre a classe média assalariada; a primeira diz respeito ao processo de achatamento do emprego no setor industrial, o que provocou uma diminuição da classe média assalariada nas grandes empresas. Esse processo se dá pela adoção de novos modelos de gestão como menos níveis hierárquicos, novos processos baseados na reengenharia, em terceirizações e na desverticalização da produção associados ao avanço

tecnológico sobre o processo produtivo e da maior desregulamentação da competição intercapitalista.

Com a capacidade de gerar menos vagas de empregos assalariados, a segunda mudança a se destacar é a concentração de novas oportunidades na economia de serviços, não necessariamente vinculados ao tradicional emprego assalariado ou à grande empresa. Com um cenário caracterizado por cadeias de produção mundial e nas empresas em rede há uma maior ênfase na informalidade do exercício do trabalho e em outras formas de auto-ocupação. Verifica-se aqui um rompimento com a tradicional classe média assalariada dentro do modelo capitalista industrial.

Segundo Galbraith (1982), a sociedade pós-industrial é marcada por transformações na própria constituição dos postos de trabalho. Essa terceira mudança que afeta a classe média assalariada está profundamente ligada à necessidade da chamada tecnoestrutura, como destaca o autor; isto é, uma nova categoria de trabalho dentro das redes de produção e comercialização de bens e serviços caracterizada pelo aparecimento de novos sujeitos sociais tais como, gestores de métodos e processos, analistas e pesquisadores em ciência e tecnologia da informação e das comunicações.

Por conseguinte, a classe média pós-industrial está associada às novas relações sociais que resultam desse novo sujeito social. Esta quarta mudança traz uma classe média detentora do conhecimento inserida na reformulação do próprio capitalismo, agora chamado de moderno. Portanto, este grupo se posiciona de maneira distinta à classe média assalariada. A importância da individualidade, dos valores cosmopolitas, e do consumismo forma e caracterizam esses novos atores sociais.

I.ii – A classe média no Brasil

Durante o período colonial Caio Prado Jr. (1942) aponta que afora o trabalho escravo, surgia o trabalho dos homens livres pobres, que devido às características da produção colonial era instável. Os grupos médios eram insignificantes e a elite dominante, no caso dos profissionais liberais, estava submetida à oligarquia ou exerciam suas atividades, sem, contudo formar um grupo de destaque já que muitos eram escravos ou ex-escravos.

O comércio estava monopolizado pelos portugueses e a Igreja representava algum caminho de ascensão social uma vez que funcionava como institutos de ensino superior no Brasil colonial. Os profissionais liberais eram praticamente inexistentes cujo exercício da profissão dependia de diplomas adquiridos no exterior.

Dessa forma não podia surgir uma classe média do capitalismo a não ser por alguns poucos segmentos que cuidavam da máquina burocrática da administração colonial.

Entre a Independência e a República novas potencialidades econômicas aparecem na sociedade brasileira permitindo algumas transformações nos antigos grupos sociais. Com novas estruturas políticas mais autônomas, uma nova situação de mercado surge como o comércio local bem como a expansão dos serviços públicos. Ainda sim a emergência de classes médias no Brasil começa a ganhar corpo somente no período pré-1930 quando esse grupo social se destaca na cena política; mesmo diante de uma maior consolidação econômica a sociedade brasileira precisa amadurecer tanto no aparelho burocrático estatal e na diversificação do mercado interno.

Ao longo do século XX a classe média brasileira passa por dois movimentos distintos de evolução, o primeiro na década de 30, com a expansão dos empregos assalariados e crescimento do rendimento da população em virtude do projeto de industrialização e urbanização do país; o segundo movimento, desde o final da década de 80, marcado pelas mudanças na economia brasileira e pela decomposição das funções intermediárias dentro das grandes empresas.

Até a década de 1920 a estrutura ocupacional brasileira estava diretamente relacionada ao meio rural com a propriedade privada e com a posse de algum meio de produção destacando-se pequenos e médios produtores em regime de negócio familiar e de empregados assalariados como administradores de fazenda, comerciantes locais e transportadores de produtos agrícolas. Nas cidades destacam-se os negócios envolvendo o comércio varejista, as atividades de profissionais liberais autônomos e funcionários públicos civis e militares. Como aponta Furtado (1971) notava-se a presença de uma pequena classe média assalariada que era constituída por empregados de maior posição nos bancos, comércio, transporte e administração pública.

A força econômica nacional dependia em grande medida das atividades do campo dentro de um modelo primário-exportador vigente na época com as exportações café, açúcar e borracha. Pensando em termos políticos a classe média esbarrava no poder das oligarquias, com a crise de 29, a pressão interna pode ser ouvida (FURTADO, 1971). Somente após a Revolução de 30 o Brasil altera o seu modelo econômico avançando para o projeto de industrialização nacional com ênfase na urbanização, dessa forma um modelo de reprodução de classe média baseado no assalariamento urbano inicia-se na sociedade brasileira. A velha classe média proprietária perde força gradualmente, porém no campo permanece inalterado o modelo conservador do latifúndio sem maiores chances de ascensão social por parte dos pequenos proprietários. Um forte movimento de êxodo rural para as cidades se intensifica deslocando para as mesmas maior potencialidade de mobilidade social.

Nas cidades ganha destaque a classe média não proprietária e também oportunidades pontuais para pequenos e médios empreendimentos, com a urbanização estimulada da década de 30, o emprego assalariado foi o que mais cresceu.

Entre as décadas de 30 e 70 observa-se a ampliação da classe média brasileira como também a alteração de sua composição interna, por exemplo, no final da década de 60 a camada média assalariada era majoritária no total da classe média do país, superando as camadas médias proprietárias e detentoras de algum meio de produção (GUERRA, 2006).

Marcado pela forte expansão das grandes empresas no país e das instituições o período entre as décadas de 30 e 70 caracterizou-se primeiramente pelo capital estrangeiro vinculado à exportação e num segundo momento a grande empresa estava associada ao desenvolvimento do setor produtivo estatal. A Era Vargas (1930-1945 e 1951-1954) foi fundamental na construção de um conjunto de atividades empresariais com a criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES), da Petrobrás, da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), da Companhia Vale do Rio Doce.

Porém foi no período do governo Juscelino Kubitschek (1956-60) que a classe média assalariada ganhou maior expressão no setor privado e dentro da sociedade brasileira. Por meio do seu Plano de Metas, JK estimulou a entrada e instalação das grandes empresas transnacionais no país, onde se destacaram as indústrias automobilísticas e de material elétrico. A demanda por mão-de-obra qualificada com formação média e superior acompanhada de salários maiores em relação aos empregados do chão de fábrica foram destaque neste período.

Os chamados “anos dourados da classe média brasileira” também conhecidos como o período do milagre econômico brasileiro (1968-1973), sob ditadura militar, caracterizam-se pela forte expansão dos postos de trabalho de nível superior nas grandes empresas privadas e no setor público despontando os primeiros movimentos de ascensão e mobilidade social urbana. A permanência do monopólio do acesso à educação média e superior garantiu a formação de uma grande elite fundamentalmente branca no país com a consequente exclusão da população negra das oportunidades de trabalho de classe média (GUERRA, 2006). Neste sentido, o avanço da mobilidade social proporcionada por uma melhor estruturação no mercado de trabalho não tira da educação a crucial importância de uma maior possibilidade de ascensão social no período.

Porém, a partir da década de 80, com o abandono da política de industrialização nacional o assalariamento foi contido, os empregos tradicionais nas estruturas das grandes empresas sofreram um enorme achatamento.

A desestruturação do mercado de trabalho e as ocupações assalariadas transformando-se em trabalhos não assalariados marcam esse período. Dessa forma a classe média parte para atividades autônomas, tais como, consultores, trabalhadores independentes, cooperativados e empresas sem trabalhadores, ou seja, a pessoa jurídica.

O Brasil caracteriza-se pela presença de desassalariamento de postos de trabalho da classe média e pela expansão de pequenos empreendimentos o que fortalece e recupera a importância de uma classe média proprietária detentora de reduzidos meios de produção. (GUERRA, 2006)

A década de 90 consolida o cenário dos anos anteriores (pequenos empreendimentos e ocupações autônomas) com a evolução da classe média estritamente relacionada ao comportamento geral da economia. A tendência neoliberal de abertura comercial, financeira, tecnológica, produtiva e laboral da época atinge especialmente a classe média.

A orientação da política econômica brasileira nos anos 90 inaugura uma nova etapa do desenvolvimento do país, indicando caminhos diversos daqueles experimentados pelo país nas décadas anteriores, principalmente no que diz respeito ao papel do Estado dentro de um contexto de retomada do crescimento. As mudanças no plano econômico visavam uma “adaptação” interna ao panorama financeiro internacional, no qual se verificava alta liquidez e baixas oportunidades de aplicação de capital no conjunto dos países desenvolvidos. Neste quadro, volta a ser possível a aplicação de capital internacional em países como o Brasil.

Assim, a abertura comercial e financeira dos anos 90 tinha como característica atrelar a economia brasileira às mudanças observadas na economia mundial, principalmente no que diz respeito à liberalização dos fluxos financeiros. Para o Estado essa seria uma possibilidade de atrair recursos externos e retomar o crescimento nacional.

O parque produtivo brasileiro foi severamente exposto à concorrência externa num cenário macroeconômico instável, acarretando no fechamento de inúmeras empresas nacionais ou na redução profunda da oferta de empregos de maior nível salarial.

A manutenção da sobrevalorização cambial, as taxas reais de juros elevadas e o aprofundamento da abertura comercial exerceu, segundo Belluzzo e Almeida (2002), um efeito perverso sobre o custo de uso do capital existente, favorecendo a racionalização da produção, com corte nos custos das empresas, introdução de inovações organizacionais, terceirização de atividades, que promoveram crescimento insuficiente dos postos de trabalho.

Além disso, o regime cambial e monetário do Plano Real provocou a quebra de elos da cadeia produtiva em diversos setores da indústria. Segundo Belluzzo e Almeida (2002), a perda de elos das cadeias produtivas denota a redução do valor agregado para um mesmo

valor bruto de produção, representando a eliminação de pontos de geração de emprego e renda.

Assim, o emprego sofreu um revés, em primeiro lugar, a taxa de desemprego atingiu níveis inéditos na economia brasileira e em segundo lugar, o mercado de trabalho passou por um processo de reestruturação.

É dentro desse contexto que deve ser entendida a evolução das ocupações de classe média na estrutura sócia ocupacional brasileira, isto é, a partir das dificuldades enfrentadas pelo mercado de trabalho brasileiro diante de uma situação de reestruturação econômica a qual se pautou por baixo crescimento econômico.

Observa-se no período crescimento das ocupações em nível inferior ao crescimento da população economicamente ativa, crescimento do ocupados sem carteira e por conta própria, redução das ocupações no setor primário, estagnação no setor secundário e crescimento do terciário. Dessa forma, a classe média também foi abalada pelas restrições vislumbradas no mercado de trabalho. Embora tenha sido registrada expansão das ocupações de classe média entre 1981 e 2003, registrou-se também uma tendência de “rebaixamento” das ocupações identificadas com a classe média, o que pode indicar um processo de expansão com precarização. (GOMES, 2005)

O doutor desempregado e “biscateiro” são fenômenos dessa mutação por que passou a classe média brasileira pós-1980. (GUERRA, 2006)

Com isso a classe média sofre diretamente com o desemprego e com a queda de renda num cenário de estagnação econômica. Esses indivíduos perdem status de classe e ficam diante de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente de novas qualificações impactando diretamente nas aspirações de ascensão social. A mobilidade e a ascensão social não são mais possíveis para os grandes segmentos populacionais da classe média que veem cair vertiginosamente o seu padrão de consumo. Por outro lado, a alta classe média consolida-se baseada na renda financeira.

Segundo Guerra (2006) depois de 80 volta a crescer a participação da camada média baixa no total das ocupações tradicionalmente de estratos intermediários da estrutura ocupacional, ao passo que os pesos da média camada média e média camada alta praticamente se estabilizaram nas duas últimas décadas do século XX.

Em suma, todo esse conjunto de transformações ocorreu em grande parte devido a dois motivos distintos. O primeiro refere-se ao modelo econômico do período de 1964-1985 provocando enorme concentração de renda, por meio de uma política salarial que favoreceu o arrocho das remunerações mais baixas, associada ao avanço do setor privado que aumentou a

diferenciação dos rendimentos e pelas políticas públicas fiscais e monetárias que beneficiou os estratos hierarquicamente superiores da pirâmide distributiva. O segundo motivo está vinculado ao ciclo de financeirização da riqueza e da importante reestruturação empresarial ocorrido na década de 90, o que provocou uma alteração na composição da renda no interior da classe média.

Assim, a partir da década de 90, a maior ênfase do setor privado não se resumiu ao emprego assalariado, mas também à expansão do setor terciário onde atividades de serviços e de comércio apresentaram as maiores contribuições relativas no total da classe média atual.

Guerra (2006) aponta a ascensão da classe média brasileira como resultado do modelo de desenvolvimento nacional das décadas de 1930 a 1980, associada à expansão da urbanização do país, ao aumento da participação do Estado na economia com reflexos na atividade comercial urbana e na burocracia estatal. Assim, as classes médias e altas foram amplamente beneficiárias da expansão do emprego e do surgimento da sociedade de consumo nos anos do “milagre econômico” brasileiro. Entretanto, a década de 80 foi marcada por choques inflacionários e medidas recessivas, seguida da década de 90 pela adoção de políticas neoliberais de abertura comercial e financeira promovendo o avanço do processo de fragmentação da classe média no Brasil e consequentemente tornando mais complexa a nova estratificação social brasileira.

I.iii – A crise da classe média e dificuldade de reprodução social no cenário brasileiro

Entende-se por reprodução social o processo mediante o qual uma sociedade, através de diversos mecanismos, reproduz a sua própria estrutura. Bourdieu (2006) utiliza o conceito de *habitus* para explicar os mecanismos através dos quais aprendemos a fazer parte de uma sociedade e a reproduzi-la continuamente através das nossas ações, mas também a modificá-la.

Assim a partir do *habitus*, um conjunto de disposições permanentes, os indivíduos podem produzir pensamentos, percepções, expressões, ações; que teriam sempre como limite as próprias condições históricas e socialmente determinadas em que o próprio grupo social é produzido. Ou seja, sendo produto de um conjunto de condicionamentos, o *habitus* tende a reproduzir a lógica dos mesmos condicionamentos.

Assim, do ponto de vista da sociedade global, estas pequenas ações, que quotidianamente pomos em prática, permitem garantir certa continuidade do sistema social existente, isto é, reproduzi-lo.

Reprodução social, portanto, é o ato de refazer-se socialmente de forma constante e mais, os indivíduos precisam dar condições de reprodução social àqueles que deles dependem seja por motivos biológicos, sociais ou físicos.

É preciso entender que a formação, desenvolvimento e a crise deste contingente no cenário brasileiro possuem características peculiares. Pode-se dizer que a antiga classe média brasileira começa a surgir com a Independência do país, deixando de ser colônia de Portugal há a necessidade de uma organização e estruturação enquanto Estado, assim destaca Fausto (1996) que pessoas ligadas à classe alta sejam por relações de parentesco ou amizade passam a ocupar postos no interior da hierarquia político-administrativa. Esse grupo não estava ligado a nenhum processo produtivo, mas basicamente a economia cafeeira e a algumas poucas atividades comerciais ligadas a exportação do café. Portanto, a reprodução social no interior dos organismos estatais estava ligada aos comportamentos, posturas e moral da elite oligárquica agrícola.

Entretanto, esse grupo seria suplantado por uma nova e moderna classe média urbana bastante vinculada ao processo produtivo, que passava por transformações significativas. Eram os novos industriais, muitos deles imigrantes que passam a emergir no cenário econômico com uma posição de destaque junto à elite tradicional. Estes ascendem e se tornam poderosos empresários em contraponto a velha oligarquia do café pressionando o Estado no sentido de projetar o país ao moderno.

Associado a esse processo o campo passa por importantes modificações ligadas à modernização o que contribui para a vinda de uma massa de indivíduos que fomenta o crescimento urbano das cidades e é absorvida como mão de obra operária; afinal os centros urbanos ofereciam melhores condições de vida, salários e oportunidades (SILVA, 1986).

A industrialização, a urbanização e o crescimento paralelo do Estado criaram uma demanda incomum no país: ocupações profissionais desligadas das funções braçais, isto é, uma burocracia de nível intermediário capacitada para dar conta das novas tarefas e necessidades surgidas com o crescimento das organizações privadas e públicas e da expansão do espaço urbano brasileiro, como aponta Bresser Pereira (2005).

“(...) uma imensa gama de profissões, incluindo não só profissionais liberais e funcionários públicos, mas também técnicos, administradores e empresas, assessores, empregados de escritório, empregados de empresas de serviços auxiliares da indústria e comércio, vendedores, operários especializados e uma infinidade de outras profissões” (BRESSER PEREIRA, 2005).

Neste sentido o autor acima citado afirma que essa moderna classe média nascente no Brasil possui algumas características básicas, tais como: uma progressiva integração às novas formas de produção, já que crescem a indústria e os serviços, é a classe média que atende com mão-de-obra as demandas qualificadas das empresas que surgem e se desenvolvem; formam a base burocrática privada e pública diante da expansão das empresas e do Estado pós 30 e alcança a diversificação de suas atividades profissionais respondendo ao crescimento e diferenciação das atividades econômicas, bem como ao alargamento das ações do Estado. A classe média vê um conjunto de oportunidades de inserção de produção cada vez mais ampliado e suas ocupações se tornam mais variadas.

Portanto, esse grupo de indivíduos continua integrando-se, ampliando-se e diversificando-se. A ascensão da classe média moderna indica uma mudança no eixo de estratificação social, que passa a se basear no emprego, no contrato de trabalho. (GUERRA, 2006)

Mills (1969) destaca que a nova classe média estadunidense descobre o seu caráter dependente em relação à grande empresa e consequentemente de sua posição dentro da hierarquia profissional no interior do grande capital, ou seja, sua posição dependia e ainda depende do contrato de trabalho.

No caso brasileiro, com base nos dados da PNAD/73 sobre a origem social dos diversos estratos sociais revelou-se que 65% dos chefes de família do estrato médio-médio ascenderam socialmente enquanto que no estrato médio-superior a proporção foi de 78%. No que se refere à ampliação desses estratos apresentaram um crescimento da ordem de 103% para o médio-superior entre a geração dos pais e filhos e para os estratos médio-médio-médio-médio-médios-médios o aumento foi de apenas 33%. (BONELLI, 1989).

Toda essa mudança na estrutura social refletiu-se no processo de construção da identidade desses grupos sociais, na sua visão de mundo e nas suas expectativas. A maioria dos indivíduos desses dois estratos galgou posições na hierarquia social consideravelmente, superiores às de sua origem. Diferenciavam-se das pessoas de origem mais baixa por pertencerem a famílias que puderam com grandes esforços prolongar a educação formal de seus filhos. A visão de mundo desses dois estratos estava profundamente associada à necessidade de esforçar-se quando jovem para não padecer de dificuldades mais tarde. Portanto como destaca Bonelli (1989) a regra geral de ascensão dessa classe média foi por meio da escolarização em detrimento daquela do tipo *self-made man*. Esse universo era bastante distinto daquele que vivenciavam anteriormente e seu estilo de vida, após

experimentarem essa mobilidade social, alcançou novos níveis de consumo inflacionando suas aspirações futuras.

A desaceleração na oferta de empregos de alta qualificação seguida da posterior mudança no cenário econômico do país que passou a enfrentar um período de crise e recessão afetam significativamente as aspirações deste grupo. A nova geração que ingressa na universidade a partir de meados de 70, seguindo o exemplo da anterior, já não consegue alcançar tanto sucesso na ascensão material. Mesmo garantindo patamares elevados em termos de escolaridade, preservando sua distinção valorativa, vê seu poder aquisitivo não corresponder às expectativas. A eficácia da escolarização como forma segura de ascender socialmente perde sua função e o cenário que surge é de uma quantidade de novos titulados que ingressam no mercado de trabalho e não conseguem ser absorvidos por ele. Esse incremento na demanda por titulação universitária provoca a elevação da pauta das aspirações dos indivíduos que se deparam com a frustração desses planos que se atritam com a trajetória realizada acarretando insegurança e ressentimento. Dessa maneira as gerações de 60-70 tiveram seus planos de futuro contidos, de um lado pelas alterações no mercado de trabalho e de outro lado pela retração econômica.

Segundo Bonelli (1989) a queda no poder aquisitivo demandou uma reestruturação no estilo de vida através das contenções no consumo, mas também e fortemente impôs mudanças mais profundas nos valores com os quais a classe média havia procurado construir a sua identidade. Assim houve a profunda redefinição de valores e visões de mundo que caracterizaram a sua diferenciação social.

A autora destaca que a solidariedade na ação coletiva, família como foco de segurança, certo desprezo pelo supérfluo e por aqueles que podem esbanjar; como valores que passam a integrar sua nova visão do mundo construindo uma consciência coletiva de classe média.

Essa consciência coletiva de classe média que emerge neste período possui três pilares de sustentação: a percepção de que o contexto socioeconômico interfere nas oportunidades de vida de cada um; a necessidade de basear-se na solidariedade entre os semelhantes e na insegurança gerada pelas ameaças à estratificação por status.

Obviamente que a classe média não perde o sonho da ascensão social e material, mas passa a distinguir o sonho da realidade o que lhe permite de um lado certo grau de conformismo e aceitação do que lhe é possível realizar e de outro a criação de mecanismos próprios de defesa e preservação de interesses. Neste âmbito passa a usufruir das oportunidades individuais para viabilizar suas aspirações, mantendo elevada estima social

configurando que a ascensão social é possível criando dentro deste universo um estilo de vida circunspecto que a diferencie dos de cima e dos de baixo.

Entretanto os problemas se intensificam no começo dos anos 80 quando a economia brasileira sofre com a grave crise da dívida. Na primeira metade desta década, depois de muitos anos, o país apresenta uma queda na renda *per capita* real, sendo esta a primeira queda significativa em todo o período de industrialização do país. A segunda metade dos anos 80 foi marcada por planos de estabilização de preços, choques heterodoxos com congelamento oficial de preços seguido por uma aceleração dos índices de inflação. O cenário torna-se mais ainda turbulento em função da transição política da ditadura militar vigente desde 1964 para a democracia política formal com a entrega do poder aos civis.

O crescimento econômico brasileiro perde o vigor em meio a uma década conturbada nos âmbitos econômicos e políticos e a classe média começa a sentir os efeitos de uma economia semi-estagnada, uma vez que a sua força está intimamente ligada a industrialização e a ampliação dos serviços nas grandes cidades.

Com poucos investimentos a estabilidade do setor produtivo não proporcionava novas oportunidades de incorporação de trabalhadores e, por conseguinte a não ampliação das atividades produtivas prejudicavam o crescimento da classe média que percebia a redução drástica de suas chances de mobilidade e ascensão em relação à décadas passadas. É a partir deste período que a mobilidade ascendente, principalmente dos filhos, se revertem.

A classe média brasileira, então sofre com as transformações da economia, com o esvaziamento dos empregos tradicionais, com as novidades tecnológicas que a obrigou a malabarismos impensáveis e tem dificuldades de reproduzir-se em um país que cresce pouco economicamente. Há uma generalização das dificuldades que até então eram percebidas de forma mais particular difundindo sentimentos de privação em relação aos objetivos de vida para o qual os indivíduos haviam se preparado.

As taxas de desemprego nas grandes cidades explodem como aponta Guerra (2006), em 1980 o Brasil ocupava a nona posição de país com maior número de desempregados, em 1985 a sexta posição e em 2000 a segunda posição.

A década de 90 assistiu ao aumento do comércio de rua nas grandes metrópoles diante dos alarmantes índices de desemprego fazendo com que trabalhadores antes formalizados e com direitos garantidos buscassem possibilidades de sustento instáveis, de baixa produtividade e consequentemente de baixa renda.

Outro fenômeno também marcou esse período, muitos de brasileiros deixaram o Brasil, os Estados Unidos foi o destino mais escolhido. Os brasileiros desenvolviam

atividades de pouca qualificação como: lavar pratos, limpezas de residências, construção de casas entre muitas outras. As cidades que mais receberam brasileiros foram Nova York, Boston e Miami.

Assim todas as estratégias “garantidas” de se alcançar a segurança econômica e estatutária necessárias para caracterizar padrões de vida típicos da classe média desmurcham-se no turbilhão das mudanças sociais e econômicas.

Este conjunto de ocorrências por si só já limita bastante o tamanho possível da moderna classe média brasileira, que já era um grupo social pequeno, e a partir do início da década de 90, enfrenta uma crise de reprodução social como consequência da transformação ocorrida na economia brasileira. Logo trabalhadores já desempregados e subempregados somam-se aos que chegam ao mercado de trabalho, e aos jovens, advindos obviamente do próprio crescimento vegetativo da população.

A baixa acumulação de capital produtivo acarreta menos oportunidades de trabalho para os estratos intermediários da população, dificulta a absorção pelo mercado de trabalho da classe média urbana, bem como oferece escassas possibilidades de se alcançar bons contratos de trabalho, fonte maior de reprodução deste grupo social.

Como se não bastasse poucas vagas de qualidade disponíveis no mercado de trabalho e as muitas fechadas, a renda média mensal real do trabalhador urbano entrou em queda, ou seja, mesmo a classe média que manteve seu status de trabalhador formalmente contratado sofreu perda de poder aquisitivo. Neste sentido, o nível de consumo não pôde mais ser mantido, comprometendo a reprodução social do grupo, uma vez que o padrão de consumo é uma das variáveis fundamentais na diferenciação e na identificação deste estrato social.

A multiplicidade de referências é um dado objetivo nas análises sobre a classe média, não só por sua própria trajetória, composta de altos e baixos, com oscilações na posição social, como também pelos seus parâmetros que são extraídos de um amplo e diversificado universo de estilos de vida com o qual convive cotidianamente.

As transformações econômicas, sociais, políticas, no mercado de trabalho, na produção manufatureira e nas ocupações profissionais ocorridas desde a década de 30 até a de 90 intensificaram o processo de mudanças na classe média não só no Brasil, mas no cenário internacional.

I.iv – A redivisão internacional das classes médias

Com a queda do muro de Berlim em 1989 e do bloco socialista no mundo, a década de 90 se inicia cercada de reflexões sobre como se configuraria a ordem internacional. Neste

cenário o Brasil busca por parcerias internacionais destacando-se Rússia, Índia, China e África do Sul por serem detentores de grandes territórios, grandes populações, recursos naturais e com certo grau de desenvolvimento científico e tecnológico. Em 2002 foi estabelecida a parceria estratégica com a Rússia, com a Índia as primeiras declarações bilaterais surgem em 2003 e em 2010 firma-se a colaboração com a África do Sul. (POCHMANN, 2013)

Apesar do notável peso dessas nações era ainda prematuro na década de 90 considerarmos a formação de um agrupamento como os BRICS de hoje por conta das dificuldades internas de ordem política e econômica enfrentadas por esses países no período e também pelo fato do G7 (Canadá, França, Japão, Alemanha, Reino Unido, Itália e EUA) representarem o núcleo duro do poder econômico no contexto internacional.

Contudo o cenário internacional seja nos campos político ou econômico mudam significativamente desde então. O início do século XXI passou a explicitar de modo contundente o que o Brasil (e outros países) apontava há décadas – a falta de representatividade e, portanto, de legitimidade das instituições internacionais gestadas no pós-guerra.

Essas circunstâncias abriram espaço para a conformação de novas instâncias de articulação e de coordenação envolvendo países em desenvolvimento. É nesse contexto, e com esse espírito, que se constituíram, em 2003, o fórum Índia-Brasil-África do Sul (IBAS), e as Cúpulas bi regionais ASA (América do Sul-África) e ASPA (América do Sul-Países Árabes). (POCHMANN, 2013)

Esses mecanismos diferem dos blocos de integração regional, formados com base em contiguidade territorial ou relações de vizinhança (MERCOSUL, UNASUL e Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos – CALC/CELAC). Pela abrangência de suas agendas, diferenciam-se também de outros grupos dos quais o Brasil faz parte, como o G4 (Brasil, Índia, Japão e Alemanha) que trata exclusivamente da reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas; o BASIC, que reúne Brasil, África do Sul, Índia e China nas negociações sobre mudança do clima; ou o G20, centrado na agenda econômica global. (PIMENTEL, 2012).

A conformação dos BRICS é posterior à formação do IBAS, da ASA e da ASPA, mas segue os mesmos princípios. Surge antes para complementar a governança global do que para com ela competir. Iniciou-se de maneira informal em 2006, com almoço de trabalho, à margem da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), coordenado pelo lado russo. Em 2007, o Brasil assumiu a organização do referido almoço à margem da AGNU e, nessa

ocasião, constatou-se que o interesse em aprofundar o diálogo merecia a organização de reunião específica de chanceleres do BRIC. A primeira reunião formal de chanceleres realizou-se já no ano seguinte, em 18 de maio de 2008 marcando o momento em que o BRIC deixou de ser uma sigla que identificava quatro países ascendentes na ordem econômica internacional para se tornar uma entidade político-diplomática. Desde 2009 o BRIC vem se reunindo anualmente na forma de encontros de cúpula e com uma agenda econômica própria. (PIMENTEL, 2012).

Em 2010, a China ascendeu ao posto de segunda economia do mundo e de maior exportadora global, o Brasil a sexta maior economia, a Índia mantém elevadas taxas de crescimento anual como a nona maior economia e a Rússia estabiliza-se economicamente. A África do Sul reconstrói-se com o fim do *apartheid* e com o fortalecimento de sua economia e democracia em 14 de abril de 2011, o "S" foi oficialmente adicionado à sigla BRIC para formar o BRICS, após a admissão da África do Sul ao grupo. (POCHMANN, 2013)

Dados de 2011 apontam que os BRICS representam 43,03% da população mundial, 18% do PIB nominal mundial e 25% do PIB per capita, 25,91% da área terrestre do mundo e 46,3% do crescimento econômico global de 2000 a 2008 (PIMENTEL, 2012).

A articulação dos países em desenvolvimento foi favorecida em grande medida pelo deslocamento da riqueza e da geografia do crescimento no mundo.

Desde o final da década de 60 o cenário internacional assiste a um deslocamento mundial da produção de manufatura para Ásia. Com o aumento do desenvolvimento industrial japonês no pós-guerra consolidando-se no final dos anos 60 seguido pela passagem para os países denominados de Tigres Asiáticos (Hong Kong, Taiwan, Singapura e Coréia do Sul) nos anos 80 a região do Pacífico sul ganha expressão na produção global de manufatura. Na década de 90 a China assume a proeminência desta expansão econômica.

Desta forma os países desenvolvidos perdem gradativamente a participação relativa na produção global. Em 2010, por exemplo, o peso do valor global da manufatura foi de 66,2% ante 81,5% em 1990. (POCHMANN, 2013).

Assim os países asiáticos crescem suas economias mais rapidamente que o conjunto do mundo e avançam com isso a sua importância nas cadeias produtivas e na diversificação das exportações. Com a adoção de políticas de globalização neoliberal as economias asiáticas e principalmente a China aproveitam a oportunidade para se posicionarem de forma estratégica na repartição da produção global.

A América Latina não acompanha a trajetória dos países asiáticos e desde a década de 80 reduz sua participação na produção global de manufatura e ao mesmo tempo reforça a

especialização de sua estrutura produtiva nos setores de maior conteúdo de recursos naturais e montagem industrial. (POCHMANN, 2013).

Em suma, a economia global vem conhecendo transformações estruturais relevantes acompanhadas de uma mudança no centro dinâmico da produção e economia mundiais.

Portanto, a mudança na repartição geográfica da riqueza mundial segue acompanhada da diminuição nas taxas de miseráveis no mundo. Segundo Pochmann (2013) isso é verificado quando se considera o parâmetro de medida da pobreza a partir de uma linha monetária de necessidades de consumo a serem atendidas, isto é, quando se observa o rendimento per capita familiar de até US\$1,25 ao dia há uma queda de quase 42% de toda a população, em 1990, para menos de $\frac{1}{4}$ no início da segunda metade do século XXI no mundo.

Percebe-se então que o crescimento econômico mais intenso nos países não desenvolvidos tem proporcionado à redução do peso relativo da população na base da pirâmide social. Esse fenômeno acarreta transformações na estrutura social de vários países, contudo estas não são homogêneas nos mesmos. Entretanto a mudança mais significativa a ser destacada é a redivisão internacional da classe média, uma vez que o poder do capitalismo industrial possibilitou trajetórias de mobilidade social impulsionando o aparecimento da classe média não proprietária.

Dados da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), demonstrados em Pochmann (2013), apontam que, em 2009, cerca de 1,8 bilhão de pessoas era considerada de classe média pelo critério exclusivamente de renda, isto é, com rendimento médio familiar per capita entre 10 e 100 dólares diários. Para o ano de 2020 projeta-se 3,2 bilhão de indivíduos para a condição de classe média, ou seja, uma elevação acumulada de 76,1%. Assim segmentos pauperizados ascendem na escala social considerada como de classe média apenas pelo critério exclusivo de rendimento.

As mesmas informações permitem a observação de que somente os países pertencentes à Ásia terão um aumento absoluto e relativo na quantidade de habitantes na condição de classe média entre 2009 e 2020, dessa forma em sete anos mais 54% da população da classe média medida por critério exclusivo monetário deverá estar concentrada nos países asiáticos. Os países da América do Norte e Europa que eram responsáveis pela concentração de 2/3 da classe média global perdem participação relativa na divisão global da classe média contando em 2009 com 1/5 do total de indivíduos, no caso da América do Sul e Central a diminuição relativa no total da classe média global foi de 16,6% no mesmo período de tempo. (POCHMANN, 2013).

Neste sentido o processo de desindustrialização acompanhado do avanço da terceirização da economia se reflete no tipo de ocupação gerada e na remuneração auferida pela mão de obra empregada acarretando alterações significativas na estrutura produtiva e ocupacional. (NERI, 2009).

Já são observados países que ainda não completaram plenamente o seu processo de industrialização e apresentam avanços significativos para estruturas sociais de base nos serviços e assim o uso do conceito de classe média pode se tornar impróprio, já que a aplicação simplista do conceito tradicional de classe, sobretudo o de classe média está ancorado no critério exclusivo de rendimento. (POCHMANN, 2013).

No caso brasileiro se observou na primeira década dos anos 2000 a ascensão nos rendimentos da população assentada na base da pirâmide social impulsionado pela ampliação do setor terciário da economia nacional, estabilização da moeda, acesso amplo ao crédito, programas de transferência de renda pelo Estado e reajuste do salário-mínimo acima da inflação.

Este fenômeno batizado de “nova classe média” brasileira tem sido amplamente discutido em estudos e pesquisas recentes e é o que veremos a seguir.

I.v – Uma “nova classe média brasileira”? – o Brasil dos anos 2000

O fenômeno social da primeira década dos anos 2000 trouxe transformações importantes para a sociedade brasileira. A partir de uma nova dinâmica socioeconômica do país um contingente considerável de indivíduos emerge de sua invisibilidade como consumidores e passa a “ditar” tendências de mercado.

É inegável que do ponto de vista da distribuição de renda, da diminuição da pobreza, do crescimento do emprego e da formalidade do mercado de trabalho houve uma melhoria significativa para uma grande parte da população brasileira.

Se de um lado as abordagens têm privilegiado dimensões diferentes desse fenômeno, chegando a ser denominada na literatura recente como o surgimento de uma “nova classe média”, de outro lado o palco midiático aponta seus holofotes para os protagonistas sociais do momento, a “nova classe média”.

Muitas vezes são representados como um estrato homogêneo composto por batalhadores, otimistas, indivíduos que “subiram na vida”, com grande potencial de consumo e acesso a bens duráveis, como também no acesso ao ensino superior privado ou público, este com estímulo de programas do governo.

Se as mudanças e transformações da última década estão provocando polêmicas e discussões em diversos setores da sociedade, não seria diferente no meio acadêmico, destaca-

se o enfoque ao fenômeno em si e mais precisamente à classificação dada ao público emergente.

O ponto inicial é a publicação do trabalho de Neri (2009) intitulado *Consumidores, Produtores e a Nova Classe Média* e suas considerações sobre o público então analisado pela capacidade de renda e empregabilidade como também pelo potencial de consumo.

O foco de Neri (2011) e de seu trabalho é medir as classes econômicas a partir da literatura de bem-estar social baseada em renda per capita. Com isso a evolução das classes econômicas A, B, C, D e E foram percebidas em termos de mensuração da distribuição de renda. De forma mais particular a classe C, a qual se batizou de “nova classe média”, se destacou no período. Neri (2011) afirma que essa nomenclatura está atrelada a estratos econômicos e não a uma discussão de classes sociais.

A metodologia utilizada parte da literatura de bem estar social e de distribuição de renda per capita, tendo a família como unidade pesquisada, considerando que famílias maiores têm necessidades maiores de recursos. Ainda no estudo contemplou-se a questão da sustentabilidade e percepções das pessoas. Além disso, o que Neri (2011) chama de lado produtor, que é o emprego, a economia do trabalho e também do empreendedorismo.

A chamada “nova classe média” é o apelido dado por Neri (2011) à classe C e o novo nome, segundo ele, imprime um sentido positivo e prospectivo a aquele que realizou e continua a realizar o sonho de subir na vida. Para o autor ser “nova classe média” é uma dialética entre o ser e estar olhando para a posse de ativos e a possibilidade de decisão de escolha.

Mais do que indivíduos com acesso ao consumo, o que caracteriza a “nova classe média” é o trabalho, ou seja, o lado produtor que permite sustentabilidade para manter o padrão adquirido.

E mais, o crédito ao consumidor e os benefícios oficiais também fazem parte da classe C, mas não são os protagonistas, o emprego formal é o ícone, o símbolo de ascensão. Ao passo que o pequeno empreendedor ainda possui dificuldades – fiscais, creditícias, burocráticas - para se estabelecerem de forma mais segura. Somam-se a isso as deficiências das políticas públicas de apoio produtivo. Já contando com aumento na quantidade e na qualidade, bem como na preocupação em relação à educação ainda falta muito a fazer.

A “nova classe média” consome serviços públicos de melhor qualidade no setor privado, destacando-se, saúde, educação e previdência privada. Na visão autor, a renda é o apoio central da análise e a ela foram alinhadas perspectivas subjetivas, tais como, expectativas das pessoas, ativos físicos, humanos e sociais.

Os limites da “nova classe média” foram estipulados numa fronteira que afronta em média a renda média da sociedade, isto é, classe média no sentido estatístico. Assim a “nova classe média” está compreendida entre aqueles acima da metade mais pobre e um pouco abaixo dos 10% mais ricos.

De acordo com a Pnad a desigualdade de renda no Brasil vem caindo desde 2001. No período de 2001 e 2009 a renda per capita dos 10% mais ricos aumentou 12,8% em termos acumulados e a renda dos mais pobres cresceu notáveis 69,08% no período.

Os indicadores são complementados com os índices da PME (Pesquisa Mensal de Emprego) que foram observados nas extremidades da década (2001/2009) com uma taxa acumulada de crescimento de 10,03% para os 10% mais ricos e 67,93% para os 50% mais pobres.

O Brasil atingiu a partir do final de 2010 seu menor nível de desigualdade de renda desde os registrados em 1960, ainda que o Brasil permaneça entre as dez maiores do mundo em termos de desigualdade e levaria pelo menos 20 anos para atingir níveis dos Estados Unidos significa, porém, que existem reservas consideráveis de crescimento pró-pobres.

Assim em decorrência da manutenção do crescimento com redução da desigualdade, a pobreza também continua sua tendência decrescente que vem desde 2003 quando o número de pobres era de 49 milhões de pessoas. Pela segmentação de estratos econômicos esse contingente corresponde à classe E, isto é, uma população de 28,8 milhões de pessoas. Pelos dados da PME até maio de 2011 a pobreza continua sua tendência decrescente, destaca Neri (2011), a queda acumulada na taxa de pobreza foi de 54,18% em oito anos.

Neri (2011) destaca o primeiro salto de redução da pobreza depois do lançamento do Plano Real incluindo todos os efeitos da estabilização monetária acarretando uma queda de 31% e no final da década de Lula a taxa de pobreza cai a 67%.

Entre 2003 e 2011 cerca de 39,6 milhões de pessoas ingressou na chamada “nova classe média” totalizando 59,8 milhões, configurando um aumento acumulado de 9,12% na proporção de pessoas pertencentes a esse grupo desde 2009, o que equivale dizer que cerca de 10,5 milhões de brasileiros não eram e passam a ser “nova classe média”.

O autor conclui que em números absolutos atinge-se a marca de 100,5 milhões de brasileiros que possuem renda entre R\$ 1.200,00 até R\$ 5.174,00 mensais. O que corresponde a 55,05% da população. Dessa forma a “nova classe média” torna-se a classe dominante, do ponto de vista econômico concentrando 46,6% do poder de compra dos brasileiros em 2011.

Para medir a “nova classe média” a metodologia adotada é a da renda per capita domiciliar, já levando em consideração a configuração diferenciada de tamanhos de famílias.

O autor trabalha com duas categorias de análise, a do produtor que considera a economia do trabalho e a do consumidor que considera o potencial de consumo.

O conceito adotado pelo autor é o de estratos sociais a partir da mensuração de classes econômicas pela distribuição de renda, além disso, o estudo considera também o potencial de consumo, a geração de renda e expectativas sobre o futuro.

Neri (2011) considera usual na definição das classes econômicas o chamado Critério Brasil de pontuação a partir do acesso e posse de bens duráveis, este critério ao medir pesos para os bens classifica as pessoas por faixas de pontos usando características mais permanentes de renda corrente. Algumas adaptações foram feitas para o estudo da “nova classe média”, os resultados foram expressos de forma contínua utilizando-se a métrica da renda e também se considerou os indicadores das pesquisas domiciliares.

Para o autor o consumo corrente deve, em tese, conter todas as informações relevantes aos padrões de consumo das famílias.

O segundo ponto é averiguar a capacidade de sustentabilidade no futuro, ou seja, a geração de renda. Dessa forma deve-se medir e observar a capacidade de manter de fato o padrão de vida conquistado mediante a geração e manutenção da renda em longo prazo.

Para isso o autor trabalha com os indicadores da economia do trabalho, basicamente, o emprego formal, a carteira de trabalho assinada do marido e da mulher, entrada do filho na universidade conferindo maior empregabilidade e acesso a informática. Associado a isso se inclui também o acesso aos serviços públicos demandados pelo setor privado, saúde, educação e previdência, considerados como um aspecto de status social. A capacidade de geração de renda do brasileiro, segundo os dados do estudo de Neri (2011) subiu 31% enquanto o de potencial de consumo aumentou 21%.

Para Neri (2011) ser classe média é além de frequentar os templos do consumo, ter na carteira assinada o seu passaporte para bases sólidas de sustentação do padrão adquirido. Crédito e benefícios oficiais fazem parte da classe C, mas como coadjuvantes, o protagonista é o trabalho formal.

Os empreendedores são os outros protagonistas do mercado de trabalho brasileiro da classe C e também da E, aos qual o autor se refere como verdadeiros capitalistas sem capital, sem políticas públicas de apoio e sem crédito produtivo popular.

Em suma, para o autor o lado produtor (da economia do trabalho) é denominado como o lado brilhante da base da pirâmide.

As críticas desferidas são exatamente sobre duas dimensões: a ascensão de um grupo de indivíduos pela sua capacidade de renda e acesso a bens, não que as mesmas não sejam pertinentes, mas o entendimento que os mesmos se tornam uma “nova classe média”.

Apesar da enorme importância da remuneração, numa análise sociológica, é preciso considerar que esse não é o critério mais adequado para se auferir o crescimento ou a diminuição de um dado estrato social, até porque o aumento da renda e do consumo não representa mudanças na composição das classes no que se refere às desigualdades sociais. (SCALON, 2012)

Como ressalta Bonelli (1989) adotar uma perspectiva teórica que procure adequar uma abordagem voltada para a captação de como os indivíduos se difere e se classificam na sociedade, deve-se propor a fugir de um viés economicista que associa as transformações apenas aos processos de perda ou ganho no poder aquisitivo.

Na busca de uma definição conceitual para classes médias tem-se a dificuldade para lidar com as chamadas novas classes médias se for considerada a ótica marxista, afinal esses integrantes não são nem proprietários, mas administram pequenos negócios, exercem atividades não manuais, supervisionam trabalhadores ou possuem habilidades que os distinguem dos demais não proprietários.

A tradição marxista faz referência a um grupo estruturalmente bem delimitado, consciente de si; na realidade com aquilo que marca essa perspectiva, a consciência de classe. (SOUZA&LAMOUNIER, 2010)

Por outro lado, a tradição weberiana atém-se a características objetivamente mensuráveis como educação, renda e ocupação que são percebidas como atributos individuais.

A educação apontam Souza&Lamounier (2010), tem sido chave na criação de chance de acesso à classe média, entretanto caracterizada pelo aumento da taxa de escolaridade e da educação como diploma e não necessariamente pelo valor intrínseco para a vida das pessoas. Com efeito, a ascensão da “nova classe média” está associada à queda da disparidade educacional, o que talvez a torne um indicador menos acurado de posição social. O que a educação e mais precisamente o curso superior permite é a sua estreita ligação e consequentemente um fator condicionante tanto para a ocupação exercida quanto para futuras chances de mobilidade ocupacional.

A renda é percebida como uma forma de mensurar a capacidade e o potencial de consumo das famílias. Os rendimentos individuais podem sofrer oscilações e incertezas quanto à estabilidade da situação econômica. Em relação aos critérios subjetivos de classe,

sem considerar uma ideia rigorosa de consciência de classe, pode envolver valores, crenças e estilos de vida. (SOUZA&LAMOUNIER, 2010)

Portanto, a consciência que parece amadurecer nesta “nova classe média” pode ser observada na forma como capta as influências de um contexto socioeconômico condicionando suas oportunidades de vida e nos seus interesses diferenciados em relação a outras classes sociais.

De qualquer maneira a teoria marxista e a weberiana são correntes que servem de base para o diálogo e reflexão acerca da definição de classes. Recorrendo a análise de Scalón (2012) baseada nos trabalhos de Goldthorpe (2000) e Wright (1993) considerados os mais importantes autores contemporâneos sobre estratificação social, o debate sobre “nova classe média” se amplia.

De acordo com Scalón (2012) a visão de Goldthorpe (2000) define as classes médias pelo tipo de contrato de trabalho onde seu emprego e remuneração seriam mais estáveis e menos relacionados à produção e teriam ainda benefícios adicionais como oportunidades de carreira. Para Wright (1993) são considerados diferentes ativos tais como, meios de produção, habilidades e organização. Neste sentido, uma mesma classe poderia estar em posições distintas nos diferentes eixos. Portanto Wright (1993) percebe várias classes médias e está diretamente ligada ao caráter do trabalho exercido pelos diferentes grupos no processo produtivo, ao passo que Goldthorpe (2000) baseia-se no contrato de trabalho e na situação de mercado.

Conclui-se então, que outros critérios que não só a renda permite a construção de análises sobre as classes sociais através das informações sobre as características ocupacionais dos indivíduos, que são condicionadas em grande medida pela escolaridade. Assim a aproximação com o pensamento weberiano é inegável.

As classes médias podem ser identificadas pelas situações de mercado e trabalho que formam um agregado de indivíduos e ocupações que partilham de situações de classe semelhantes, em geral localizadas entre os grandes empregadores e os trabalhadores manuais. (SCALON, 2012)

Para Souza&Lamounier (2010) a partir dos anos 90 quando o Brasil estabiliza sua economia e deslancha um processo importante de reformas estruturais incluindo as privatizações e a uma reorientação da política social colaborou para um conjunto de transformações na sociedade alterando profundamente as percepções e estratégias de ascensão social. Com efeito, milhões de brasileiros passam a experimentar a mobilidade social num contexto de mudança no plano das identidades coletivas.

Bomeny (2011) salienta que os sinais de progressão estão inscritos na possibilidade de consumo de bens antes indisponíveis a maioria da população, acarretando a expansão do mercado interno dada pela disputa de empresas e da oferta de crédito. Cenário visto pelo ex-presidente Lula como um aumento na autoestima dos brasileiros.

A autora recorre ao trabalho de Wright Mills sobre a classe média americana dos anos 50 para fazer um paralelo entre os dois fenômenos. Para o autor americano os “White collar” são os trabalhadores caracterizados pelo contrato de trabalho mensal e por um estilo de vida que incluía certo padrão de vestimenta que indicava o seu prestígio e nível de renda. Mills (1951) ainda considera em sua análise um conjunto de atitudes e comportamentos típicos de uma sociedade de massa. A insegurança permeia a nova classe média americana uma vez que são assalariados e precisam manter seu padrão de vida. O autor americano trata esse contingente como um grupo de criação recente, um segmento da sociedade que ainda não disporia de uma cultura própria.

Dessa forma a nova classe média americana da década de 50 situa-se entre ou além do proletariado e da burguesia. Uma vez que nesta época os empresários independentes deram lugar a milhares de empregados em múltiplas ocupações marcadamente pela terceirização do trabalho e do distanciamento do trabalhador do artesanato produtivo. A racionalidade individual foi substituída pela racionalidade burocrática produtora e estimuladora dos colarinhos brancos.

Para Bomeny (2011) tais inferências de Mills (1951) podem ajudar a entender o fenômeno brasileiro. Com base em quatro pilares: a racionalização institucional a partir do planejamento burocrático; a nova forma de significação do trabalho e as bases ideológicas de sucesso e de prestígio como objetivos da vida profissional e finalmente a questão da insegurança onde a condição econômica dos atuais emergentes pode ser alterada diante de mudanças no ciclo econômico.

A análise de Scalon (2012) considerou média e faixa de anos de estudo por composição sócio ocupacional, cor ou raça por composição sócio ocupacional e o percentual de domicílios com posse de determinados bens de consumo por composição sócio ocupacional, a partir dos dados PNADs do período 2002-2009, para estabelecer duas conclusões pertinentes sobre sua análise das classes médias e de uma “nova classe média”.

A primeira conclusão aponta que as classes que mais se beneficiaram com o aumento da renda e consumo foram as mais próximas da base da estrutura social brasileira. Em segundo lugar a autora destaca que dentro da classe média há importantes divisões, por exemplo, a posição de profissionais e administradores com rendimentos elevados, alta

proporção de brancos e com nível educacional elevado, e posse de bens de consumo em seus domicílios em contrapartida houve uma aproximação dos trabalhadores não manuais de rotina (vendedores, vigilantes, operadores de telemarketing) dos trabalhadores manuais qualificados (técnicos, militares), neste sentido, Scalon (2012) tende a concluir que houve uma redução na distância entre a baixa classe média e os estratos mais qualificados da classe trabalhadora. Além disso, a autora demonstra que não houve aumento da participação das classes médias no interior da estrutura social brasileira. Portanto, Scalon (2012) pondera que o cenário atual não confere a imagem de uma “nova classe média”, mas sim de uma parcela da classe trabalhadora, utilizando-se o critério de rendimento, se aproximando das classes médias baixas.

Sob o ponto de vista estrutural para qual condição e posição social migraram esses indivíduos? Podemos chamá-los de “nova classe média”? A partir deste questionamento Kerstenetzky e Uchôa (2012) afirmam que a resposta para essas perguntas não é tão simples assim. As autoras afirmam que o critério de renda é insuficiente, tornando necessária a adoção de critérios sociológicos, bem como analisar e verificar a capacidade de sustentabilidade desses indivíduos nas posições atingidas, isto é, levando-se em consideração os capitais materiais e simbólicos como também os riscos associados às condições adversas principalmente no que se refere ao cenário econômico.

A inspiração para o debate proposto por Kerstenetzky e Uchôa (2012) está no estudo de Bourdieu (1978) que considera a dimensão do estilo de vida como marcador fundamental para construir uma identidade de classe média, significando não exatamente um padrão de consumo, mas um estilo de vida, que envolve diferenciação/distinção: morar “bem”, ter uma educação “distintiva”, consumir serviços “de qualidade”, ter acesso a “capitais”, entre outros.

Com base na renda domiciliar total, a “nova classe média” brasileira estaria compreendida na faixa entre R\$ 1.315,00 e R\$ 5.672,00 (janeiro 2013) considerando os critérios defendidos por Neri (2011), dessa forma as autoras focam nos dados socioeconômicos da POF 2008-2009 (Pesquisa de Orçamentos Familiares) no sentido de enquadrar a estatística disponível para obter um retrato qualificado do estrato social chamado “nova classe média”. As observações, com base na perspectiva sociológica adotada e nas informações obtidas, não confirmam o diagnóstico otimista de inserção dos menos empobrecidos na classe média e apontam de modo particularmente preocupante, para as ainda escassas oportunidades de realização abertas para os filhos dessas famílias menos empobrecidas.

Mesmo sem informação sobre a qualidade e o grau de distinção conferido pelo acesso a recursos e serviços, o perfil socioeconômico esperado dos domicílios brasileiros que estão localizados no intervalo de renda de R\$ 1.315,00 a R\$ 5.672,00, para que sejam incluídos na classe média “sociológica”, segundo Kerstenetzky e Uchôa (2012) são: casa própria com padrões de habitação elevados, chefes de família com acesso a crédito, detentores de educação universitária e planos privados de saúde, cujos filhos em idade escolar frequentam escolas particulares.

É surpreendente o que os dados analisados pelas autoras trazem; mais de 50% dos chefes de domicílio possui apenas ensino fundamental completo ou incompleto, o primeiro ciclo da educação básica, não apresentando um dos critérios exigidos pelo sistema educacional do país para o acesso à educação superior. Outro dado espantoso na análise de Kerstenetzky e Uchôa (2012) é que dentro de um segmento social no qual a educação universitária é símbolo identitário, mais de 10% dos chefes de domicílio são analfabetos.

Em relação à educação as autoras destacam que as oportunidades para os filhos superarem limitações de seus pais nos domicílios da “nova classe média” parecem escassas. Do desenvolvimento infantil à educação de adolescentes e jovens, elas estão extremamente comprimidas: a esmagadora maioria das crianças pequenas e dos jovens, além de uma proporção significativa de adolescentes, simplesmente está fora da escola.

Para adolescentes e jovens o teto de realização educacional, na melhor das hipóteses, é o ensino médio. A exceção cabe às crianças entre 7 e 15 anos, quase 90% das quais, contudo, frequentam a rede pública cujo desempenho médio é ainda deficiente.

Em síntese, as evidências examinadas por Kerstenetzky e Uchôa (2012) indicam que o perfil da assim chamada “nova classe média” não exibe a maior parte dos critérios distintivos de uma classe média. Neste sentido a renda é uma aproximação inadequada para o estudo desse estrato social que se caracteriza preocupantemente por uma forte desigualdade nos baixos padrões de vida e oportunidades.

A volta do crescimento econômico, os aumentos do salário mínimo e os avanços das políticas sociais devem ser reconhecidos como decisivos na recente transformação social brasileira. Outros entusiastas da “nova classe média” exaltam as virtudes do neoliberalismo ao defenderem a aceitação do crescimento possível mesmo que baseado na desindustrialização, na reprimarização das exportações e no consumo de massa atendido por importações. Esta é a matriz da interpretação dos analistas conservadores que se dizem identificados com a justiça social. Com forte penetração nos meios de comunicação, constroem junto à opinião pública a

proclamação que viramos um país de classe média. (ANTUNES, GIMENEZ E QUADROS, 2013)

Sob a ótica dos autores citados acima se comemora, sem maiores qualificações, a classe média das empregadas domésticas e dos analfabetos, a menor desigualdade social e a queda da pobreza. Mas escondem o impacto do crescimento acelerado e a necessidade da reindustrialização e da reestruturação do setor público que, ao suprir as carências históricas da educação, saúde, segurança, habitação etc., também resultaria na ampliação de uma verdadeira classe média.

Em suma, as críticas ao conceito e ao critério que definem as novas condições socioeconômicas de grande parcela da população brasileira, e, em destaque aos estratos situados na base da pirâmide chamado “novos classe média”, além de reacender debates na academia e fora dela, demonstram que é necessário uma análise que considere uma percepção mais ampla do fenômeno cuja preocupação seja não só a capacidade de transformação social no presente, mas fundamentalmente permanente no futuro.

Ou seja, uma política social não é só um montante de recursos transferidos, ela é parte de um projeto de construção de sociedade. A fabricação da classe média, ao deslocar-se desde a proposição dos sistemas universais de proteção social e inclusão no mercado de trabalho para os programas de transferência de renda, indica a construção social de outro projeto político e uma nova sociabilidade, cujas possíveis consequências merecem ser exploradas em vários aspectos. (FLEURY, 2013)

Neste sentido, Pochmann (2012) recorre à comparação de dados sobre trabalho em três momentos diferentes da sociedade brasileira, décadas de 70-80, 90 e atualmente para justificar seu argumento em torno do que chama de equívoco conceitual para a expressão “nova classe média”. Para o autor essa designação expressa uma concepção e uma condução fortemente voltada para as políticas públicas atuais orientadas numa perspectiva mercantil. Assim, conclui Pochmann (2012) saem fortalecidos os serviços de cunho público ofertados de forma privada, tais como, educação, saúde e previdência privada.

De forma mais específica Pochmann (2012) direciona sua análise para o trabalho nas atividades primárias e autônomas como também para o trabalho temporário e terceirizado; neste sentido parcelas significativas das ocupações não são geradas pela indústria, mas sim por serviços. Por isso, entende-se que são novos segmentos no interior da classe trabalhadora, portanto não se trata de uma nova classe, muito menos de uma classe média. (POCHMANN, 2012).

A classe média tradicionalmente tem uma estrutura muito diferente dos segmentos novos que surgiram no Brasil na primeira década dos anos 2000. Ela tem mais gastos com educação e com saúde. O peso da alimentação é muito menor do que o que se identifica nesse segmento de renda de até 1,5 ou 2 salários mínimos mensais como ressalta o autor.

Dessa forma, a classe média tem ativos e patrimônio, características que infelizmente não são observadas nesses segmentos que estão ascendendo. E são segmentos que, na análise de Pochmann (2012), dizem respeito à classe trabalhadora, o autor ainda declara que a abordagem de “nova classe média” é rudimentar e tendenciosa com viés político difundido e constituído pelos meios de comunicação.

Além de reconhecer o ganho *per capita* na base da pirâmide, Pochmann (2012) destaca que as razões da renovação na base da pirâmide social estão baseadas na dinâmica das transformações do trabalho, para demonstrar isso compara períodos históricos. Logo entre 1950 e 1980 o peso do produto do setor secundário passou de 20,5% do PIB para 38,6% ao passo que o setor primário foi reduzido de 29,4% para 10,7% do PIB. Neste mesmo período o setor terciário manteve-se estável com participação inferior a 51%.

O período compreendido entre 1980 a 2008 o setor terciário tem registrado aumento na sua posição relativa em relação ao PIB registrando índices de 30,6% de aumento no seu peso relativo como consequência das principais mudanças ocorridas no interior da dinâmica da produção nacional repercutindo na evolução e na composição da força de trabalho.

Durante a década de 2000 o setor terciário gerou 2,3 vezes mais empregos que o secundário e o setor primário a diminuição chega a ser nove vezes maior do que o verificado na década de 70.

Pochmann (2012) recorre ao conceito de segmento social designado “working poor”¹ como são classificados os ocupados na base da pirâmide na literatura internacional. As características das ocupações na base da pirâmide na década de 2000 para os trabalhadores com remuneração de até 1,5 salários mínimo representaram 6,1 milhões de postos de trabalho em serviços, 2,1 milhões para o comércio, 2 milhões na construção civil, 1,6 milhão para escriturários, 1,3 milhão para a indústria têxtil e de vestuário e também 1,3 milhão de postos de trabalho para atendimento público.

Outro dado importante é que na década de 2000, 60% das ocupações geradas absorveram mulheres. Do ponto de vista etário os trabalhadores de salário base concentraram-se na faixa dos 25 aos 34 anos.

¹ Jennifer Gardner Diane Herz, Working Poor in 1990. Monthly Labor Review, dez. 1992.

Os trabalhadores da base da pirâmide durante o período recente ampliaram sua dimensão e tornaram-se protagonistas de um importante movimento de mobilização da estrutura social brasileira. Essa alteração na estrutura ocupacional foi acompanhada da elevação real das remunerações permitindo potencializar a mobilidade social e a inclusão no mercado de bens e consumo.

I.vi – De quem estamos falando? - dos batalhadores brasileiros e de uma nova classe trabalhadora?

Afora as críticas direcionadas ao critério e nomenclatura do estrato social “nova classe média”, toda a recente literatura reconhece as mudanças provocadas pela estabilização da economia, da formalização do trabalho, da presença dos programas de transferência de renda e do crédito farto e fácil permitindo que uma massa de indivíduos tenha aumentado sua capacidade de compra de bens de consumo e oportunidades de trabalho.

Mas de quem efetivamente estamos falando? A dificuldade de classificar o estrato social e as recentes mudanças parece ser o cerne de toda a discussão envolvendo as classes médias no Brasil.

De todos os autores apresentados acima que criticam o conceito de “nova classe média” nenhum se arriscou em apresentar uma alternativa de classificação tanto para o fenômeno quanto para o estrato social e sua mobilidade.

Para Souza (2010) perceber as mudanças sociais, políticas e econômicas profundas no contexto de uma época em transição, é maior desafio do pensamento crítico. E isso acontece porque as categorias e os conceitos que todos estão acostumados a usar, para pensar um mundo que se transforma tão rapidamente, não o explicam mais.

Na ótica de Souza (2010) a nova classe de emergentes envolve pelo menos 30 milhões de brasileiros que adentraram o mercado de consumo por esforço próprio, sendo o exemplo da nova autoconfiança brasileira dentro e fora do país. Para o autor quando se diz que os emergentes são “nova classe média” é uma forma de dizer que o Brasil está galgando os patamares de primeiro mundo, onde as classes médias, e não os pobres formam o fundamento da estrutura social. Entretanto, o objetivo principal disso não é esclarecer o que acontece, mas reforçar o novo tipo de capitalismo que tomou o Brasil. (SOUZA, 2010).

Na classe média, ressalta Souza (2010), a reprodução se dá pela transmissão afetiva, invisível, imperceptível porque cotidiana e inserida no interior da casa, das precondições que irão proporcionar aos filhos dessa classe as mesmas chances de competir na aquisição e na reprodução de capital cultural. Mesmo invisível esse processo de identificação emocional e afetiva já envolve uma imensa capacidade e vantagem de competição social, como também

das mesmas disposições para o aprendizado, para a concentração e a disciplina. Esses dispositivos, ou seja, o processo de socialização familiar é diferente em cada classe social.

Dessa maneira, o que emerge é uma classe social nova e moderna, resultado das transformações recentes do capitalismo mundial incluída no sistema econômico como produtora de bens e serviços valorizados ou como consumidora crescente de bens duráveis e serviços que antes eram privilégio das classes média e alta. Ressalta, porém, que mesmo não se podendo definir classes sociais somente pelo critério da renda, mas, sobretudo por um estilo de vida e uma visão prática de mundo, portanto, estuda-la empiricamente e teoricamente torna-se pertinente para identificar seu lugar preciso.

Por essa razão Souza (2010) rebatiza a “nova classe média” de nova classe trabalhadora, ou seja, os emergentes que estão dinamizando o capitalismo recente na última década no Brasil. Essa classe ressalta o autor, é nova no sentido de que é fruto das mudanças sociais profundas e recentes no país em decorrência da instauração de uma nova forma de capitalismo no Brasil e no mundo. Esse capitalismo é novo porque tanto a sua forma de produzir mercadorias e gerir trabalho vivo quanto seu espírito é novo e trazem com isso um desafio à compreensão.

A partir da década de 50 tem-se na maior parte dos países europeus a combinação característica do fordismo, ou seja, rígido controle e disciplina de trabalho hierárquico e repetitivo e bons salários e garantias sociais. E mais o poder corporativo baseado na inovação tecnológica e no alto investimento em marketing permitiram uma economia de escala e lucros crescentes por meio da padronização de produtos estandardizados.

Depois da crise do petróleo em 73, os anos 80 iniciam buscando novas formas de garantir de volta as taxas de lucro atraentes e produzir uma revolução nas relações entre capital e trabalho, a transformação mais profunda para o capitalismo flexível é a mudança nas relações entre trabalho e capital. Porém, essa mudança não acontece da noite para o dia, é um processo, e antes do capitalismo flexível tem-se o toyotismo, onde a possibilidade de ganhos de produtividade está atrelada ao “patriotismo de fábrica” que subordina os funcionários aos objetivos da empresa. Neste caso há uma diminuição dos níveis hierárquicos, menos controle direto sobre o funcionário, permitindo com isso cortes substanciais de custos e possibilitando maior eficiência de ganhos e competitividade.

As novas empresas do capitalismo flexível preferem contratar mão de obra mais jovem, sem vínculos sindicais, ou seja, desenraizado e, portanto mais afeito a transformar a empresa no lugar de produção de identidade, pertencimento e autoestima. (SOUZA, 2010).

O novo espírito do capitalismo que surge a partir de 90 e que se consolida é bem diferente. Os novos gerentes e executivos se apropriam da acumulação do capital, isto é, a criatividade, a espontaneidade, liberdade, independência, inovação e ousadia. O capitalismo financeiro se caracteriza por instrumentos contábeis de todo o tipo que analisam a empresa de modo tal que a produtividade de cada trabalhador que pode ser avaliada e julgada dispensável ou não. O capital financeiro busca, portanto quanto menor o giro maior o ganho e consequentemente mais acumulação. Esse novo capitalismo transforma também a realidade dos negócios e passa a exaltar o produto direcionado às necessidades dos clientes e novos nichos de mercado são criados.

A lógica é a velocidade de giro do capital.

A instalação da lógica do capitalismo financeiro no Brasil foi rápida e retumbante, como afirma Souza (2010), onde tudo se inicia com o período de privatizações do governo Fernando Henrique Cardoso, além disso, a lógica se mantém a partir da permanência das altas taxas de juros na sociedade brasileira e também todo o novo conceito de empreendedorismo, como se todo mundo pudesse virar empresário, ressalta o autor.

Portanto para Souza (2010) chamar os trabalhadores brasileiros de “nova classe média” é ter uma interpretação triunfalista que pretende esconder contradições e ambivalências da vida desses indivíduos e veicular a noção de que um capitalismo financeiro é apenas bom e sem defeitos.

Assim a proposta de pesquisa seria tratar da realidade cotidiana dessa classe, ou seja, sua visão de mundo prática. Ao associar classe à renda é esquecer a transmissão afetiva e emocional de valores, processo invisível oriundo da socialização familiar que constrói indivíduos com capacidades muito distintas. De fato para Souza (2010) estamos diante de um fenômeno social e político novo e pouco compreendido, na realidade essa nova classe trabalhadora convive ainda com o antigo proletariado fordista (que ainda não acabou), mas permeada por novas relações trabalhistas fincadas na inovação tecnológica.

Essa nova classe trabalhadora conseguiu seu lugar ao sol à custa de muito esforço, pela sua capacidade de resistir ao cansaço de vários empregos e turnos de trabalho, à dupla jornada trabalho e escola, pela capacidade de poupança e de resistência ao consumo imediato e principalmente pela capacidade de crer em si mesmo e no próprio trabalho.

É pela transmissão de uma ética do trabalho que se percebe a diferença com relação às classes médias em que a mesma ética é aprendida a partir de uma ética do estudo. Para a nova classe trabalhadora, neste caso, formada pelos batalhadores, a necessidade de trabalho se impõe desde cedo, em muitos casos, paralela aos estudos. (SOUZA, 2010).

O autor também percebeu que isso tudo só foi possível pelo fato de um capital específico estar presente, o capital familiar. E através deste é que são transmitidos os exemplos e valores de trabalho duro e contínuo, mesmo em condições adversas, mesmo em face de um capital econômico mínimo e cultural/escolar mais baixo, os batalhadores possuem família estruturada, com os tradicionais papéis familiares de pais e filhos bem desenvolvidos. Conseguiram a duras penas certa ascensão material e alguma dose de autoestima e de reconhecimento social.

O perfil dos jovens entrevistados para essa pesquisa assemelha-se muito ao apresentado na análise de Souza (2010) em sua obra “Os batalhadores brasileiros”, este tópico será apresentado detalhadamente no terceiro capítulo dedicado aos jovens da “nova classe média”.

Neste capítulo foram abordados os aspectos da classe média a partir de uma literatura abrangente no sentido de conduzir as reflexões sobre tal público até chegarmos ao surgimento e desenvolvimento da classe média no Brasil revelando sua singularidade. Da sua estagnação entre as décadas de 80 e até finais da década de 90, o fenômeno social batizado por Neri (2009) de “nova classe média” faz ressurgir o debate até então adormecido na academia e fora dela em face de um público considerável de brasileiros que a partir do ganho real de renda, trabalho formal, estabilização da economia sai de sua invisibilidade como consumidor e desorganiza a lógica mercadológica e social.

Obviamente as críticas ao modo como o referente público foi classificado e pelos critérios utilizados logo surgiram na literatura recente. Críticas e outras abordagens no sentido de entender sob outras perspectivas esse grupo tão heterogêneo e novo também foram abordadas acima.

A identificação entre a abordagem de Souza (2010) e o público pesquisado neste trabalho sugere que a reflexão sobre os jovens aqui tratados transcorra inspirada nas discussões apresentadas na obra “Batalhadores Brasileiros”.

Provocativamente entre aspas o termo “nova classe média” está designando, neste trabalho, os jovens universitários do curso de Administração do período noturno de uma instituição privada localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Estes trabalham e estudam, são oriundos de famílias de poder aquisitivo menor e com escolaridade mais baixa, pagam por seus estudos, muitos em regime de bolsas e depositam no diploma superior a expectativa de sua mobilidade social. A necessidade do trabalho surge antes ou paralela aos estudos e o rol de escolhas profissionais também é mais restrito, seja pela baixa qualidade dos ensinos médio e fundamental maciçamente de escolas públicas seja pela dificuldade de

conciliar o trabalho e o estudo impedindo em muitos casos a escolha de um curso superior que necessite de maior dedicação.

Em suma, são jovens que lutam diariamente com a precariedade social de suas biografias e que estão bem distantes de uma classificação positiva e definitiva de “nova classe média”.

O capítulo a seguir abordará o consumo alimentar considerando aspectos da alimentação numa perspectiva socioantropológica, no sentido de contextualizar a temática, passando pela mudança nos papéis sociais da mulher, na contribuição da indústria alimentar neste processo e finalizando com as transformações do padrão de consumo alimentar no Brasil com base nos dados da POF - Pesquisa de Orçamento Familiar.

CAPÍTULO II

CONSUMO ALIMENTAR

II.i – Alimentação – sociabilidade & comensalidade

De tudo que os seres humanos têm em comum, o que os torna universalmente iguais é sua necessidade de comer e beber. Esse elemento fisiológico primitivo torna-se o contexto de ações compartilhadas onde o significado sociológico da refeição alia a frequência de estar junto e estar em companhia ao egoísmo exclusivista do ato de comer. (SIMMEL, 2004).

A alimentação envolve os mais diversos significados, desde o âmbito cultural até as experiências pessoais. Há momentos mais propícios para o doce, o salgado, a bebida, a fartura ou a restrição alimentar, que são impregnados de significados culturalmente determinados.

O campo de reflexões sobre a alimentação deve considerar as extensas e distintas perspectivas que a envolve, tais como: a econômica cuja relação entre oferta e demanda e o abastecimento, bem como o preço dos alimentos são os principais componentes; a perspectiva nutricional onde o enfoque sobre os constituintes dos alimentos e a sua relação com a saúde e uma dieta equilibrada se destacam; como também a perspectiva social quando a análise recai sobre os estilos de vida; e finalmente, a perspectiva cultural onde os gostos, hábitos, tradições e representações são pertinentes, ou seja, o caráter simbólico da alimentação. (OLIVEIRA & THÉBAUD-MONY, 1997).

As questões sobre o consumo, as mudanças, as percepções, as representações, os gostos e as práticas, enfim, as estratégias alimentares podem revelar os vários aspectos relacionados à alimentação para os diferentes grupos socioeconômicos. Assim como considerar as estratégias de produção, distribuição e repercussão junto aos consumidores permitem entender alguns movimentos como as substituições alimentares e a adoção de novos hábitos de consumo.

Como muito bem destaca Carneiro (2003) a alimentação é um fato da cultura material, da troca, do comércio, da história econômica e social, como também um fato ideológico, das representações da sociedade para a qual a abordagem científica deve ser multifacetada.

A escolha alimentar é, então, um processo dinâmico que engloba desde influências externas até a escolha individual. E mais, essa escolha também é direcionada pelas opções disponíveis, pelas expectativas dos consumidores e pela capacidade de acesso ao alimento. Dessa maneira o consumo alimentar define comportamentos específicos onde o alimento ganha significações distintas e singulares face ao sistema social onde o indivíduo encontra-se inserido.

Pode-se analisar a escolha alimentar pelo convívio do indivíduo e seus grupos, por status e grupos que deseja pertencer, pela liberdade de escolha, por valores condicionantes, por crenças ou pela experiência. Enfim, não se come genericamente. O contexto alimentar também envolve o campo político, como aponta Portilho (2011), em relação à segurança alimentar e nutricional, as políticas nutricionais e agrícolas, a regulamentação da publicidade de alimentos. Ao se considerar o sistema agroalimentar global, o comércio internacional de commodities, as corporações multinacionais, a expansão do setor supermercadista, a desregulamentação e a globalização de mercados agroalimentares e a valorização de qualidades específicas e de origem percebe-se a complexidade que a alimentação ganha nos dias atuais.

Assim o alimento está relacionado à produção de sentidos diversos, envolvendo questões sociais, políticas, econômicas e culturais. Mas os alimentos são sempre ingeridos sob alguma forma culturalizada. (BARBOSA, 2007), o que remete a comida.

Comida significa o que, o como, o quando, o com quem, o onde e de que maneira os alimentos selecionados por um determinado grupo humano são ingeridos. Assim, considera-se comida todo o processo de transformação do alimento e que é um elemento básico da reprodução social de qualquer grupo humano. Isso significa que os alimentos são sempre manipulados e preparados a partir de uma determinada técnica de cocção. (BARBOSA, 2007).

Nessa medida, a comida também se inscreve como um importante instrumento para se comunicar sentidos, assim como valores e identidades. Para Cascudo (1983 [1963]) a comida transcende do simples ato de alimentar-se.

A comida é um sistema comunicativo, com seu corpo de imagens, protocolo de usos, situações e condutas. Infere-se que “toda substância nutritiva é alimento, mas nem todo alimento é comida” (DAMATTA, 1987:22). A comida tem referenciais sociais, culturais, econômicos, simbólicos e históricos em profusão. O gosto humano por substâncias não é inato e modela-se no tempo entre forças econômicas e poderes políticos, significados culturais e necessidades e informações nutricionais (CANESQUI, 2005).

A função essencial da comida é a sua capacidade de fazer conexões entre “natureza e cultura, produção e consumo, família e sociedade, individual e coletivo, a esfera pública e a privada, corpo e mente moral e mercado” (LIEN & NERLICH, 2004). E mais ainda, a comida é “grande fonte de prazer, um mundo complexo de satisfação, tanto fisiológica quanto emocional, que guarda grande parte das lembranças de nossa infância”. (ACKERMAN, 1992)

A comida da lembrança, do trabalho, da sobrevivência, são outros exemplos dos envolvimentos simbólicos da vida social. Através dela são experimentadas e expostas as condições sociais, conforme ilustra a citação de Zaluar (1985), que diz ser a comida "um dos principais veículos, através do qual os pobres urbanos pensam sua condição".

Como muito bem destaca Mintz (2001), as atitudes dos indivíduos em relação à comida são normalmente aprendidas cedo o que confere um poder sentimental duradouro, afinal come-se todos os dias, durante toda a vida. Assim o comer assume uma posição central no aprendizado social por sua natureza vital, essencial e rotineira.

A refeição está inscrita num sistema onde a comida é apresentada sob uma forma específica e ingerida em determinados horários e circunstâncias, na companhia de certas pessoas ou sozinho. É uma situação social e cultural fortemente ritualizada. Toda sociedade estabelece normas e momentos específicos, em que determinados tipos de comida são ingeridos preferencialmente a outros, em uma determinada sequência, dentro de uma lógica de ingestão e de combinação dos alimentos entre si, isto é, o sistema de refeições. (BARBOSA, 2007).

Segundo Cascudo (1983 [1963]) a diferença entre refeição e o comer está baseada na transformação de uma situação formal e estruturada em uma situação casual, dessa forma refeição não é o mesmo que simplesmente comer. A refeição é necessariamente coletiva, parte integrante de uma totalidade social, o comer é fragmentário, individualizado e eventualmente solitário. (GONÇALVES, 2004)

Diz Cascudo (1983 [1963]) que a escolha de nossos alimentos diários está intimamente ligados a um complexo cultural e que nosso *menu* está sujeito a fronteiras riscadas pelo costume de milênios. Para o autor um sistema alimentar funciona não exclusivamente para saciar as necessidades fisiológicas, mas, sobretudo expressam um paladar cultural e historicamente formado.

Portanto, hábitos alimentares implicam no conhecimento da comida e das atitudes em relação a ela. Entender os hábitos alimentares torna-se uma tarefa complexa por conta da vasta bibliografia do tema e pelas diversas dimensões da alimentação. Nas práticas alimentares, que vão dos procedimentos relacionados à preparação do alimento ao seu consumo propriamente dito, a subjetividade veiculada inclui a identidade cultural, a condição social, a religião, a memória familiar à época que perpassa por esta experiência diária. Enfim práticas alimentares são as atitudes cotidianas de um grupo social em relação ao alimento, a comida e às refeições. As práticas se constituem pelo que se diz e pelo que efetivamente se

pratica, sugerindo que as análises devam se preocupar tanto com as atividades de prática como com as suas representações. (WARDE, 2005).

Neste sentido o alimento, a comida, as refeições, os hábitos alimentares e as práticas alimentares constroem o complexo universo de consumo alimentar numa sociedade. O consumo alimentar pode ser compreendido então como uma forma de abastecimento de produtos e serviços e suas diferentes logísticas de acesso; prática social observada pelas ciências sociais que independe da aquisição do bem; e unidade central que contribui para a definição da sociedade contemporânea (BARBOSA, 2009).

O consumo de alimentos está ligado às práticas sociais, que influem sobre as escolhas alimentares. O consumo, portanto, não é definido unilateralmente, é complexo. Através da comida e dos alimentos, demarcamos identidades e territórios; através da sua distribuição e do seu acesso, falamos de poder e hierarquias; e através dos rituais, identificamos valores e classificações sociais. (DOUGLAS & ISHERWWOD, 2004). Portanto o consumo alimentar funciona como um grande mecanismo de mediação e objetificação social.

O consumo alimentar implica em grande medida na interação social que é definida pelo contato entre uma ou mais pessoas no decurso da vida social. Segundo Simmel (2006) são os interesses dos indivíduos que criam as diferentes formas de relação social e os diferentes processos de associação, isto é, mecanismos de inclusão social que proporcionam aos indivíduos o sentido de pertencimento materializando o prazer existencial no encontro com o outro.

Portanto, a comida institui-se como uma forma de sociabilidade, estabelecendo rituais e sentidos entre os indivíduos, sendo um meio de reciprocidade em várias formas e em diferentes níveis sociais.

A comida envolve emoção, trabalha com a memória e com sentimentos. As expressões “comida da mãe”, ou “comida caseira” ilustram bem este caso, evocando infância, aconchego, segurança, ausência de sofisticação ou de exotismo. Ambas remetem ao “familiar”, ao próximo, ao frugal. Porém, se o “toque caseiro” é o toque mais íntimo, o “toque profissional”, em série, não é pessoal. O toque “da mãe” é uma assinatura, que implica tanto no que é feito, como na forma pela qual é feito, que marca a comida com lembranças pessoais. (MACIEL, 2001)

A alimentação revela a estrutura da vida cotidiana, do seu núcleo mais íntimo e mais compartilhado. A sociabilidade manifesta-se sempre na comida compartida, onde a comensalidade do latim "mensa" que significa conviver à mesa deixa de ser uma

consequência de uma necessidade biológica para tornar-se um dos fatores estruturantes da organização social.

Pode-se afirmar então a existência da comunicação entre alimentação e sociabilidade, onde a mesa é o espaço do desenrolar desta sociabilidade, isto é, o local para a pacificação das relações, onde o alimento e os rituais que o cercam são mediadores no processo de vínculo social. É possível traçar uma relação direta entre os hábitos alimentares e o cotidiano. As refeições passam a ser um espelho da rotina de determinada época, assim como do contexto social dela. Elas têm a função não somente de demarcar a divisão do tempo, mas também de representar as dinâmicas sociais.

Vale lembrar que a expressão “convívio” compartilha do significado de dividir o alimento, estar junto repartindo a comida. Strong (2004) aborda em sua obra o *convivium* romano, acontecimento de interação social em volta da mesa quando coloca que a “cena, por outro lado, ou sua forma mais grandiosa, o *convivium*, era uma refeição substancial e podia implicar uma copiosa série de pratos cozidos, comidos numa posição reclinada, junto aos convidados.” (STRONG, 2004). Por isso, por definição, a palavra conviva é aquele que participa de banquete ou refeição social ficando clara a origem da expressão. Da mesma forma, a palavra companheiro [do latim *cum panis* – aquele com quem se partilha o pão] denota a existência da partilha do alimento como um sinal da aceitação da participação do outro dentro de um determinado círculo social. (LE HOUEROU, 2006).

Ao se propor entender as dinâmicas e transformações dos hábitos e práticas alimentares de um determinado grupo, bem como o desenrolar da sociabilidade e comensalidade que as envolve, é preciso considerar as múltiplas influências que contribuem para novas articulações e estratégias alimentares, isto envolve desde novos estilos de vida, condições econômicas, novos papéis sociais a aspectos mercadológicos da alimentação.

II. ii – Alimentação na esfera doméstica e o papel social da mulher

O saber culinário envolve a esfera empírica do conhecimento direto, da experimentação, do erro, do acerto, da descoberta; mas também possui sua esfera concreta, materializada através das receitas e de seus registros escritos. Assim nasce uma tradição do saber fazer, do ensinamento passado de uma geração para outra. Diretamente ligado ao universo feminino, fundamental e desprezado na esfera doméstica, o saber culinário sofre transformações importantes principalmente a partir da década de 50. Entra em cena o uso dos produtos industrializados, a introdução de novos preparos e o uso de novos artefatos, tais como, o liquidificador, a geladeira, a batedeira. É a indústria alimentar criando receitas, as

divulgando nos rótulos dos produtos e as escolas culinárias para transmiti-las até a expansão via programas de TV.

Torna-se imprescindível entender como a era industrial altera um saber essencial da vida material e espiritual dos povos: o saber comer, que remete não só às matérias-primas, como também ao modo de servir, à etiqueta e aos valores imbuídos em cada prato. (CARNEIRO IN OLIVEIRA, 2013). Dessa forma transformam-se os produtos, os preparos e os valores. Na dinâmica dos valores há uma alteração importante e que se relaciona como também potencializa a força da indústria alimentar no cotidiano: os novos papéis femininos na sociedade.

Segundo Maluf & Mott (2006), as três décadas do século XX foram marcadas por um discurso ideológico profundamente machista relegando a mulher e suas aspirações ao papel de rainha do lar baseado no tripé mãe, esposa e dona de casa. Um discurso amplamente divulgado e confirmado por médicos, juristas, Igreja, Estado e por fim representado nas revistas femininas, almanaques e anúncios publicitários. A ideologia reforçava o combate à corrosão dos costumes. Mesmo com experiência escolar a mulher cabia o serviço da leitura de receitas que seriam relatadas às empregadas e da compreensão das regras de etiqueta inspiradas no padrão europeu de servir e receber contidos nos livros.

A maneira de arrumar a mesa, como servir as bebidas antes, durante e depois das refeições, como também o traje adequado para um jantar de cerimônia e o procedimento esperado de uma boa anfitriã eram da responsabilidade da dona da casa. Entretanto não se cogitava que ela se ocupasse com o preparo das receitas, segundo Silva (2005) cabia à senhora o comando e o acompanhamento do serviço doméstico, estas não desempenhavam as tarefas mais pesadas o que por si só era motivo de orgulho.

Os anúncios publicitários das primeiras décadas do século XX retratam uma dona de casa muito bem arrumada, cozinhando tranquilamente no fogão a gás, o que estava muito distante da realidade doméstica. A mulher das camadas de maior poder aquisitivo deveria dominar a formulação dos cardápios e o gerenciamento da parte árdua da atividade culinária como lavar, descascar, picar, refogar, assar, ensopar, fritar. Como indaga Oliveira (2013) o ato de cozinhar era considerado indigno, portanto era uma categoria de trabalho não especializado e exercido por empregados domésticos.

A figura da cozinheira ou da empregada evidencia-se na ausência de escravos domésticos tornando mais simples a execução das atividades culinárias como conferia status a sua patroa, ela deveria gerenciar o lar e cuidar da criadagem. Novos locais públicos para a realização de festas e jantares na cidade tornaram-se referência para uma camada social de

poder aquisitivo mais alto, ansiosa em aproveitar o glamour do padrão francês difundido na época como também dos novos conceitos de modernidade.

Cabe também ressaltar que os novos preceitos de higiene propagados no início do século XX foram fortemente explorados pelos fabricantes de equipamentos para cozinha e de alimentos industrializados estimulando uma nova maneira de cozinhar. A cozinha deveria ser limpa, ordenada e contar com os equipamentos que expressavam a sintonia com o mundo moderno: forno a gás e as panelas de alumínio. (OLIVEIRA, 2013).

Para as mulheres de estratos sociais com menor poder aquisitivo cabia todas as tarefas da casa inclusive as pesadas que envolviam a cozinha e em muitos casos saber cozinhar era uma tarefa que ajudava nas despesas da casa ou era a única forma de ganho, como no caso de viúvas empobrecidas e das negras quitandeiras e seus quitutes vendidos nas ruas. Assim, o saber culinário ganha outra dimensão: o da sobrevivência, o trabalho na cozinha se transforma em meio para “ganhar a vida”, mas não em um ofício a ser transmitido às filhas, como ressalta Oliveira (2013).

Owensby (1999) afirma que, para as famílias de trabalhadores, poderem manter os filhos afastados do trabalho até a conclusão do curso primário era o objetivo a ser alcançado. Já para a classe média (na época em formação) o ideal era a manutenção do ensino além dos anos básicos. Se para os homens as alternativas de ascensão eram os empregos públicos e as profissões liberais, para as mulheres o leque de opções era mais restrito: magistério ou contabilidade, ambas possibilitavam trabalhos de meio expediente reforçando a dedicação ao lar. Para as mulheres de camadas médias e poder aquisitivo mais elevado o estudo formal englobava o curso primário e ginásial, seguido de um bom casamento.

A opção de diplomar-se em economia doméstica através de cursos técnicos, depois da escola primária, era também alternativa para as mulheres de camadas menos favorecidas. Essas escolas preparavam as futuras donas de casa ensinando-lhes a arte culinária, serviços domésticos, lavagem e passagem, bordados, todas as tarefas deviam ser desempenhadas com economia de gastos, gosto e eficiência para a administração do lar. Enfim era necessário garantir boas condições de alimentação, higiene, vestuário e moradia utilizando os recursos trazidos pelo marido da melhor maneira possível.

A “moça de família” investia nas prendas domésticas, a mulher conquistava pelo coração, mas prendia pelo estômago. (DEL PRIORE, 2013).

A década de 50 foi marcada pelo crescimento urbano e pela industrialização que proporcionaram o aumento das possibilidades educacionais e profissionais para as mulheres. Casotti (2002) comenta que muitas das mudanças nos alimentos e hábitos alimentares

ocorreram a partir da Segunda Guerra Mundial com a chegada das novidades tecnológicas e com a propagação do hábito de comer fora do ambiente doméstico. Entretanto as mudanças não atingiram as mentalidades tão rápido assim, os papéis ainda estavam bem definidos, a maior parte das mulheres devia ser submissa, obediente e discreta além de cuidar do lar.

Com a chegada da pílula anticoncepcional nos anos 60, a rebeldia frente os valores estabelecidos, o desejo de experimentar, o movimento hippie e a explosão do movimento feminista, tudo isso não causou uma mudança da noite para o dia, mas colaborou para a quebra de barreiras, moças e rapazes estavam mais soltos, novas formas de lazer como festivais, boates, clubes apresentam-se como um mundo novo.

A família da década de 70 é o resultado dessas transformações, a participação da mulher no mercado de trabalho inicia-se e dá novos contornos ao casamento, assim com métodos contraceptivos mais eficientes e uma carreira profissional em construção, as mulheres alteram as estruturas da casa e da família. Porém rompia-se muito lentamente o ciclo de dependência e subordinação ao marido; a imprensa feminina ainda investia na figura de mãe e de dona de casa, agora mais angustiada. (DEL PRIORE, 2013).

Ao se depararem com o fim do mito “rainha do lar”, as mulheres enfrentam a dupla jornada de trabalho, a relutância masculina no mercado de trabalho, o preconceito por trabalhar fora, os conflitos em torno da criação dos filhos e da manutenção do casamento.

Cai, na década de 80, a expressão “prendas do lar” e essa mulher encontra-se dividida entre valores novos e tradicionais, assim eram educadas para serem independentes e “não ficar esquentando a barriga no fogão”. O crescimento das mulheres no mercado de trabalho, o controle sobre a maternidade, a liberalização dos costumes e o advento do divórcio mudaram definitivamente a família e o casamento.

As mulheres dos anos 90 cresceram assistindo a suas mães trabalhando fora, ajudando ou provendo seus lares sob a batuta da importância do estudo e do trabalho constante, enfim, consolida-se a carreira da mulher no mercado de trabalho. Segundo Del Priore (2013), as trabalhadoras começam a substituir a temática das desigualdades em benefício das identidades, isto é, a construção de si e o desenvolvimento pessoal tornam-se prioridade no final de século XX.

Logo o ingresso da mulher no mercado de trabalho foi determinante para o surgimento de novas necessidades para o preparo de alimentos, a forma como isto ocorre e o tempo despendido nas atividades domésticas. Por existir a dupla jornada e a cobrança de sucesso tanto na vida profissional quanto na pessoal/familiar, o tempo gasto no preparo de uma refeição foi em grande medida sacrificado.

Este novo papel implica não só na mudança dos hábitos do preparo do alimento, mas também nas outras atividades como a compra, estocagem, formulação das combinações das refeições, portanto, os produtos industrializados mostram-se extremamente práticos nesta nova realidade. Como o tempo, ou a escassez dele, aparece como empecilho; outra maneira de solucionar tal questão é a terceirização das tarefas de cuidado com o lar, especialmente as relacionadas à cozinha.

Neste contexto de novo modelo familiar e de alimentação neste núcleo, as formas de produção e consumo de alimento evoluíram de maneira a suprir as necessidades de otimização do tempo, logo a alimentação na esfera doméstica veio se transformando e se adaptando diante dos novos papéis sociais encarnados pelas mulheres e pela educação culinária fomentada pela indústria tanto alimentar quanto a de eletrodomésticos.

II.iii – A indústria e a educação culinária

As últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX são, ao mesmo tempo, fruto e substrato de transformações ocorridas no âmbito da vida privada. Foi o momento da segunda revolução industrial ocorrida nos meados do século XIX e que se configura em 1870 com o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade e os altos-fornos, como também a microbiologia, a bacteriologia e a bioquímica com forte impacto sobre a medicina, no controle de moléstias e na conservação dos alimentos. (SEVCENKO, 2006).

O modo como o conhecimento culinário era construído e praticado sofreu rupturas importantes com a introdução do fogão a gás, dos alimentos industrializados e dos eletrodomésticos. Esse novos artefatos desencadearam uma gama de atividades propostas pelos fabricantes para que o público consumidor urbano incorporasse o novo estilo de vida moderno associado à tecnologia que se contrapunha ao “atraso” rural.

O rompimento na forma de preparo dos alimentos na cozinha sem dúvida é consequência da introdução do fogão a gás, que por um lado induzia novas possibilidades de adequação aos parâmetros higiênicos e de modernidade, por outro assustava e demandava novos serviços, afinal requeria uma técnica de preparo de alimentos bastante diferenciada do fogão a lenha.

Promove-se então uma intensa campanha por parte da empresa de gás e eletricidade em jornais e revistas da época para vencer a resistência às novidades como também para a adesão do consumidor à rede de abastecimento de gás. No final dos anos 20 a Companhia do Gás passa a oferecer cursos de culinária em São Paulo e Rio de Janeiro. (SILVA, 2002). As aulas eram gratuitas e direcionadas às criadas que aprendiam a cozinhar no novo equipamento

substituindo a sua experiência obtida no fogão a lenha. No Rio de Janeiro foi inaugurada a Escola de Cozinheiras em 1932 que ensinava não só o uso do fogão a gás como também receitas culinárias para o novo equipamento e a conservação dos utensílios da cozinha com ordem e asseio.

O ato de preparar o alimento diário à beira do fogão não era digno das mulheres de maior poder aquisitivo ou prestígio social, era uma tarefa para as cozinheiras: mulheres negras, pardas, ou brancas empobrecidas que precisavam trabalhar e, portanto ocupavam-se dos serviços domésticos. A dona de casa não se ocupava da cozinha diária, da obrigação da repetição das mesmas tarefas dia após dia, mas sim do gerenciamento do lar.

Vale ressaltar que o novo equipamento só existia em casas das cidades grandes como Rio de Janeiro e São Paulo, como aponta Silva (2002) até a década de 50 os aparelhos eram raros pela dificuldade de entrega dos botijões nas casas e instalá-los com segurança. Além disso, havia o alto valor de desembolso para aquisição e manutenção do aparelho como também o risco de acidentes e explosões.

O fogão a gás modificou significativamente o ambiente da cozinha e a rotina doméstica, não só pela redução do tempo de cozinhar, mas, também na praticidade de não se precisar mais da compra e armazenamento da lenha como de sua queima.

A geladeira elétrica chega ao Brasil algumas décadas depois substituindo as caixas de madeira e os modelos a gás alterando ainda mais rotina da cozinha. Paralelamente outros eletrodomésticos são introduzidos nas cozinhas urbanas intensificando o estabelecimento de empresas que popularizam e reformulam a forma de cozinhar e de consumir os alimentos.

Porém os pequenos equipamentos elétricos que passaram a fazer parte do universo doméstico a partir da década de 40 simplesmente não se encaixavam em categorias até então conhecidas. No caso do liquidificador, por exemplo, era preciso dar-lhe uma função, afinal o que este aparelho substituía? o ralador, a peneira, o moedor? Assim os manuais de uso e conservação do aparelho eram acompanhados de receitas específicas para os mesmos.

A estratégia de difusão do uso do liquidificador eram as reuniões das demonstradoras com donas de casa de poder aquisitivo mais alto, sim o foco dos pequenos aparelhos não eram as empregadas. O apelo pela rapidez, limpeza, fim do trabalho pesado permeavam os discursos mercadológicos, uma verdadeira libertação da mulher das tarefas cansativas e demoradas na cozinha. Neste sentido, as donas de casa que não podiam contar com empregadas poderiam cuidar do lar, da alimentação dos filhos e marido sem ter que se submeter ao trabalho pesado e repetitivo.

Consequência disso é o aparecimento de um novo ramo de atividade e oportunidade profissional, as mulheres ocupam cargos nas indústrias de alimentos e eletrodomésticos como professoras de culinária, surgem as culináristas. O principal objetivo era instruir nos cursos o hábito de uso dos eletrodomésticos abrindo caminho para novos produtos mais sofisticados e com mais acessórios que surgiam da necessidade de novos preparos advindos das experimentações dos cursos de culinária. Mais uma vez a rotina doméstica e da cozinha sofre alterações significativas.

Segundo o acervo da empresa Walita, que iniciou suas atividades no Brasil na década de 40 com a fabricação de liquidificadores e posteriormente de outros eletrodomésticos, em 1961 já haviam passado pela escolinha mais de 300.000 donas de casa de todas as regiões do país. Na década de 90 a escolinha foi desativada, novos papéis femininos e novas formas de transmissão de receitas contribuíram significativamente para isso.

Novos artefatos chegam às cozinhas nas décadas de 80 e 90, o freezer e o micro-ondas, a indústria investe na promoção e na difusão do uso desses novos integrantes da rotina doméstica através de seus departamentos de marketing, com promotores, das revistas femininas, supermercados e da TV. Era necessário se popularizar o manuseio do microondas e o congelamento de alimentos. Surge uma nova atribuição para as empregadas domésticas, cozinhar o cardápio da semana deixando as refeições prontas e congeladas, serviço este que também podia ser contratado diretamente com as culináristas.

A expansão da mídia eletrônica abre espaço para novas propostas culinárias, os programas televisivos atendendo aos diversos públicos, desde a culinária tradicional/regional com toque caseiro, ao apelo contemporâneo da gastronomia, o surgimento e consolidação dos *chefs* de cozinha tanto brasileiros como internacionais. Com o advento da TV a cabo proliferam-se segmentações acerca da culinária exótica, vegetariana, light/diet, alta gastronomia; inclusive com o surgimento de *reality show* sobre comida.

A indústria tanto de alimentos quanto de eletrodomésticos soube capitalizar muito rapidamente essa oportunidade e investiu em patrocínio de programas, na apresentação de produtos dentro dos programas através do *merchandising* associada à utilização de seus produtos pelo apresentador; como também em canais televisivos exclusivos para venda de produtos com a exposição detalhada do mesmo e suas funções por meio de demonstrações.

A globalização por sua vez possibilitou a abertura de mercado e novas possibilidades de descobertas e experimentações e, neste sentido, a culinária se destaca pela internacionalização de inúmeros alimentos, técnicas e formas de preparo.

A internet torna-se um canal de comunicação altamente dinâmico e amplifica ainda mais as possibilidades em torno da culinária e da rotina doméstica, com vídeos, dicas, comunidades e fóruns de discussão, os interessados podem interagir sobre os mais diversos assuntos em torno da alimentação. A gastronomia, arte de degustar os alimentos, consolida-se no mundo moderno, marca e valorizam, nos dias atuais, os sabores, o cosmopolitismo, os odores e as texturas de diferentes cozinhas independentemente das identidades étnicas e nacionais. E mais, convivendo com a descoberta de uma memória gastronômica do país que recupera gostos, sabores e técnicas tradicionais valorizados pelo seu caráter artesanal. (GOMES & BARBOSA, 2004).

A imagem da cozinheira negra e gorda, com um lenço amarrado na cabeça e sempre sorridente a beira do fogão trata de um tempo anterior à vida urbana, aos alimentos industrializados e aos eletrodomésticos. Esse tempo de antigamente, dos escravos domésticos e das cozinheiras de mão cheia que comandavam os fogões a lenha sob a supervisão das sinhás foi se transformando tanto pela introdução de novos artefatos, novas ideologias de higiene e limpeza, bem como pela tecnologia. Esses elementos remetiam a entrada no mundo moderno e o conhecimento das antigas cozinheiras foi relegado. A cozinha, a rotina doméstica, e as mulheres mudaram. Há um novo espaço físico na casa, aparelhado, limpo, organizado e uma nova maneira de cozinhar se apresenta. Um trabalho ainda manual, como menos esforço, porém carregado de estigma, intimamente ligado à mulher que muda seu papel social distanciando-se das atividades domésticas concebidas como menores. Novas gerações de mulheres são formadas buscando a praticidade, rapidez e tempo livre.

A família mudou, a indústria de alimentos e eletrodomésticos expande-se de forma ampla e numa velocidade espantosa nas últimas décadas, mas a cozinha ainda consome o tempo que envolve a escolha, a compra, a estocagem, a manipulação, a cocção do alimento, o servir e o limpar. Falamos da cozinha do trabalho, da subsistência.

Como muito bem destaca Barbosa (2007) esse sentimento se encontra concentrado menos nos indivíduos em particular e mais nas mulheres, enquanto mães e donas de casa. Além disso, existe menos tensão em relação ao que comer e mais em relação à obrigação diária do ter que decidir um cardápio para a família. A raiz do desconforto não parece ser a dúvida, mas a rotina e a obrigação.

Entretanto lidar com panelas também é bem aceito e motivo de reconhecimento atualmente, se algumas gerações de mulheres já se orgulharam de não saber fritar um ovo sequer, as cozinhas hoje se tornaram o ambiente mais valorizado da casa em projetos arquitetônicos, antes relegada ao segundo plano, atualmente integrado às áreas de estar.

A indústria alimentar cada vez mais lança produtos que facilitem a vida das mulheres e dos mais diferentes tipos e tamanhos de família, oferecem soluções para que se ganhe tempo nas atividades diárias lidando com a preocupação em relação ao corpo e a saúde com linhas light/diet, com diferenciação de cardápios incorporando desde o caseiro a cozinha internacional e até apresentando menus congelados para crianças. A oferta de pizzas, salgadinhos, sanduíches, pão de queijo, molhos, temperos, carnes de frango e porco temperadas são alguns dos exemplos de alimentos que estão à disposição para o freezer e microondas das cozinhas contemporâneas.

Vale a pena ressaltar que em contrapartida surge o movimento em defesa da alimentação saudável, dos alimentos orgânicos, do estímulo a cozinhar e melhorar a ingestão da família tanto no quesito saúde, principalmente no discurso médico-científico para as doenças da modernidade como a obesidade e diabetes; quanto para aproximar a família e os amigos em torno da mesa como no movimento *slow-food*. Todo esse contexto só demonstra o quão múltiplo e variado são os cenários de reflexão em torno da alimentação.

Em suma, o alimento, a comida, as refeições, enfim, a alimentação permanece como definidora da natureza humana e de sua sobrevivência, expressa em paladares culturais e historicamente formados, como fonte de prazer, sociabilidade, comensalidade. Rotineira, coletiva, individual, em ritmo lento ou apressado, formal ou informal, na casa ou na rua refletem as mudanças na vida doméstica e cotidiana dos atores sociais na dinâmica das sociedades.

II.iv – Transformações no comer e no consumo alimentar

Tendo em vista um cenário social diferente, torna-se evidente uma rotina com diferentes prioridades e permeada de valores distintos. A relação entre a divisão do tempo e as atividades sociais pode ser encarada como fator determinante dos hábitos alimentares cotidianos. Dessa forma, no mundo contemporâneo, especialmente nas áreas urbanas, a alimentação tende a ser ocasional irregular e ligeira, onde lugares fora de casa substituem, em muitos casos, o espaço da comida feita em casa.

A alimentação doméstica que representava a maioria dos eventos de consumo alimentar cede a vez a novos lugares para as práticas alimentares. Com o acelerado e desordenado processo de crescimento das grandes cidades, o homem contemporâneo passou a se alimentar em outro ritmo. (SORIMA NETO, 1998). Desjejuns mais elaborados e almoços demorados estão em declínio e as cozinhas domésticas apresentam uma grande variedade de equipamentos (BEARDSWORTH E KEIL, 1997). Enfim, a alimentação se reinventa.

A principal motivação para a introdução de tecnologia nos processos de alimentação é a de simplificar, fragmentar e eliminar funções através da total automação. Assim, torna-se muito mais fácil delegar as tarefas, já que para ela não se faz necessário utilizar-se do julgamento para saber quando o alimento está no ponto certo de serviço, tudo que é necessário para tal está especificado nas instruções da embalagem, no caso dos alimentos pré-preparados e congelados (GUERRIER, 2000).

O fator comodidade é o grande ator principal na tomada pela decisão da adoção deste meio de alimentação, tanto na indústria de comercialização de refeições quanto no ambiente doméstico. Esta industrialização é apontada por Poulain (2004), quando cita os produtos industrializados presentes nas mesas familiares:

“Paralelamente, a transformação culinária se industrializa”. A mudança da valorização social das atividades domésticas leva as indústrias agroalimentícias a se desenvolver no espaço de autopromoção que representava a cozinha familiar. Propondo produtos cada vez mais perto do estado de consumo, a indústria ataca a função socializadora da cozinha, sem, no entanto, chegar a assumi-la. Assim, o alimento é visto consumidor como “sem identidade”, “sem qualidade simbólica”, como “anônimo”, “sem alma”, “saído de um local industrial não identificado”, numa palavra, dessocializado.” (Poulain, 2004).

O caráter prático que as embalagens de comida pré-preparada têm como apelo mostrar a grande vantagem numa realidade onde é prioritário otimizar o tempo. Neste contexto do novo modelo familiar e da alimentação neste núcleo, as formas de produção e consumo de alimento evoluíram de maneira a atender a nova dinâmica.

Cada vez mais são criadas maneiras rápidas e práticas de cozinhar, fazendo com que as cozinhas residenciais atualmente desempenhem em grande medida, o papel de finalização de pratos individuais, já ofertados pelas indústrias e preparados em diferentes horários quando os indivíduos do mesmo domicílio têm agendas, na maioria das vezes, incompatíveis. Além disso, essas cozinhas são utilizadas com menor frequência, visto o crescente hábito de realizar refeições em estabelecimentos de alimentação fora do lar.

Se por um lado estão as grandes distâncias entre locais de trabalho e moradia e a falta de tempo característica do estilo de vida da população, especialmente dos grandes centros urbanos, por outro, afloram facilidades para a aquisição de alimentos já prontos e a necessidade que o consumidor brasileiro tem em economizar tempo e dinheiro.

Assim outra dimensão importante neste processo é a modificação na compra de alimentos. As compras, nas últimas décadas, passaram a ser feitas em grandes supermercados, que conheceram um crescimento vertiginoso neste mesmo período. Estimava-se que na década de 1980 os supermercados, nos Estados Unidos, já representavam um monopólio

considerável. “Em mais de um quarto de todas as cidades norte-americanas, quatro redes (de supermercados) controlavam pelo menos 60% das vendas”, segundo Gonçalves & Flexor (2010). Esta nova forma de comercializar os alimentos, em grandes áreas, normalmente nos arredores dos grandes centros urbanos, foi utilizada pelas empresas multinacionais e pela agroindústria como a via principal de estímulo a novos hábitos alimentares, acionando para isso, grande arsenal publicitário.

No Brasil, no auge do chamado “milagre econômico”, a maioria das donas de casa citava feiras livres, armazéns e mercearias como estabelecimentos principais para aquisição de alimentos para suas casas. A distribuição varejista de produtos alimentícios é feita por redes bastante diversificadas, com técnicas de vendas e de apresentação de produtos planejadas e otimizadas o que não impediu a permanência de sistemas mais tradicionais, obsoletos e ineficientes. Este tipo de negócio é extremamente importante no cotidiano da periferia das cidades no que tange a geração de renda e emprego como também na provisão de serviços de proximidade. (GONÇALVES & FLEXOR, 2010).

A urbanização e a crescente consolidação feminina no mercado de trabalho demandaram a procura por alimentos processados favorecendo não só a indústria como também os supermercados que passaram a oferecer um amplo leque de produtos de consumo básico (alimentos, higiene, limpeza, etc.). Neste sentido as dinâmicas que envolvem o consumo de alimentos que demandam maior tempo de preparo são afetadas negativamente e os alimentos processados, que economizam tempo, ganham espaço nas escolhas dos consumidores.

Outros fatores também são considerados neste cenário, tais como, queda na taxa de natalidade, o aumento da expectativa de vida provocam impactos positivos na demanda de alimentos processados, bem como estimularam a alimentação fora de casa. Essas tendências, segundo Gonçalves & Flexor (2010), apoiadas pelos dados do IBGE das Pesquisas de Orçamentos Familiares atravessam quase toda a sociedade brasileira e não só alguns segmentos, onde os jovens se destacam pelos gastos elevados com alimentação fora do lar e no consumo de produtos industrializados.

O cenário socioeconômico brasileiro da primeira década dos anos 2000, com aumento real de renda e estabilização da economia, provocou um aumento considerável nos segmentos de menor renda por alimentos de maior valor agregado. Concomitantemente, a rápida adoção de tecnologias de informação por parte da cadeia de suprimentos permitiu a implantação de modelos de gestão mais eficientes e dinâmicos facilitando a coordenação do varejo e seu poder de barganha junto à indústria alimentar.

Segundo Gonçalves & Flexor (2010), o sistema de distribuição de alimentos no Brasil é caracterizado por um processo de concentração liderado por grandes cadeias transnacionais, porém não é espacialmente uniforme, sendo mais intenso nos grandes centros urbanos, o que possibilita oportunidades para supermercados independentes e pequenas lojas de varejo de alimentos. E mais, a mudança no padrão de consumo das camadas populares evidencia-se como um aspecto da evolução do sistema de distribuição no país.

Mesmo estando inserido neste contexto de industrialização e individualização, o alimento ainda tem um caráter agregador bastante significativo. Em torno dele reuniões familiares acontecem, negócios são fechados, amigos se encontram, fazem-se comemorações, festas e rituais. A partilha da mesma comida traz unicidade e comunhão. Faz com que as referências sejam próximas, ainda que não sejam as mesmas.

A necessidade de compartilhar experiências e estarem próximas aos semelhantes durante a alimentação leva as pessoas a procurarem locais adequados apresentando uma infraestrutura propícia para o recebimento de um grupo de pessoas. Os locais privados (as residências) não mais comportam este tipo de comportamento, mas nos próprios prédios existem alternativas, como mostram Fonseca; Tsai, Ishihara e Honna (2005):

[...] estes mesmos prédios [com cozinhas cada vez mais diminutas nos apartamentos] enfatizam que suas áreas comuns dispõem de espaço gourmet, a serem usados pelos condôminos. Isso deixa claro que os espaços de convivência dentro de casa são cada vez mais escassos. (FONSECA; TSAI; ISHIHARA; HONNA, 2005).

A sociabilidade em torno da mesa está muito presente na atualidade, porém, o local onde ocorre não é necessariamente na casa dos indivíduos. Ocorre uma espécie de terceirização da cozinha, dos serviços relacionados à alimentação e até mesmo dos locais de convívio. Os momentos de descontração e interação acontecem em grande parte fora de casa, desde os restaurantes mais tradicionais até o mirabolante mundo dos *fast-foods*, os carrinhos de cachorros-quentes e outros tipos de sanduíches e a histórica marmita, que sobrevive no mundo moderno, demonstram a mudança de hábitos (ALMEIDA, 1996).

O mercado tem se expandido pela distribuição comercial de refeições ou lanches em restaurantes, *fast-foods* e locais públicos para a entrega em domicílio ou refeições para viagem além de refeições refrigeradas ou congeladas adquiridas em supermercados para serem reaquecidas em casa (BEARDSWORTH E KEIL, 1997). Esta nova experiência se contrasta com a forma de alimentação tradicional, retratando um processo global de homogeneização em que as pessoas formam filas, leem o cardápio, fazem o pedido e comem em tempo recorde, mas dentro do contexto de um restaurante (WARDE, 1997).

O mundo moderno passa por uma modificação na ordem das coisas no que tange a alimentação: da refeição estruturada com entrada, prato principal e sobremesa, passa-se para uma alimentação fragmentada. A alimentação anteriormente realizada em horários fixos passa a se realizar em horas variadas; o tempo e o local onde os alimentos são ingeridos passam por uma dessincronização. O ato de comer se deslocaliza e se realiza num movimento de aceleração da vida. (GIDDENS, 1991).

Definido por Oldenburg (1999) como os *third places*, as mesas comerciais tomam esse caráter, isto é, os locais que funcionam como refúgios sociais de interação tendo a comida como mediadora.

Os refúgios/terceiras casas [*third places*, na versão original] existem em um solo neutro. Dentro destes locais, a conversa é a atividade principal e o maior veículo de exposição e apreciação da personalidade e individualidade humana. A personalidade do refúgio é determinada por sua clientela regular e é pontuada por um clima festivo, o qual contrasta com o compromisso mais sério das pessoas em outras esferas. Apesar de ter um ambiente radicalmente diferente do caseiro, o refúgio é notavelmente similar a uma boa casa no conforto e apoio psicológico que traz a seus frequentadores. Tais características dos refúgios que parecem ser universais e essenciais para uma vida pública informal vital. (Oldenburg, 1999)

Cafés, bares, restaurantes e outros estabelecimentos de alimentação definidos por Oldenburg (1999) como os *third places* são espaços de convívio nos quais se saciam não só a fome fisiológica/funcional, mas também a social. Portanto, além da praticidade demandada pelas atuais circunstâncias, existe a interação social, Como cita a antropóloga Mary Douglas (2004) “fome não é falta de comida, mas ausência de relações sociais e culturais”. Em suma, é um espaço onde os indivíduos se sentem confortáveis como em casa e encontram outros indivíduos lhes trazendo benefícios corporais, uma vez que saciam as fomes fisiológica e emocional no decorrer do mesmo tempo em que atendem às necessidades sociais.

Logo, a interação é viabilizada como forma de manutenção da malha social. A comensalidade depende da interação entre comensais para que de fato ela exista, nisto, a mesa tem a função de proporcionar um lugar de comunicação viabilizando as dinâmicas de troca da comensalidade. Neste sentido o ato de comer fora de casa abrange algumas dimensões, tais como: necessidade, lazer e prazer.

Como ressalta Miller (2002) para muitas famílias comer fora de casa constitui-se um presente desvinculado de qualquer ato de compra; para as donas de casa significa em grande parte a liberação do trabalho de cozinhar para o núcleo familiar, o que ainda pode provocar

tensões quando se compara o valor mais reduzido de se comer em casa com a opção mais cara da comida na rua.

Assim novos parâmetros e opções do comer se multiplicam para além dos limites domésticos. Em destaque temos o fenômeno dos *fast-foods* aliado ao surgimento e consolidação dos *shoppings centers* no cenário das grandes cidades.

O modelo *fast-food* encontrou uma forma de posicionar-se graças aos novos princípios de produção – poucos produtos, grandes quantidades, pouca elaboração e pouca mão de obra, como destaca Collaço (2004), oferendo um cardápio padrão em vários pontos de venda, com preparo e serviços rápidos a preços acessíveis.

Esse modelo proliferou-se amplamente a partir da década de 70 nos EUA e além do território americano. No Brasil a primeira loja da cadeia *McDonalds* foi aberta em 1979 no Rio de Janeiro.

Assim esses estabelecimentos são organizados não só para atenderem os que buscam distinção ou divertimento, mas principalmente crescem para servir aos indivíduos que não conseguem retornar ao domicílio e realizar sua refeição durante o período de trabalho. Logo, contribuem em ampla escala para a transformação do comer e estabelecem novas relações entre indivíduos e a sua alimentação. Esses locais são espaços privilegiados para a observação dos novos hábitos alimentares que se iniciaram no século XVIII e consolidaram-se no século passado.

A presença dos *shoppings centers* no cotidiano urbano torna-se marcante em meados da década 80 e altera de forma substancial o cotidiano dos consumidores ao permitirem em um único lugar a possibilidade de conjugar uma série de atividades, tais como, compras, serviços, lazer, entretenimento e alimentação.

No que tange a alimentação, as praças de alimentação nos *shoppings* reúnem as mais diversas opções de alimentação fora de casa como também espaço de lazer, divertimento e sociabilidade no tempo livre.

Os espaços das praças de alimentação concentram restaurantes em uma área circunscrita ofertando um cardápio padronizado entre filiais, diversificados entre si, com serviço e atendimento rápidos. A distribuição dos espaços das praças de alimentação atende a uma hierarquia entre os restaurantes; desde *fast foods* e lanchonetes próximas um do outro, espaços privilegiados para restaurantes diferenciados ou de qualidade superior ou *à la carte* e espalhados pelo *shopping* encontra-se os quiosques para lanches rápidos ou cafés.

Como sugere Collaço (2004) os *fast foods* podem ser considerados como grandes responsáveis pela introdução de um comer desestruturado, num ato padronizado, rápido,

limpo, nômade, sem horários e individualizado. Ao passo que a alimentação no lar é vista de forma menos romantizada, rotineira e com mais carga de trabalho do que de prazer.

As várias possibilidades de fazer refeições fora de casa contribuem para o surgimento de uma multiplicidade de eventos em torno da alimentação que acabam por diminuir o comer no ambiente doméstico. A alimentação fora de lar traz como características essenciais o não conhecimento de quem preparou tal refeição, muito menos a sua procedência, e ao estar direcionado ao consumo de muitas pessoas, que não se conhecem entre si, provocam um “quebra” na estrutura “tradicional” do comer.

Segundo Warde e Martens (2000) o hábito de comer fora não parece colocar em perigo as relações familiares, uma vez que a tendência é a família encontrar-se em locais públicos para alimentar-se em grupo, interagindo socialmente e com a mesma satisfação.

É interessante observar que o modelo *fast-food* foi incorporado nas práticas alimentares brasileiras, por meio da “comida a quilo”², é sem dúvida a representação da alimentação doméstica na rua caracterizando-se pela praticidade, acessibilidade e flexibilidade com uma apresentação variada que remonta ao caseiro ou proporciona a combinação de várias cozinhas.

O *self-service* ou sistema americano como é chamado, tem suas raízes na família. Em casa, os americanos já se serviam há tempos. No Brasil, foram os sulistas os precursores, há aproximadamente vinte anos. Após o sucesso no sul do País, esse modelo foi instalado em São Paulo (MARICATO 1996). Com o surgimento das novas gerações de balanças, e principalmente das eletrônicas, nasceu este novo tipo de mercado chamado "por quilo". A média de consumo *per capita* gira em torno de 420g como aponta Magnée (1996).

Esse tipo de restaurante "por quilo" passa a ser mais interessante que o *self-service* simples, pois o cliente escolhe apenas aquilo que pretende consumir. Por outro lado, a possibilidade de escolher por peso, faz com que se gaste na medida da disposição financeira (MARICATO, 1996).

Como demonstra Barbosa (2007) em um restaurante a quilo e em um grande número de churrascarias no Brasil, podemos encontrar arroz, feijão, salmão com molho de maracujá, *sushi*, *sashimi*, macarrão à bolonhesa, bife à milanesa, lasanha, canelone, carne assada, farofa, rosbife e assim por diante, como se estivéssemos em uma competição do mundo em uma única mesa.

² Um restaurante de comida por quilo (ou comida a quilo) serve uma variedade de alimentos prontos que o cliente escolhe a vontade, como num *buffet* livre, mas que são cobrados de acordo com o peso consumido em vez de por pessoa ou por prato.

Porém os estilos são misturados no mesmo prato, mas de forma separada, alógica de ingestão dos alimentos é outro aspecto distinto do sistema de refeições brasileiro. As pessoas colocam, ao mesmo tempo, os diferentes tipos de comida no prato, mantendo-os separados em pequenos montes, deixando que a combinação se processe no interior da boca. (BARBOSA, 2007).

Porém, não há dúvidas, que os restaurantes "por quilo", surgidos no final da década de 80, são uma invenção brasileira que deu certo. Verdadeiro fenômeno, esse tipo de restaurante se multiplicou por todo o país, há duas décadas, ocupando principalmente os bairros comerciais mais movimentados das grandes cidades.

Esse tipo de serviço simplificou o fornecimento de alimentação, que só prepara certo número de pratos; o serviço, abolindo a figura do garçom; o tempo, já que o cliente se serve imediatamente do que quer, com a visualização nos balcões da composição dos pratos; o preço que elimina a gorjeta ficando mais convidativo, já que funciona como um *fast-food* relativamente mais barato, considerando-se o custo-benefício; o giro rápido de clientes/cadeiras/hora, que evita filas de espera; e, os pratos variam diariamente, eliminando, portanto, a monotonia dos cardápios (MAGNÉE, 1996; MARICATO, 1996, VEIGA, 1998).

A rapidez é assegurada pela forma como os pratos são dispostos no *buffet* antecedendo a pesagem e também há menor estandardização, pois as opções são variadas. Assim, a comida "por quilo" deixou de ser um modismo e se tornou hábito de consumo.

Dessa forma, comer fora se torna mais normal, com crescente significado simbólico, não menos importante, em contraste com a refeição doméstica e familiar cuja característica diferenciadora moderna é a sua associação com o prazer e a sociabilidade. A alimentação fora do lar tem vários propósitos, cuja prática é amplamente compartilhada e socialmente diferenciada; onde o acesso e gosto podem ser fontes de distinção. (WARDE E MARTENS, 2000).

Alguns aspectos podem ser salientados, segundo Warde e Martens (2000), a duração das refeições domésticas não se alterou radicalmente, existe uma dependência de fornecimento de alimentos majoritariamente mercantilizada, uma combinação de momentos mais curtos de comer fora de casa com muitos de maior duração, onde os curtos são complementares, não substitutos. E mais, maior quantidade substancial de tempo para comer e beber em espaços públicos, mas sem perda de importância no comer em casa.

Em suma, as transformações no comer refletem as mudanças no estilo de vida dos indivíduos e principalmente no da mulher na sociedade atual. Neste sentido, o padrão de consumo alimentar sofre alterações significativas seja nos hábitos alimentares, nas formas de

aquisição, ou na composição dos gastos que podem ser observados através das pesquisas junto às famílias brasileiras.

O Estudo Nacional da Despesa Familiar O ENDEF, primeiro inquérito no território nacional na década de 70, verificou que, guardadas algumas particularidades regionais, o hábito alimentar do brasileiro era muito semelhante de Norte ao Sul do país. Este estudo pôs por terra alguns postulados que procuravam afirmar que a fome da população brasileira era oriunda de falta de conhecimento técnico, ou seja, que a população não saberia se alimentar. Concluiu-se que a proporção de proteína consumida era muito semelhante em todos os extratos sociais, ou seja, a qualidade da dieta não se alterava em diferentes níveis socioeconômicos. O problema residia na quantidade dos produtos consumidos, que eram menores nos extratos com menor capacidade de consumo. A cesta básica naquele momento era composta por poucos produtos e, na sua maioria, não industrializados.

Além deste estudo, ao nível nacional, temos mais duas Pesquisas de Orçamento Familiar (POFs). A primeira, realizada entre 1961 e 1963, e a segunda entre 1987 e 1988. Mondini, Monteiro & Costa (2000) analisando os dados destas três pesquisas chegaram a importantes conclusões a respeito de o padrão alimentar da população urbana nas então últimas três décadas. Pode-se dizer que mudanças significativas ocorreram na composição do cardápio do brasileiro.

Acompanhando mudanças não apenas nos países desenvolvidos, mas, recentemente, até em outros países em desenvolvimento, o Brasil apresenta a tendência de “reduzir o consumo de cereais e tubérculos, de substituir carboidratos por lipídios e de trocar proteínas vegetais por proteínas animais” como aponta Mondini, Monteiro & Costa (2000). Quanto às gorduras, observou-se uma substituição daquelas de origem animal pelas de origem vegetal. A banha de porco e o toucinho deram lugar ao óleo de soja, a manteiga foi substituída pela margarina. A ingestão de fibras parece que ficou prejudicada tendo em vista a redução no consumo de feijão e cereais e a permanência do alto consumo de açúcar.

Em 1996, o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição, o INAN, em conjunto com universidades brasileiras, decidiu realizar uma ampla pesquisa sobre o consumo alimentar brasileiro, o “Estudo Multicêntrico sobre Consumo de Alimentos”. Naquele período, foi levantado o consumo alimentar em cinco cidades brasileiras: Campinas, Curitiba, Goiânia, Ouro Preto e Rio de Janeiro. Esta pesquisa vem comprovar que o tradicional prato de arroz e feijão não tem mais a mesma aceitação entre a população brasileira. Apesar de continuar como a base da dieta nacional o seu consumo reduz-se em 30% nos últimos vinte anos. “O

novo cardápio nacional agora inclui carne, frango, salsicha, maionese, mortadela, leite e ovos" (INAN, 1996).

Percebeu-se também que o refrigerante é um dos dez produtos alimentares mais consumidos, fazendo parte da cesta básica do brasileiro. Só no Rio de Janeiro o aumento no consumo de refrigerante foi de 268% nos últimos vinte anos. Com a estabilização da moeda, que permitiu maior planejamento de compras, os brasileiros de todos os estratos sociais estão consumindo uma variedade maior de alimentos, porém isso não significa dizer que houve uma melhora qualitativa da dieta.

Verifica-se que alguns produtos tais como: cereal matinal, creme de leite e refrigerantes tiveram aumento de consumo espantoso, especialmente entre as classes sociais mais baixas. É interessante observar que alimentos *in natura* como os legumes e as frutas continuam com consumo reduzido.

Bertasso (1998), a partir da análise dos dados da POF 95/96, mostra que fatores influenciam o aumento do consumo de alimentos fora do domicílio. A autora aponta que a elevação do índice de doenças advindas da má alimentação impõe a necessidade de problematizar as escolhas alimentares. Má alimentação é entendida como alimentação irregular, ligeira, de baixa adequação nutricional. Tal alimentação tem relação com a vida moderna nos grandes centros urbanos. Neste sentido, alimentação moderna incorpora refrigerante, enlatados, alimentos prontos ingeridos dentro do domicílio e a alimentação fora do domicílio.

A renda aparece como o principal condicionante do consumo e é determinante para o consumo de alimentos fora do domicílio. Outra variável central na perspectiva da autora é a idade. Os jovens de 21 a 30 anos privilegiam a alimentação moderna no domicílio e consomem mais alimentos fora do domicílio.

A inserção da mulher no mercado de trabalho também tem influencia determinante para o consumo alimentar. A mulher deixa de exercer o papel-chave nas decisões alimentares. Por fim, a mudança na composição familiar reflete diferentes padrões de consumo e de estilos de vida no mesmo grupo familiar. As famílias modernas tendem a serem cada vez mais famílias complexas, que de acordo com os critérios da POF são famílias compostas por além da pessoa de referencia, seu cônjuge e filhos, residindo no mesmo domicílio não parente.

Wilkinson (2007) também demonstra que a diminuição do consumo de alimentos básicos está relacionada com o processo de segmentação da sociedade. O aumento de renda da população devido à transformação da sociabilidade produz uma crescente individualização

dos produtos. Se antes os produtos eram para a cesta da família, agora seus membros possuem horários diferentes, demandando produtos prontos e individualizados.

Portanto, mesmo diante de um sistema de refeições composto por seis refeições, de acordo com as representações e instituições: café da manhã, lanche da manhã, almoço, lanche da tarde, jantar e lanche da noite (este seria o sistema de refeições tradicional), na prática, os resultados mostram que os brasileiros fazem de três a quatro refeições por dia - sem distinção de gênero, faixa etária e renda. Entre as principais razões para a diminuição do número de refeições estão: o ritmo da vida moderna nos grandes centros urbanos, a distância entre a casa e o trabalho e as novas ideologias de corpo magro. (Barbosa, 2007).

Bertasso (1998) concluiu que famílias com mulheres que trabalham fora, jovens e pessoas que moram sozinhas privilegiam o consumo de alimentos fora do domicílio, além de preferirem outros alimentos à refeição. Como destaca Barbosa (2007), o jantar é uma refeição em transição, pois é facilmente substituído por lanche. Lanche é a refeição caracterizada pela “portabilidade” e mobilidade. “As pessoas lancham em uma situação predominantemente de mobilidade: no balcão de uma loja de salgadinhos, no balcão de um bar ou botequim”.

O aumento de consumo de refrigerantes e embutidos, que têm marketing muito agressivo, ou mesmo dos laticínios, que, além da propaganda maciça, também tiveram redução de preço nos últimos anos, permite dizer que a propaganda, aliada ao bom preço, tem sido eficaz na mudança de hábitos do brasileiro. À margem do consumo durante décadas, alguns setores de poder aquisitivo menor estão exercendo seu poder de compra também buscando praticidade e a oportunidade de experimentação dos produtos industrializados.

Segundo Bleil (1998) para essa grande parte da população, que sempre viveu à margem do consumo, a carne ainda continua sendo o alimento que mais demonstra a condição econômica. A redução do consumo de feijão e de farinha de mandioca bem como o crescimento do consumo do pão francês aponta para um novo hábito que vem crescendo: o “lanche”, aparecendo, em grande medida, como substituto do jantar.

A POF 2002/2003 apresenta algumas diferenças importantes em relação às pesquisas anteriores. Em primeiro lugar, a pesquisa foi realizada em todo o território nacional, incluindo as áreas rurais de todas as regiões do país. A opção da pesquisa foi a de trabalhar com categorias de produtos bastante desagregadas, de forma a permitir a descrição mais precisa das escolhas dos consumidores frente à mudança nas variáveis escolhidas. Assim, no universo de produtos alimentares pesquisados, foram selecionados 18 produtos, pela sua importância no orçamento dos consumidores ou pelas relações de substituibilidade entre eles. Os produtos selecionados foram: açúcar, arroz, banana, batata, carne bovina de primeira, carne bovina de

segunda, farinha de mandioca, feijão, carne de frango, leite em pó, leite fluido, macarrão, manteiga, margarina, pão francês, carne suína, queijos e tomate.

O gasto com alimentação, apesar de perder importância nas últimas décadas, ainda é o segundo mais importante na participação das despesas das famílias, com 20,75% do total. Entretanto, para as famílias de baixa renda os gastos ainda representam 32,7% do total, ou seja, praticamente um terço das despesas totais dessas famílias.

Tem sido observada, nas últimas décadas, uma diminuição do consumo domiciliar *per capita* de determinados alimentos tradicionais [arroz, feijão e farinha de mandioca], e crescimento de outros, tais como frutas e alimentos preparados. (COELHO, AGUIAR & FERNANDES, 2009).

O percentual de despesa com alimentação fora do domicílio na área urbana (25,74%) é praticamente o dobro daquele observado na área rural (13,07%). Quando se observa o valor (em reais) da despesa com alimentação fora do domicílio, a diferença entre as áreas urbanas e rurais é também muito elevada, chegando a ser cerca de 130% maior na área urbana. Por outro lado, os valores médios em reais da despesa com alimentação no domicílio são praticamente iguais nas áreas urbanas e rurais e, consequentemente, quase idênticos à média brasileira.

O item de maior peso na alimentação fora do domicílio é almoço e jantar, responsável por 10,05% do total da despesa com alimentação no Brasil. Nas áreas urbanas os leites e derivados e panificados são dois grupos de produtos que apresentam maior participação. O destaque está na prevalência da despesa com pão francês na área urbana.

Baseado nos dados da POF 2008/09 um estudo inédito intitulado “Análise do Consumo Alimentar Pessoal no Brasil”, onde 13.569 domicílios foram pesquisados, traz informações sobre o consumo alimentar individual de 34.003 moradores em dois dias não consecutivos dentro e fora dos domicílios.

Os resultados revelam que o consumo alimentar combina a dieta tradicional do arroz e feijão com alimentos de alto teor calórico como salgadinhos, pão francês e pizzas. O consumo de frutas, verduras e legumes mostra-se aquém do recomendado e há índices elevados de ingestão de bebidas com adição de açúcar, tais como: sucos, refrigerantes e refrescos.

As maiores médias de consumo diário *per capita* ocorreram respectivamente para feijão, arroz, carne bovina, sucos, refrigerantes e café. Para o pão de sal, sopas e caldos observou-se o percentual de 50g/dia *per capita*.

Para o consumo fora do lar destacam-se respectivamente cerveja, salgados fritos e assados, salgadinhos industrializados, salada de frutas, chocolates, refrigerantes diet/light, refrigerantes, bebidas destiladas, pizzas e sanduíches.

Na área urbana os produtos prontos ou processados são mais consumidos.

Entre os jovens destacam-se biscoitos, salsicha, mortadela, sanduíches e salgados. O pão francês e o biscoito recheado são frequentes na alimentação dos jovens, seguidos pela pizza e doces em geral. O feijão, saladas e verduras, frutas e legumes tem menor consumo neste público.

Os resultados do estudo revelam que há maior consumo de frutas, verduras, leite desnatado e os derivados do leite quando a renda aumenta o que também acontece com os refrigerantes.

A alimentação fora de casa revela o mesmo cenário com a prevalência de refrigerantes, cerveja, salgados, salgadinhos e sanduíches. O consumo se caracteriza por elevados índices de gordura saturada, açúcar, sal e baixa ingestão de fibras.

O consumo de alimentação fora do lar é mais frequente nas áreas urbanas, entre os mais jovens e para indivíduos com maior renda *per capita*.

Do ponto de vista nutricional a ingestão de consumo energético possui a seguinte composição, de um lado: arroz, feijão e biscoito salgado e de outro: os *fast foods*, doces e refrigerantes. O estudo conclui que o consumo alimentar do brasileiro reflete a baixa qualidade de sua dieta com alimentos muito calóricos e com baixo teor de nutrientes.

Resumidamente, as mudanças no padrão alimentar detectadas ao longo de vinte anos incluem: 1) redução no consumo de cereais e derivados, feijão, raízes e tubérculos; 2) o aumento contínuo no consumo de ovos, leite e derivados; 3) a substituição da banha, toucinho e manteiga por óleos vegetais e margarinas; 4) o aumento no consumo de carnes. (ABREU, CHAUD & TORRES, 2012).

Entretanto, de maneira geral, não é correto identificar a alimentação fora do domicílio como predominantemente *junk food*. Há muita heterogeneidade na alimentação fora do domicílio, que inclui tanto o salgadinho do bar como a merenda escolar e o almoço na fábrica, produzido com orientação profissional. O estudo de Hoffmann (2013) comparando a alimentação no lar e fora dele demonstra que a alimentação no domicílio é muito heterogênea, dependendo dos hábitos alimentares da pessoa e do seu grau de conscientização em relação à importância de uma alimentação saudável.

Neste capítulo buscou-se entender sobre o consumo alimentar e suas transformações, para tal iniciou-se abordando as dimensões da sociabilidade e comensalidade diretamente

relacionadas ao comer assim como o caráter amplo e diverso dos significados em torno do alimento e da comida. Desde o cultural, nutricional, político e simbólico o consumo alimentar perpassa ainda pela produção e distribuição dos alimentos e da segurança alimentar.

A universalidade da alimentação une os indivíduos através do ato de comer. O alimento está ligado aos sentidos, ao sensorial e é ingerido sob uma forma culturalizada, não se come genericamente. A comida como transformação do alimento revela a estrutura do sistema de refeições de um grupo social. E percebendo o consumo alimentar ligado às práticas sociais e as escolhas alimentares permite-se verifica-lo como mecanismo de mediação englobando também o abastecimento e a compra de produtos alimentícios.

Assim a alimentação revela a estrutura da vida cotidiana e é nesse caminho que se buscou apresentar as mudanças pertinentes nessa estrutura, assim o capítulo discorreu sobre a alimentação na esfera doméstica. A cozinha e o saber culinário diretamente relacionado ao universo feminino eram estritamente tarefas da chamada “rainha do lar” para quais as mulheres eram preparadas e destinadas. Porém novas possibilidades e a busca por novos caminhos por parte das mulheres começaram a afetar as tarefas domésticas. Diante dos novos papéis femininos na sociedade e, paralelamente novas descobertas tecnológicas, constrói-se uma nova cozinha. A modernidade altera substancialmente os artefatos, as maneiras e organização desta esfera doméstica e consequentemente a alimentação no lar.

As novas atribuições femininas na sociedade, principalmente a entrada no mercado de trabalho e a crescente urbanização das cidades, demandaram soluções para as tarefas domésticas no sentido de aperfeiçoá-las tornando o dia a dia mais prático e rápido. O esforço da indústria, seja de eletrodomésticos ou de alimentos, se destaca neste sentido, de um lado ofertando um leque de novas opções e de outro educando a nova mulher moderna para as novas práticas. Assim o conhecimento e o fazer culinário sofrem rupturas irreversíveis. A consolidação dessas transformações vem do forte investimento da indústria na educação culinária induzindo os novos usos e provocando o surgimento de novos saberes.

Esse processo inicia as transformações no comer e no consumo alimentar. A sociabilidade e a comensalidade e os múltiplos significados da alimentação não se perdem, pelo contrário, novas simbologias passam a envolver esse universo, transcorre em novos cenários indo além dos lares. A alimentação fora do lar torna-se normal, cotidiana e rotineira, porém não se sobrepõe a importância dada à alimentação na esfera doméstica.

Também abordado neste capítulo, a novas maneiras de abastecimento de produtos alimentícios nos lares que tinham nas mercearias e feiras livres espaços privilegiados para a compra de alimentos; se departa com a cadeia de suprimentos que se organiza e cresce junto

ao novo ambiente socioeconômico do país, mesmo diante da permanência de um sistema tradicional de oferta de alimentos gerando serviços de proximidade.

Finalizando a abordagem sobre consumo alimentar, o padrão dos gastos foi apresentado a partir de dados referentes aos orçamentos familiares e análises sobre as transformações no padrão de consumo alimentar no Brasil. Esses se tornam fundamentais para balizar análises específicas, como neste trabalho.

E, neste sentido, podemos frisar que famílias com mulheres que trabalham fora, jovens e pessoas que moram sozinhas privilegiam o consumo de alimentos fora do domicílio, além de preferirem outros alimentos à refeição. Houve o aumento de consumo de refrigerantes e embutidos, redução do consumo de feijão e de farinha de mandioca, bem como o crescimento do consumo do pão francês apontando para o hábito do lanche e que em muitos casos funciona como substituto do jantar.

O gasto com alimentação ainda é o segundo mais importante na participação das despesas das famílias e mais ainda para as famílias de baixa renda. Com relação à alimentação fora do lar, os itens de maior peso são almoço e jantar, onde se destacam cerveja, salgados fritos e assados, salgadinhos industrializados, salada de frutas, chocolates, refrigerantes diet/light, refrigerantes, bebidas destiladas, pizzas e sanduíches. Para os jovens prevalecem o consumo de biscoitos, salsicha, mortadela, sanduíches e salgados.

Os resultados revelam que o consumo alimentar brasileiro combina a dieta tradicional do arroz e feijão com alimentos de alto teor calórico e que alimentação fora do lar é mais frequente nas áreas urbanas, entre os mais jovens e indivíduos com maior renda *per capita*. A alimentação no lar e fora dele demonstra é heterogênea, dependendo dos hábitos alimentares individuais e do grau de conscientização em relação a uma alimentação considerada saudável.

Assim, os diários alimentares registrados pelos jovens selecionados para essa pesquisa revelam suas estratégias diárias e cotidianas em relação a suas escolhas alimentares considerando sua rotina de trabalho e estudo à noite. Portanto no quarto capítulo serão discutidos esses aspectos particulares sobre o consumo específico do grupo.

O terceiro capítulo, a seguir, introduzirá aspectos importantes sobre juventude e jovens da “nova classe média” destacando o perfil do grupo de jovens selecionados para esta pesquisa.

CAPÍTULO III

JUVENTUDE, JOVENS E OS JOVENS DA “NOVA CLASSE MÉDIA”

Este capítulo tem por objetivo destacar características sobre a juventude e os jovens. Embora não sendo um estudo sobre jovens e juventude, o público deste trabalho está inserido, no que se refere ao seu ciclo de vida, a uma fase da vida marcada por transições e comportamentos singulares que se tornam muitas vezes direcionadores de suas biografias sociais.

Para isso inicia-se o capítulo três abordando a juventude como uma categoria socialmente construída, mostrando que além de um recorte etário, da visão romântica ou rebelde, os jovens são percebidos como grandes agentes de mudança. Portanto os estudos de Dayrell (2007), Pais (1993) e Barbosa (2012, 2014) contribuem muito para essa contextualização, uma vez que as análises devem permitir diferentes entendimentos, considerar variáveis no tempo e de como é entendido o que se considera o papel da juventude em uma dada sociedade e em um determinado contexto.

Neste sentido Melucci (1997) os jovens são atores-chave da sociedade contemporânea, pois caracterizam a mudança na percepção do tempo, que é o do “aqui e agora”, pragmático e com múltiplas possibilidades.

Sendo assim, o que torna os jovens da “nova classe média” desta pesquisa únicos? Em que medida esses jovens é agente de mudança de suas próprias biografias? Quais as múltiplas possibilidades disponíveis ou não na construção de suas identidades? Que fatores condicionam suas escolhas?

É nesta direção que é apresentado o perfil do jovem desta pesquisa considerando suas características sociais e econômicas na busca do entendimento de seu cenário cotidiano que influi e condiciona em muitas vezes as suas escolhas e comportamentos.

Por isso o papel da família, da escolha e melhoria profissional através do ensino superior como ícone de novas possibilidades e mobilidade social se tornam relevantes para a reflexão em torno deste grupo. E as subjetividades são trazidas a tona por meio das entrevistas qualitativas realizadas com os autores dos diários alimentares dando voz a esses jovens.

A partir desse enfoque é possível dialogar com as informações levantadas junto aos jovens da “nova classe média” e, com isso, perceber sua visão de mundo e suas atitudes e estratégias frente às possibilidades possíveis de que dispõem.

III.i – Juventude e Jovens

Juventude como categoria socialmente constituída pode ser abordada tendo-se em conta múltiplas dimensões, tais como: materiais, históricas, políticas e simbólicas nas quais o social se produz. Isso pode levar a reflexões que considerem a noção de juventude relacionada a uma faixa etária, a um processo particular de desenvolvimento corporal, a um processo de socialização específico, a um contexto sócio-político-econômico-cultural, entre outros, vigentes ao mesmo tempo, muito embora com expressão e intensidades diferentes em cada trajetória grupal ou individual.

Visto que esses aspectos estão presentes na conformação da juventude, mas manifestam-se de formas variadas, pode-se concluir que se encontrará mais de uma juventude, mais de um jeito e, fundamentalmente, mais de uma possibilidade de ser jovem na atualidade.

Talvez o maior desafio seja compreender esta categoria com a amplitude que a realidade exige, sem, no entanto, deixar de marcar as particularidades que a diferencia diante das demais. Compreender o que unifica e, ao mesmo tempo, os particulariza como jovens, bem como o que efetivamente os diferencia entre si próprios torna-se relevante.

Num enfoque cultural, a juventude se apresenta sob várias expressões de estilos de vida, crenças, valores, símbolos, normas e práticas grupais diferenciadas - as culturas juvenis (Groppo, 2000 IN Pais, 1993). Esses aspectos culturais tanto podem ser próprios desta fase de vida ou assimilados de gerações anteriores, bem como das inserções de classe que os jovens possuem. Pais (1993) propõe um elastecimento dessa compreensão por acreditar que se deve também explorar específicos modos de vida e práticas cotidianas que expressam certos significados e valores, não apenas ao nível das instituições, mas também ao nível da própria vida diária.

Num enfoque institucional, uma vez inserido no âmbito mais amplo de relações sociais, o ambiente familiar reelabora o jogo da vida social e o explicita para os jovens em forma de opiniões, atitudes e modos de ver o mundo, influenciando na formação da estrutura psicossocial dos seus membros e na definição dos papéis sociais a desempenhar. O destaque dado para o grupo familiar é porque estruturam e se apresentam seguindo um padrão vinculado ao padrão social dominante e às faixas etárias; demarcando normas a serem observadas, sanções, bem como papéis e lugares próprios dos atores. Esse contexto institucional constrói também certo lugar social e expectativas em relação ao jovem enquanto ator influenciando na sua expressão final.

Numa perspectiva sociológica, os jovens são representados como agentes de mudança, rebeldia social ou de liminaridade entre a infância e a vida adulta. Politicamente são descritos

como engajados, alienados ou alternativos e classificados como gerações X, Y e Z do ponto de vista mercadológico. (BARBOSA, 2012).

O termo geração, comumente, se refere a um grupo delimitado de pessoas que, por terem nascido em uma determinada época, vivenciou eventos históricos e sociais significantes em estágios cruciais do seu desenvolvimento, os quais influenciaram sobremaneira seus valores, suas atitudes e suas crenças. Embora seja essencial considerar as diferenças individuais de cada ser humano, não é impróprio cogitar que as pessoas de uma mesma geração compartilhem expectativas, desejos e percepções. (WESTERMAN & YAMAMURA, 2007).

Considerando o termo geração, a visão mercadológica classifica as gerações em *baby boomers*, nascidas no pós-guerra, à geração X nascida nas décadas de 70 e 80 e finalmente a geração Y dos nascidos de 90 em diante.

A literatura acadêmica indica que indivíduos das gerações *baby boomers* e X valorizam a oportunidade de aprender novas habilidades no trabalho, enquanto os da geração Y se importam mais com o crescimento na carreira (CENNAMO & GARDNER, 2008; ZEMKE, RAINES, & FILIPCZAK, 2000).

Contudo, as motivações para tais preferências são diferentes, por exemplo, a preferência dos *Baby boomers* por aprendizado e crescimento deriva de sua necessidade de provar seu próprio valor e fortalecimento da sua identidade profissional. Seguiram os valores tradicionais relacionados ao cumprimento de suas obrigações em relação à carreira, lealdade à organização, educação e criação dos filhos, casamento e tendem a ser mais cooperativos e participativos no trabalho.

Já para a geração X, tal preferência vem de sua necessidade de sobrevivência e de empregabilidade, mostram-se consideravelmente descrentes e desconfiados em relação às organizações. Assim, não compartilham o mesmo compromisso dos *Baby boomers*, com as organizações na qual trabalham. Ao contrário, eles valorizam muito trabalhar para si próprios e tratam a autoridade de maneira informal.

E para a geração Y, aprendizagem e desenvolvimento garantem o estilo de vida que desejam, além da busca por crescimento de carreira nas organizações (ZEMKE ET AL., 2000). Podem ser considerados mais relacionados à qualidade de vida, horários flexíveis de trabalho e independência (Smola & Sutton, 2002). Os membros dessa geração, por serem mais independentes, preferem trabalhar sozinhos e possuem a vantagem de lidarem habilmente com as novas tecnologias, compartilhar informações e a estarem em contato com as pessoas no ambiente virtual.

Para Dayrell (2007) a juventude é parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem suas especificidades que marcam a vida de cada um. Sob este ponto de vista, esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Para Peralva (2007) o entendimento é de que a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação.

Neste sentido os jovens podem ser vistos como protagonistas de um tempo de possibilidades e rompendo com a ideia de grupo homogêneo com características comuns a uma faixa etária, e, ao mesmo tempo, construindo uma noção de juventude pela ótica da diversidade. Assim a essência das análises não podem ser universais e estáticas, devem permitir diferentes entendimentos, variáveis no tempo e de acordo com o que é entendido como sendo o papel da juventude em uma dada sociedade.

Uma imagem bastante recorrente é a visão romântica da juventude que veio se cristalizando a partir dos anos de 1960, resultado, entre outros fatores, do florescimento da indústria cultural e de um mercado de consumo dirigido aos jovens, que se traduziram, na moda, locais de lazer, músicas, revistas, etc.

Nessa visão, a juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos. A essa ideia se alia a noção de um tempo para o erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, irreverência e questionamento. Uma juventude holista, com projetos coletivos, atitudes de ruptura, busca de independência econômica, carregada de ideologias, espiritualizada e numa vanguarda estética, moral e política. (ROCHA & PEREIRA, 2009).

Estas imagens convivem com outra: uma juventude vista como um momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a autoestima ou com a personalidade, na descoberta da sexualidade, na definição de uma carreira profissional, ou na procura pelo primeiro emprego. Ligada a essa ideia, existe uma tendência em considerar a juventude como um momento de distanciamento da família, apontando para uma possível crise da família como instituição socializadora. O que de certa forma marca a juventude dos anos 80 e 90 mais preocupadas com seus projetos pessoais, voltadas para o sucesso material, profissional, mais consumista, mais individualista, e com pouco investimento ideológico. (ROCHA & PEREIRA, 2009).

É, sem dúvida, um momento cujo núcleo central é constituído de mudanças do corpo, dos afetos, das referências sociais e relacionais. Uma época na qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de algum modo, ao longo da vida.

Em suma, são estilos diferentes entre gerações e suas formas de experimentar o contexto de suas realidades, e, neste sentido, o grupo tem um valor fundamental, é o espaço que proporciona a troca, um lugar simbólico de repartição da experiência, da vivência social, mesmo que tenham de enfrentar negociações, tensões e convivências conflituosas, entretanto é exatamente isso que fornece o suporte para o entendimento e enfrentamento do mundo a sua volta.

A perspectiva de se reconhecer o jovem como um sujeito social, num processo mais amplo de constituição do self, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um torna-se necessário. O sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e movido por eles, além de estabelecer trocas com outros seres humanos, eles também sujeitos. (DAYRELL, 2003).

Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. O sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade.

Segundo Melucci (1997) os jovens são atores-chave da sociedade contemporânea porque são eles que melhor exemplificam uma das principais características desta sociedade: a mudança na percepção do tempo. É um tempo do “aqui e agora”, pragmático e com múltiplas possibilidades.

Portanto são os jovens que percebem, adaptam-se e interagem de forma positiva e aberta às experiências e a diversidade. Dessa forma as redes as quais pertencem são igualmente múltiplas e descontínuas. Eles estão inseridos numa época de informações e estímulos constantes e numerosos, o que os compele a assimilar e responder na mesma medida, e mais, com uma rapidez muito maior. A mobilização dos recursos e as potencialidades abertas aos jovens dependem diretamente de como eles estão inseridos na sociedade e de como percebem e metabolizam essa inserção. (BARBOSA, 2012).

O sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais nas quais se insere. E é de suma importância ressaltar que temos de levar em consideração que existem várias maneiras de se construir como sujeito, e isto dependem, em grande escala, dos recursos de que se dispõe.

No Brasil, com a aprovação em 2010 da Proposta de Emenda Constitucional nº 65, conhecida como PEC da Juventude, o termo “jovem” passa a ser incorporado ao texto da Constituição Federal e a representar os brasileiros com idade entre 15 e 29 anos completos.

Ao se observar a evolução da população brasileira no último século, a variação demográfica é impressionante. De 17 milhões, em 1900, o número de habitantes passou para 170 milhões, em 2000. Esse mesmo país que em apenas cem anos multiplicou por dez a sua população, inicia o século XXI com uma taxa de fecundidade abaixo do nível de reposição, indicando que certamente iniciaremos um processo de declínio populacional antes de alcançar a metade desse novo século.

O país apresenta o total de 51 milhões de jovens existentes hoje, o que representa pouco mais de 26% dos quase 200 milhões de habitantes do país. Esse tamanho da juventude no Brasil pode ser dividido em subgrupos cuja demografia se apresenta da seguinte forma: o grupo dos jovens-adolescentes (15 a 17 anos) totaliza aproximadamente 10 milhões; o grupo dos jovens-jovens (18 a 24 anos) perfaz um total de 23,1 milhões e os jovens-adultos (25 a 29 anos) totalizam 17,5 milhões segundo o estudo “Juventude Levada em Conta” publicada pela SAE – Secretaria de Assuntos Estratégicos do Governo Federal em 2013.

A juventude reflete as transformações sociais em curso ao passo que emergem novas referências em novos contextos de vida social e, neste sentido, como o jovem age no cotidiano é uma das chaves para a compreensão de sua visão de mundo e da forma como interage com a sua realidade.

III.ii – Os jovens da “nova classe média” – família, consumo e escolha profissional

Os jovens de 18 a 29 anos são os novos formadores de opinião dentro de suas famílias e estão muito mais informados do que seus pais, são menos conservadores do que eles (sobretudo em questões sexuais e religiosas) e começam a ter uma grande força eleitoral. São também os filhos da internet, da comunicação global e têm ideias próprias sobre a política e a sociedade. Em alguns casos são eles que estão ajudando seus pais a usar o computador para que possam ter uma conta no Facebook, fazer compras ou pagar contas e enviar e-mails aos amigos. (ARIAS, 2014).

Com uma renda maior que a de seus pais, mais escolaridade e domínio dos meios digitais, os jovens de 15 a 29 anos vem mexendo com as estratégias de mercado e com a sociedade brasileira.

Os filhos destas famílias constituídas por trabalhadores de mais baixo nível profissional são um fenômeno muito importante, ao contrário de seus pais, que não estudaram, os jovens frequentam a escola e sabem mais do que eles. Querem, além disso, continuar sua formação para poder “melhorar de vida”. Serão adultos muito diferentes de seus progenitores. (DATAPOPULAR, 2014)

De fato, muitos já estão ganhando mais do que seus pais como empregados no mundo do comércio, na administração de empresas ou empreendendo seu pequeno negócio.

Segundo o historiador Philippe Aries (1981) a família nuclear como conhecemos hoje em dia é uma formação recente, moderna. Não fazer parte de uma é parecer estar à margem de uma noção de humanidade, fora de uma regra moral ou de uma essência da humanidade. Para Sousa (2010) a lógica da reciprocidade, longe de ser um resquício colonial é o que possibilita a classe baixa se reproduzir na emergência do capitalismo atual. Não sendo classe uma estrutura estática no tempo, mas relacional, a estrutura e organização familiar torna-se a instituição que liga de forma mais intensa os indivíduos afetivamente moldando as expectativas individuais frente às possibilidades concretas do mundo em todas as classes sociais.

Portanto a família cabe uma dupla função: reproduzir em cada indivíduo a ordem do mundo, que ultrapassa os limites da própria família, e ao mesmo tempo dotar o indivíduo de um sentido prático capaz de agir no mundo de acordo com sua estrutura e respondendo a ela.

Neste sentido a família dos jovens da “nova classe média” se particulariza pela ética do trabalho duro, no aprendizado prático do trabalho transmitido cotidianamente, como o trabalho doméstico, além das relações de reciprocidade vividas no sacrifício de interesses individuais em favor do grupo, com uma economia doméstica limitada pelo controle no presente, que é fundamentado nas dificuldades do passado, projetando expectativas futuras melhores. (SOUZA, 2010).

Em favor do trabalho e da educação esferas como o lazer e prazer individual – tão valorizado nas camadas médias e altas - são em grande medida, renunciados; a instabilidade material unida por uma valorização do trabalho árduo faz com que o tempo seja consumido por atividades produtivas.

Para Souza (2010) a “nova classe média”, que o pesquisador rebatiza de ‘nova classe trabalhadora”, conseguiu seu espaço à custa de extraordinário esforço, a sua capacidade de resistir à dupla jornada trabalho e escola, resistência ao consumo imediato e mais importante, uma enorme crença em si mesmo e no próprio esforço. Existe, portanto a presença de um capital muito específico que o autor chama de capital familiar.

Esse capital familiar é a transmissão de valores e exemplos do trabalho duro e continuado, mesmo em condições sociais adversas, uma vez que o capital econômico é reduzido, e o cultural e escolar se comparados aos estratos sociais de maior poder aquisitivo é deficiente, a família estruturada, com papéis sociais bem definidos e tradicionais é o núcleo central dessa classe. A ética do trabalho se impõe desde cedo e não há, portanto, o benefício

da vivência de uma etapa exclusiva de estudos. Com isso, o trabalho tende a ser mais técnico, pragmático e ligado a necessidades econômicas mais diretas, daí destacam-se as ocupações no comércio e nos serviços.

A aquisição de uma renda própria potencializa as práticas de consumo e interfere em muitos casos na hierarquia de gastos da família. Celulares modernos, aparelhos de som, mp4, perfumes, computadores, produtos de beleza, bebidas, calçados e roupas constituem os bens mais desejados e adquiridos pelos jovens quando começam a trabalhar, a maioria gasta tudo o que ganha e é bastante difícil encontrar quem invista parte do dinheiro para projetos futuros, é o que aponta Sciré (2012) em sua pesquisa junto a jovens da periferia de São Paulo. A autora também observa que a ânsia por comprar não está acompanhada de culpa ou arrependimento, mas ligada a indiferença e até mesmo ao orgulho pela atitude.

Os jovens formam um enorme mercado consumidor para uma série de produtos, e levando-se em conta o advento da “nova classe média” no Brasil o interesse das empresas por esse público é cada vez maior. Pesquisas mercadológicas traduzem em números bastante atraentes a força e a capacidade do consumo jovem para diversos setores. Segundo a Data Popular (2014) o poder de consumo anual dos jovens está estimado em R\$ 130 bilhões. O mesmo estudo revelou que os jovens pesquisados desejam adquirir móveis, televisores, geladeira, notebook, smartphones e máquina de lavar nos próximos 12 meses.

Os hábitos de consumo deixaram de ser exclusivamente um universo adulto e cada vez mais tem um papel social na vida dos jovens na moderna sociedade de consumo. O consumo passou a englobar várias atividades, atores e um conjunto de bens e serviços que, frequentemente, não se restringem necessariamente aos fornecidos sob a forma de mercadorias (BARBOSA e CAMPBELL, 2006).

A entrada no mercado de trabalho simboliza para a maioria dos jovens certa independência financeira, seja para contribuir com os gastos da casa ou pela vontade de ter seu próprio dinheiro para adquirir o que muitas das vezes os pais não conseguem prover, os jovens das camadas sociais de poder aquisitivo menor começam a trabalhar mais cedo.

Isto está intimamente ligado ao consumo da educação superior privada objetivando melhor empregabilidade e consequentemente maior nível de renda.

Pesquisa realizada em 2014 pela Data Popular, que ouviu 1.500 jovens de entre 16 e 24 anos em 53 cidades do país, mostra que 54% dos jovens investem em educação e em produtos de tecnologia, ou seja, coisas que seus pais não tiveram acesso. Segundo a pesquisa, 15% dos jovens da classe C querem comprar um notebook nos próximos 12 meses. Já 11%

querem um smartphone e 11% pretendem ter um tablet. E isso vai trazer impactos na renda desses jovens no futuro.

A “nova classe média” enxerga o ensino superior como o melhor caminho para subir na vida e é a maior responsável pelo grande aumento de matrículas em faculdades. O principal obstáculo aos jovens estudantes, além da mensalidade, ainda é a qualidade do ensino como revela pesquisa da Talent (2010).

A pesquisa aponta que, nos últimos anos, esse público foi o maior responsável pelo crescimento nas matrículas do ensino superior em torno de 46% das matrículas nas escolas de curso superior do país. O aumento de renda, os programas de financiamento estudantil e a redução do preço das mensalidades são fatores de estímulo.

A pesquisa destaca que o novo estudante de ensino superior do Brasil tem renda familiar de até cinco salários mínimos, é o primeiro da família a chegar à faculdade e, só consegue fazer isso em média quatro anos depois de terminar o ensino médio porque precisa trabalhar para pagar os estudos. Esse universitário tem um perfil mais otimista em relação ao futuro, ele acredita que o curso superior poderá ajudá-lo a ter uma vida melhor e se prepara pra aproveitar essa chance.

Segundo a publicação da SAE – Secretaria de Assuntos Estratégicos do Governo Federal, a maioria das famílias da “nova classe média” brasileira, onde os pais ainda são mecânicos, pedreiros, empregadas domésticas, cozinheiras e o perfil dos filhos, como vendedores de lojas, operadores de telemarketing, recepcionista demonstra que nessas famílias quem comanda tem uma escolaridade menor. Porém, os filhos já estão seguindo outro rumo 68% dos jovens estudaram mais que seus pais segundo o estudo da Secretaria.

Dados estes que permitem discordar da premissa de que a “nova classe média” tem na compra de bens considerados supérfluos o seu principal objetivo de consumo.

Neste sentido a escolha por um curso superior que proporcione mais chances e de forma rápida no mercado de trabalho e, além disso, apresenta uma matriz curricular ampla, com disciplinas diversas oriundas de diferentes campos do conhecimento torna-se atraente, e assim o curso de Administração se destaca e é um dos mais procurados nas instituições de ensino superior privadas.

O curso não é em muitos casos aquele em que o aluno “sonha” e “luta” para conseguir entrar. Alguns alunos afirmam que ficaram “meio perdidos” no início do curso, mas depois conseguiram “se encontrar” devido à generalidade das disciplinas como afirmam Pinto & Salume (2012) em sua pesquisa junto a alunos do curso de Administração de uma grande faculdade particular de Belo Horizonte.

Os autores constatam que os alunos têm um dia a dia bastante corrido, levantam cedo, e depois de um dia inteiro de trabalho, precisam estar dispostos a participar das aulas. Somado a isso se deve considerar o cansaço advindo dos deslocamentos, das condições dos transportes públicos e engarrafamentos. Essa situação é ainda mais complicada para as alunas que são mães, pois precisam compatibilizar essa rotina com afazeres domésticos e cuidados com os filhos. Muitos alunos que têm filhos, por exemplo, passam boa parte da semana sem vê-los.

Uma estratégia bastante utilizada pelos alunos para que possam conciliar com maior tranquilidade as atividades do curso (em questões de tempo e custo) é a diminuição do número de disciplinas a cursar. Isso leva a alguns problemas como dificuldades de criar raízes no curso, tendo em vista a dificuldade em seguir uma turma, perda de identidade, isolamento com relação aos grupos, além de problemas relacionados à montagem do horário principalmente no final do curso.

Falta para os alunos, portanto, maior tempo para se dedicar às atividades do curso. Percebe-se, assim, que a sala de aula funciona como um local único para aprendizado, pois os alunos não terão outra oportunidade de tempo para estudar. Conciliar mais de oito horas de trabalho, afazeres domésticos e aulas à noite exige uma grande dose de habilidade, ressaltam Pinto & Salume (2012).

A necessidade que os alunos têm de investir no aprendizado em sala de aula é altíssima, pois não terão condições de se dedicar aos estudos fora do horário que estão na faculdade. Isso parece levar a uma constatação importante: para os jovens alunos trabalhadores do curso de Administração a graduação se resume no aprendizado em sala de aula, sem o aporte de outras experiências extraclasse que poderiam aprimorar a sua formação deles: pesquisa, extensão e outras atividades extracurriculares.

Em suma, o dia a dia na sala de aula dos alunos é permeado por emoções e sentimentos diversos tanto negativos como raiva, frustração, cansaço, apatia como positivos como alegria, prazer, e diversão.

A escolha da instituição está relacionada à forma como os alunos percebem a instituição de ensino na qual estão matriculados e principalmente como se dá a articulação da imagem dessa instituição com a sua formação. É evidente que a questão da “marca” da instituição tem seu valor para o aluno, especialmente quando se constata que o curso de Administração é um dos cursos mais “vendáveis” por parte das instituições de ensino privadas, por serem de baixo custo e terem uma procura considerável.

Pinto e Salume (2012) ressaltam que apesar de ser um processo seletivo bastante simplificado, sem muita concorrência quando comparado à seleção de cursos ou instituições

com grande procura por parte dos estudantes, os alunos dão um grande valor simbólico a este “rito de passagem”. Muitos se sentem felizes quando percebem que os familiares ficam orgulhosos ao ver alguém “fazendo curso superior” na família. Isso é particularmente evidente nas cerimônias de formatura, reforçado no discurso dos alunos e professores.

Assim os alunos conferem grande importância ao diploma que se torna sinônimo de orgulho, realização de um sonho, aumento da empregabilidade, satisfação da família, elevação da autoestima, capacidade para enfrentar desafios, perseverança, enfim, uma conquista conforme as entrevistas feitas pelos pesquisadores Pinto & Salume (2012) revelaram.

Finalmente a pesquisa junto aos alunos de Administração de uma instituição de ensino superior privada de Belo Horizonte ainda revela é a expectativa depositada por grande parte dos alunos no que tange ao crescimento profissional e, principalmente, no incremento da renda pessoal a partir da obtenção do título de graduação.

III.iii – O diálogo com os jovens da “nova classe média” – o perfil dos jovens pesquisados

Em 2008 passei a lecionar no curso de Administração em uma grande instituição privada localizada em Bonsucesso bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Esta instituição tem ampla presença nas comunidades de seu entorno (Complexo do Alemão, Complexo da Maré e Complexos de Manguinhos) através de programas de extensão envolvendo diversos alunos de vários cursos de graduação orientados pelos professores responsáveis. A localidade é historicamente marcada pela pobreza e violência, e mais recentemente, vem sendo alvo de programas como os da UPP – Unidades de Polícia Pacificadoras e UPP Social, bem como investimentos do PAC – Programa de Aceleração do Crescimento do Governo Federal.

Atualmente são 3.323 alunos matriculados no curso de Administração somando-se todas as unidades (Bangu, Campo Grande e Jacarepaguá) onde cerca de 80% do total está concentrado na unidade de Bonsucesso no período noturno. As turmas são formadas por até 80 alunos cada.

Num âmbito geral o perfil do aluno, considerando todos os cursos, pode ser resumido da seguinte forma: alunos oriundos de famílias de renda baixa e de escolas públicas, apresentando formação fundamental e média deficientes; alunos transferidos de outros estabelecimentos de ensino que buscam, através da proximidade da escola e/ou do horário noturno, a compatibilidade de formação com a necessidade de trabalho em tempo integral; alunos de idade cronológica avançada que, por exigência de sua condição financeira ou por absoluta indisponibilidade de tempo, interromperam, por várias vezes, seus estudos; e alunos

que trabalham e veem na graduação uma promoção pessoal e/ou maior estabilidade no emprego. (NAPP, 2012)

Em estudo exploratório realizado por mim com 56 alunos no segundo semestre de 2012 questionando sobre a prioridade dos mesmos no momento atual de suas vidas mostrou que 94,6% apontam a família como sua prioridade principal, seguida da educação com 87,5% e 76,8% com sua “auto realização”, isto é, sua percepção quanto às suas escolhas individuais e ao desenvolvimento pessoal. Por outro lado, as categorias consideradas menos importantes são: a comunidade com 28,6%, 8,9% o lazer e 8,9% a construção de patrimônio.

Barbosa et all (2014) revela que a família exerce uma influência dominante sobre o comportamento dos jovens, que se estende até a idade adulta, pois eles geralmente permanecem na casa dos pais até mais de vinte anos. Tendência essa, por conta da crise na Europa e nos Estados Unidos, passa a acontecer onde os jovens tradicionalmente atingiam a “independência” aos dezoito anos. O que se destaca, no Brasil, é a grande confiança depositada pelos jovens em instituições consideradas tradicionais – família, escola e igreja.

Em ampla pesquisa sobre o perfil geral do aluno realizada pelo Núcleo de Apoio Psicopedagógico da própria instituição entre o segundo semestre de 2011 e o primeiro semestre de 2012 com 706 discentes nos permite conhecer melhor esse público.

A amostra revelou que as faixas etárias predominantes na instituição são em primeiro lugar de 21 a 25 anos (27%), de 17 a 20 anos (24%) e de 31 a 40 anos com 22% dos pesquisados. Dos 706 entrevistados, 77% trabalham e a ocupação é exercida numa carga horária de 8 horas ou mais em 79% da amostra. Mais de 50% deles vem direto do trabalho para a instituição. Há muitos alunos que estudam pela manhã e depois vão para suas ocupações, como também alunos que veem do trabalho noturno e estudam pela manhã.

Os alunos residem em sua grande maioria na zona norte da cidade do Rio de Janeiro (61%), seguidos por alunos cuja residência é na Baixada Fluminense (22%). O tempo de deslocamento para chegar à instituição é de uma hora à uma hora e meia para 59% deles. A escolaridade dos pais concentra-se em 33% para o ensino médio completo e 32% para o fundamental incompleto.

Aqui se constata a dupla jornada enfrentada pelos alunos, o desgaste dos deslocamentos antes e após as aulas e a característica familiar de menor nível de escolaridade e consequentemente as reduzidas chances de somente estudar para depois trabalhar.

Nas conversas informais com os alunos surgem fortemente aspectos como “sacrifício”, “cansaço, mas não posso desistir”, “a minha família me apoia” que denotam e justificam o enfrentamento diário para conciliar trabalho e estudo noturno, o uso de meios de transporte

coletivos cheios, grandes deslocamentos pela cidade, a quantidade de aulas (4 noites maciçamente), à volta para casa e as poucas horas de sono.

O ensino médio foi cursado em escola pública por 82% dos entrevistados; na forma de curso regular 69% e em regime de supletivo 22%. A auto avaliação da escolaridade é declarada como boa para 49% dos alunos e razoável para 34%. Entretanto 51% afirmam apresentar dificuldades em compreender alguns assuntos abordados nas aulas, 71% assumem dificuldades de concentração durante a leitura e 30% afirmam que a principal dificuldade de aprendizagem na vida acadêmica é a administração do tempo, 19% interpretação e contextualização de ideias, 18% metodologia utilizada pelo professor.

Um dos principais problemas que a pesquisa ressalta diz respeito à qualidade da educação e as oportunidades educacionais do aluno que se revelam deficientes no que tange aos ensinos fundamental e médio; mesmo diante das recentes mudanças no sistema educacional brasileiro, onde se destaca a escolarização básica universalizada e as novas oportunidades oferecidas no plano da educação média e superior.

A educação é o símbolo por excelência da identidade da classe média, como aponta Souza & Lamounier (2010), e vista como um dos principais fatores de ascensão social diretamente relacionado aos diferenciais de renda entre escolarizados e menos escolarizados, o que afeta consideravelmente as chances de mobilidade social.

A pesquisa de Souza & Lamounier (2010) revela que boa educação e talento associado ao empenho individual e ao capital social de que se dispõe aumentam as chances de ascensão social. Os pesquisadores constataram que o ensino superior é a meta ambicionada por todas as classes sociais, embora exista uma diferença considerável entre a aspiração e a realização. Assim nas famílias de nível educacional mais alto a real probabilidade de se materializar é maior do que nas famílias de menor escolaridade que aspiram ao ensino superior, mas assumem que a probabilidade de realização pelos filhos tende a ser abaixo do esperado.

Para 55% da amostra a escolha pelo curso de graduação atual teve como principal motivação a realização pessoal seguida melhoria profissional para 36%. Em relação a sua visão pessoal de competências, 91% declararam melhora em sua autoestima e autoconfiança após iniciarem a vida acadêmica, também apontam melhorias nas capacidades oral e escrita (74%).

Os dados levantados por Pinto & Salume (2012) em pesquisa na instituição de Belo Horizonte remetem muito ao que se observa na instituição do Rio de Janeiro. O curso de Administração também é o mais procurado e o maior da instituição, justamente por ser caracterizado pela generalidade em sua grade curricular e por oferecer sempre estágios na área

desde os primeiros períodos, e mais, permite especialização em várias áreas depois de formado ou formas diversas de oportunidades de trabalho. O grau de expectativa depositado no diploma como forma de melhor inserção no mercado de trabalho também é bastante corrente entre os alunos, muitos são os primeiros da família a chegarem ao ensino superior e isto é motivo de orgulho e de melhoria da autoestima, reforçados em grande medida nas cerimônias de formatura como forma de conquista a base de muito esforço e empenho individual, um discurso permeado pelo diferencial da dupla jornada, estudos nos finais de semana e abdicação do tempo junto à família e filhos.

Fica bastante perceptível a importância que as famílias dão a estes momentos. Vale a pena ressaltar a importância que os alunos atribuem a esse momento para os familiares, incluindo pais, avós, tios, etc. Torna-se um marco na trajetória deles.

Entretanto a constatação de que os alunos não dispõem de tempo para se dedicar de forma adequada às atividades extracurriculares como participação em projetos de extensão, pesquisa, monitoria e acompanhamento de outras atividades como palestras, minicursos, bem como cursos de idiomas e outros eventos de curta duração que poderiam enriquecer o currículo deles é fato.

Os alunos dispõem de pouco tempo para se dedicar aos estudos em casa com leituras de livros, pesquisas na internet e mesmo trabalhos em grupo, seja nos dias de semana onde a sala de aula é o único momento de aprendizado depois de uma jornada de trabalho, como também nos finais de semana quando precisam realizar outras tarefas do cotidiano, como os afazeres domésticos. Isso limita muito a capacidade dos alunos em ter uma formação de melhor qualidade.

É muito recorrente alunos revelarem que estudaram muito para uma determinada prova. Segundo alguns deles, ficar de meia noite as duas ou acordarem cedo para estudar é sinônimo de dedicação. Outros atestam que ficar uma tarde de domingo toda estudando é demasiadamente extenso.

A utilização de e-mails, redes sociais e torpedos são recorrentes entre os alunos, pois é a oportunidade que têm de se comunicarem ao longo do dia acerca de questões relacionadas aos trabalhos em sala, matérias de provas, etc. Vale citar também casos do que alguns estudantes chamam de “e-colas”, ou seja, resumos da matéria que são passados via e-mail para grupos de alunos ou até todos os integrantes da turma que podem ser utilizados para consulta durante as avaliações.

Recordo-me de um aluno que ao final de uma prova surge com quatro provas minhas aplicadas em períodos passados e se diz surpreso por eu não ter repetido nenhuma questão.

É bastante comum também a divisão dos trabalhos. Isso pode ter repercussão deficiente no rendimento acadêmico dos discentes, assim, muitos acabam se “especializando” em determinadas tarefas como redigir o trabalho, montar a apresentação ou apresentar o trabalho acarretando em uma fragmentação do conhecimento que pode não ser adequada.

Diante do malabarismo para enfrentar a dupla jornada de trabalho e estudo surgem inevitavelmente estratégias para dar conta da grade curricular, isso não quer dizer que a maioria dos estudantes não estude, mas como a maior parte deles não se socializou numa ética de dedicação exclusiva aos estudos, o hábito de estudar visando um aprofundamento do saber não é percebido em seu comportamento. Estudar para passar na prova do professor e então concluir o curso é o mais presente na fala dos alunos, não há uma percepção de conjunto de toda a graduação.

A faculdade torna-se um lócus privilegiado para o desenvolvimento de uma série de atividades eminentemente relacionais como paquerar, namorar, brincar, ir para bares, “baladas”, aumentar o networking, churrascos nos finais de semana, convites para jogar bolas, entre outras. É interessante observar que a rede de relacionamentos vai desde utilização de e-mails, redes sociais e torpedos até festas na casa de um dos colegas de turma.

É importante frisar que a experiência de estar no ensino superior não faz parte do universo deles no seio da família da qual fazem parte. Fica bastante claro nos discursos que eles não viam essa possibilidade há anos atrás, isto é, seria algo inatingível para eles em outros momentos das suas vidas. Entra em cena nesses casos, a importância das bolsas institucionais e outros incentivos ao ensino superior.

Continuando o diálogo com esses jovens foi produzido um questionário objetivando traçar um perfil socioeconômico daqueles que confeccionaram os diários alimentares.

Composto por 22 perguntas, o questionário foi preenchido concomitante ao registro das ingestas alimentares por parte dos jovens pesquisados nos diários distribuídos perfazendo um total de 49 questionários preenchidos.

Buscou-se levantar a participação de homens e mulheres, a faixa etária predominante ao recorte da pesquisa que é entre 18 e 30 anos, a renda individual, a composição da renda familiar considerando a participação da renda individual, bem como a quantidade de pessoas moradoras no domicílio. A participação nas despesas da casa e se a moradia é junto com os pais ou não complementam o primeiro bloco do questionário.

O levantamento da escolaridade de pai e mãe, assim como se a mesma foi cursada em qual tipo de escola são fundamentais para mapear as condições de reprodução social do núcleo familiar uma vez que estas informações são completadas com o levantamento da

formação escolar do jovem pesquisado. Dessa forma também se torna importante investigar se o jovem é o primeiro de seu núcleo familiar a cursar o ensino superior.

O terceiro bloco do questionário é focado na posse de bens que representem formas de acesso à informação e networking, por isso, telefone celular, computador, tablet, net e notebook são listados para que o respondente possa indicar a sua posse ou não e com isso identificar qual desses bens tem maior representatividade no universo dos entrevistados. O acesso à internet também é levantado encerrando este bloco de perguntas.

O potencial de consumo é percebido pela posse de cartão de crédito e os limites de crédito disponíveis para compra por parte dos jovens entrevistados. Assim como o levantamento dos itens mais adquiridos via cartão de crédito e a percepção que os mesmos têm em relação ao padrão de vida, por meio da propriedade de bens duráveis, em sua residência. O quarto bloco se encerra ao identificar o tipo de moradia do jovem e qual área de trabalho ele se insere no mercado e se possuem algum tipo de negócio próprio ou atividade extra que lhe gere alguma renda.

Do total de jovens pesquisados 61,1% são do sexo feminino e 38,9% masculino, a faixa etária predominante no universo da pesquisa é composta por 41,7% entre 18 e 23 anos e 33,3% entre 24 e 29 anos. A faixa de renda com maior destaque entre o público varia de R\$ 500,00 a R\$ 1000,00 para 38,2% da amostra, seguida pela faixa de R\$ 1501,00 a R\$ 2000,00 com 23,5%, a faixa entre R\$ 1001,00 a R\$ 1500,00 foi declarada por 17,6% dos jovens.

O resultado para a renda familiar mensal, incluindo a renda individual do jovem, destaca-se acima de R\$ 4000,00 para 28,6% da amostra, entre R\$ 3000,00 a R\$ 3500,00 para 20% dos entrevistados e 17% com renda mensal familiar entre R\$ 2501,00 a R\$ 3000,00. Considerando que 58,3% dos jovens indicaram que moram em seu domicílio três pessoas, que 16,7% moram quatro pessoas e 13,9% moram somente duas pessoas, a renda *per capita* varia entre R\$ 2000,00 a R\$ 1000,00.

Observando em qual área profissional atuam os entrevistados 61,3% informaram trabalhar na área de serviços e 25% na área em comércio. Estes setores da economia apresentam a maior parte das oportunidades de empregabilidade atualmente e são caracterizadas pela alta rotatividade, por salários baixos e escassas possibilidades de ascensão hierárquica o que permitiria funções mais complexas e melhores salários.

Mesmo com o contido nível educacional e a limitada experiência profissional, as novas ocupações de serviços, absorvedoras de enormes massas humanas resgatadas da condição de pobreza, permitem inegável ascensão social, embora ainda distante de qualquer

configuração que não a de classe trabalhadora, seja pelo rendimento, seja pelo tipo de ocupação. (POCHMANN, 2012).

Participar das despesas da casa é uma realidade para 80% dos jovens da pesquisa onde 50% declararam morar com os pais e os outros 50% mantêm seus próprios lares.

A escolaridade dos pais reflete a forma de reprodução social desses jovens, assim como a incorporação de valores básicos e de capital intelectual. Os pais apresentam o segundo grau completo como grau de escolaridade máximo para 41,2% da amostra, seguido do primeiro grau incompleto por 20,6% e o primeiro grau completo por 11,8%, embora seja importante ressaltar que 8,8% dos pais desses jovens possuem o superior incompleto e 5,9% o superior completo. Os pais dos jovens estudaram maciçamente em escola pública como indica 87,9% das respostas.

As mães apresentam a escolaridade mais baixa são 27,8% com primeiro grau incompleto, 25% delas possuem o segundo grau completo. Entretanto a entrada no ensino superior é maior quando comparada com a dos pais, para as mães 11,1% tem superior incompleto e 8,3% superior completo. Isto pode indicar o afastamento da mulher em relação aos estudos em virtude da gravidez e responsabilidades domésticas associadas à necessidade do trabalho para ajudar nas despesas da casa. As mães também estudaram em escolas públicas, 80% das respostas da amostra.

O jovem desta pesquisa é o primeiro de sua família a chegar ao ensino superior para 44,4% deles, ao passo que 55,6% não são os primeiros, assim não podemos deixar de verificar que uma quantidade significativa de pais e mães já passou pelo ensino superior e que outros membros da família já podem ter atingido esse objetivo, entretanto é importante observar que quase a metade dos entrevistados são efetivamente os primeiros de seu núcleo familiar que chegam ao ensino superior e isso é uma verdadeira conquista e motivo de muito orgulho para o jovem e sua família.

Quando olhamos para os resultados da escolaridade desse jovem verifica-se a presença menor da escola pública, 42,9% estudaram exclusivamente na rede pública, 31,4% mesclaram o ensino na rede pública com a privada, e 17,1% na rede privada de ensino, portanto tem-se 48,5% de jovens com formação ou parte dela na rede privada de ensino, o que reflete a busca de educação com mais qualidade diante da deficiência da rede pública de ensino. Assim a família desse jovem majoritariamente escolarizada na rede pública investe em melhor educação para seus filhos na preocupação de buscar melhor capitais cultural e consequentemente melhores chances de ascensão social.

A educação é vista como um dos principais fatores de mobilidade social, assim reflete os enormes diferenciais de renda que existem entre os indivíduos mais e menos escolarizados, a “boa” educação é fator essencial e muito importante para vencer na vida. (LAMOUNIER & SOUZA, 2010)

Em relação à posse de produtos o questionário levantou as seguintes informações: 100% da amostra possuem celulares, destes 52,8% sem acesso a internet e 47,2% com acesso a internet. Em relação a computador 83,3% dos jovens declararam possuir-lo, 63,9% também possuem *notebook*, 33,3% possuem *tablet* e 8,3% possuem *netbook*. O acesso à internet é realizado em casa e no trabalho por 65,7% da amostra, somente em casa por 28,6% como muitos jovens trabalham com atendimento e pequenas e médias empresas, muitos não podem utilizar a internet em seu trabalho.

A presença de celulares com acesso a *internet*, *tablets* e *notebooks* em sala de aula é bem marcante, tanto para acompanhar as aulas, já que os conteúdos são disponibilizados em ambiente virtual, como informações, jogos e troca de mensagens. Além disso, a instituição gera aplicativos para serem baixados em celulares e *tablets* com informações de interesse do aluno e boa parte dos procedimentos acadêmicos são feitos *on line*.

O cartão de crédito está nas mãos de 72,2% dos jovens entrevistados e 27,8% não o possui, o que demonstra que muitos ainda realizam suas compras com dinheiro ou cheque, ou seja, não estão bancarizados. O limite do cartão de crédito também foi perguntado aos jovens de um lado para medir o potencial de consumo por outro lado para cruzar com os dados de renda individual.

Com limite entre R\$ 500,00 a R\$ 1000,00 temos 30,8% dos jovens, os limites de compra entre R\$ 1001,00 a R\$ 1500,00 e acima de R\$ 3000,00 estão nas mãos de 38,4% da amostra e 23% possuem limite de crédito entre R\$ 1501,00 a R\$ 2500,00. Lembrando que a renda individual predominante entre o público está entre R\$ 500,00 a R\$ 2000,00 perfazendo 79,3% dos jovens pesquisados o cartão de crédito torna-se um meio de aquisição de produtos e serviços de grande importância para o público potencializando a sua renda individual e seu consumo uma vez que o parcelamento em cartão de crédito é uma prática muito comum entre os consumidores brasileiros.

Alguns itens foram listados como opções de gastos com cartão no sentido do público entrevistado apontar os mais comprados nesta modalidade de crédito: alimentação para o lar, alimentação fora do lar, vestuário, calçados, remédios, cultura/lazer, bens duráveis e serviços.

Vestuário se destaca em primeiro lugar como o item mais comprado no cartão de crédito por 73,1% dos jovens seguido por Calçados com 50%. Segundo Motta (2012) em sua

pesquisa exploratória junto à classe C, as roupas de marca elevam a autoestima e expressam o que está se sentindo no momento, como, sentir-se bem (prazer) e significação (as roupas “vão chamar a atenção”). O preço razoável também é um destaque, ou seja, pode-se produzir um estilo sem necessariamente gastar muito ou só comprar peças muito caras.

Outro ponto importante é que esses jovens estão trabalhando e estudando, passam o dia todo fora de casa e precisam se mostrar bem arrumados, consolidando, neste sentido, sua identidade individual que está em processo de amadurecimento tanto pessoal quanto profissional. É perceptível nos alunos a sua forma de vestir, as estudantes chegam à sala de aula, maquiadas com saltos altos, portando bolsas réplicas de marcas famosas de luxo ou de outras marcas de preços mais acessíveis, e com muitos acessórios tais como pulseiras, colares, anéis e brincos. Os estudantes chegam de terno e gravata portando pastas executivas ou vestindo blusas de marca mais tradicionais como Lacoste e Polo ou mais de estilo mais despojado como Aéropostale e Hollister. Os tênis de marca se destacam nos pés dos jovens.

Em terceiro lugar o gasto com alimentação com 30% em relação à alimentação fora do lar e 28% com itens para alimentação no lar. Somados os gastos com alimentação temos 58% dos jovens pesquisados apontando que o consumo alimentar tem grande representatividade, após vestuário e calçados, nos itens pagos via cartão de crédito.

Em quarto lugar, gastos com cultura/lazer, 25%, seguido por bens duráveis com 22% dos gastos mais efetuados no cartão. Remédios (21%) e serviços (20%) configuram também como itens pagos com cartão.

É interessante notar que 75% dos entrevistados declararam como própria o tipo de sua moradia, 22,2% alugada e 2,8% financiada. Para 48,6% dos jovens suas residências são bem mobiliadas, 25,7% consideraram suas residências razoavelmente mobiliadas e 20% muito bem mobiliadas. Dessa forma há espaço para consumo de bens duráveis em 74,3% dos lares da amostra e isto reflete em grande medida uma busca pela melhoria de padrão de vida familiar no que se refere a eletrodomésticos, eletroeletrônicos e móveis conferindo conforto, praticidade e entretenimento ao núcleo familiar.

Os aspectos quantitativos que refletem o perfil socioeconômico dos jovens desta pesquisa precisam ser complementados pela visão de mundo que eles possuem de sua própria biografia social assim como de suas expectativas e projetos de futuro.

Neste sentido foram realizadas entrevistas qualitativas com os autores dos diários abordando aspectos sobre família, momento atual de suas vidas e perspectivas de futuro que pudessem trazer a tona suas subjetividades e reflexões.

Família, trabalho, protestantismo e sonhos de futuro são as características que perpassam a vida dos jovens desta pesquisa, são histórias de vida permeadas de muito sacrifício, poucos recursos financeiros que os levam ao mercado de trabalho desde cedo, um profundo elo com a fé cristã através da inspiração bíblica, a palavra, e um profundo sentimento positivo diante das oportunidades que podem advir depois da conquista do diploma superior.

São jovens que fizeram um esforço pessoal gigantesco, e que valorizam as realidades mais próximas de si. O mundo desses jovens ainda é pequeno, restrito à família, ao bairro, às suas preocupações mais imediatas. São religiosamente também conservadores, no sentido de que ainda mantém os laços religiosos provindos, na sua maioria, de igrejas evangélicas.

Muitos são os primeiros universitários da família. Escolhem a faculdade particular, mas que não seja muito cara, um curso não muito exigente, mas aquele que foi possível entrar. Muitos não se envolvem com o ambiente universitário, mas querem ter o diploma. Ainda não viram muita efetividade em uma escolaridade maior, e mais, muita não têm ainda segurança nessa nova posição.

E mais ainda, não têm perspectiva de futuro muito clara, e os laços anteriores, que são sua rede de sustentação, se mantêm. Essa rede é representada pelos hábitos, pela cultura, pela religião e pelos relacionamentos comunitários do seu bairro. (RIBEIRO, 2011).

O apoio da família, o trabalho e esforço individual se destacam nas narrativas desses jovens:

“tenho muitos sonhos, mas para realiza-los é necessário muito esforço, pois não é fácil trabalhar e estudar ao mesmo tempo é cansativo e complicado. Às vezes dá vontade de desistir (...) já pensei em trancar a matrícula, mas graças a minha família e noiva, que sempre me dão apoio e incentivo para continuar eu desiste de cometer essa “loucura””. Estudante, masculino, 21 anos, 2º período.

“estudar à noite é muito cansativo, não consigo obter o mesmo desempenho que eu tinha no ensino médio quando estudava de manhã. À noite eu me sinto esgotado, por ter passado o dia inteiro trabalhando.” Estudante, masculino, 23 anos, 3º período.

“o apoio da minha família sempre foi essencial em tudo o que eu faço.” Estudante, masculino, 24 anos, 4º período.

A rotina do trabalho e as estratégias do dia a dia para economizar dinheiro também surgem nos discursos.

“não sabia que iria ser tão desgastante (...) acordo 6 da manhã e saio do trabalho às 17h e passo em casa para pegar o cartão Riocard do meu irmão para que eu possa economizar passagem. O salário que eu recebo além de pagar a faculdade e outras contas ficaria muito apertado pagar a passagem todo dia para ir à faculdade.” Estudante, masculino, 22 anos, 3º período.

Dificuldades financeiras e o trabalho cedo, muitas vezes ainda criança, parecem forjar o caráter de alguns jovens desta pesquisa.

“na minha vida nada foi fácil, tudo eu tive que batalhar para conseguir. Comecei a trabalhar cedo porque a vida financeira da minha família não era muito boa, por esse motivo quando eu era criança e chegava da escola saía e vendia guloseimas na rua.” Estudante, masculino, 21 anos, 2º período.

A figura de uma mãe batalhadora, incentivadora e que dá o apoio ao filho são referências importantes nos discursos.

“minha mãe, por exemplo, foi à incentivadora de tudo que já conquistei, me ensinou a nunca desistir de meus sonhos, mesmo com os obstáculos que a vida *propõe*, sempre trabalhou fora e nunca deixou de me dar carinho e atenção. Ensinou que precisamos estudar para ser uma pessoa bem sucedida na vida, caminhar rumo à felicidade e ter sempre fé em Deus” Estudante, feminino, 24 anos, 5º período.

“nestes momentos de dificuldade minha mãe, e a coloco como a principal que me deu apoio em todas as situações para que eu pudesse continuar, a saber, lidar com a vida, por isso não desistiu de meus objetivos.” Estudante, masculino, 21 anos, 3º período.

“alegria nas vitórias, tristeza nas derrotas e minha família de perto ou longe acompanhando, apoiando e incentivando cada passo do meu crescimento, e minha mãe sempre ali” Estudante, masculino, 26 anos, 4º período.

“minha mãe fica com minha filha para eu trabalhar e estudar.” Estudante, feminino, 24 anos, 3º período.

Conflitos com a família e uma postura crítica em relação a ela também surgem nas narrativas desses jovens que buscam melhorar a sua vida cotidiana e muitas vezes não recebem o apoio desejado.

“hoje sou o chato da família porque estou adquirindo mais cultura e conhecimento através da faculdade e o convívio dentro da instituição me deixou mais crítico em relação às coisas e situações ao meu redor.” Estudante, masculino, 23 anos, 5º período.

“tive que correr atrás de meus objetivos sem nenhum incentivo familiar, pois trabalho desde os 17 anos e tive de amadurecer sozinha. Na minha casa, eu e minha mãe é que mantemos o lar” Estudante, feminino, 25 anos, 6º período.

“o nível de conhecimento da minha família é baixo” Estudante, masculino, 22 anos, 3º período.

Entretanto para a maioria dos jovens entrevistados a família é o grande suporte de suas vidas.

“minha família representa um instinto acolhedor” Estudante, feminino, 22 anos, 2º período.

“passamos por diversas dificuldades, adversidades, mas sempre resistimos a todas as tempestades junto. Família pra mim é sagrado é amor.” Estudante, masculino, 23 anos, 3º período.

“tive uma infância simples, sem muitas regalias, com momentos de dificuldades, mas sempre juntos, a família sempre esteve junta.” Estudante, feminino, 24 anos, 4º período.

“apesar de morar numa área considerada perigosa e pobre, nunca me faltou nada, e a família sempre esteve do lado dos bons valores” Estudante, masculino, 25 anos, 5º período.

O trabalho iniciado cedo é caracterizado por ocupações de baixa qualificação.

“consegui um trabalho de repositor aos 19 anos em supermercado e passei a estudar à noite” Estudante, masculino, 23 anos, 4º período.

“meu primeiro emprego foi numa papelaria quando eu tinha 15 anos, hoje trabalho numa empresa de *call center*.” Estudante, feminino, 22 anos, 2º período.

“comecei a trabalhar quando completei 14 anos no *McDonalds*, tudo era novo para mim. Hoje trabalho como *office boy* num escritório de contabilidade.” Estudante, masculino, 20 anos, 2º período.

A entrada na faculdade emerge do discurso dos jovens entrevistados como sonho e conquista alcançado além da possibilidade de melhoria de vida.

“hoje graças ao meu ingresso na faculdade, sonho que sempre almejei, as portas estão se abrindo cada vez mais na minha vida profissional.” Estudante, feminino, 23 anos, 3º período.

“fui percebendo que era necessário ter no mínimo um nível superior para poder crescer profissionalmente e ter um salário maior.” Estudante, masculino, 21 anos, 2º período.

“cursar uma faculdade sempre foi o meu sonho e dos meus pais, eles não podiam arcar com as despesas e eu só pude ingressar quando recebi minha promoção no quartel.” Estudante, masculino, 24 anos, 4º período.

A visão otimista em relação ao futuro associada à fé cristã, particularmente a filosofia evangélica, perpassa boa parte das entrevistas. E as conquistas também são atribuídas à capacidade de ter fé e perseverar.

“Deus é minha base, meu alicerce para conquistar meus objetivos.” Estudante, feminino, 25 anos, 4º período.

“as lutas servem como uma escola e hoje posso dizer que sou uma menina bem sucedida, já tenho meu carro, comprei um terreno e pretendo ser uma empresária de sucesso. Minha expectativa para o futuro é terminar a minha faculdade, abrir minha própria empresa,

construir minha casa no terreno que comprei. Deus está agindo em minha vida.” Estudante, feminino, 24 anos, 3º período.

“todo o meu futuro, acredito e almejo, é seguir minha área profissional, o que sei é que meus caminhos serão trilhados segundo a vontade Dele.” Estudante, masculino, 23 anos, 2º período.

“os elementos principais eu já tenho que é paixão pelo o que faço disposição e muita força de vontade e fé.” Estudante, masculino, 22 anos, 3º período.

Os sonhos, realizados ou planejados, são marcados pelo pensamento prospectivo.

“estou em busca da entrada e permanência no mercado de trabalho, e minha meta para o futuro é entrar em uma multinacional e crescer profissionalmente lá dentro. E poder ajudar meus pais e no futuro ter a minha própria família” Estudante, feminino, 22 anos, 2º período.

“o que mais quero, além de construir minha família, ter minha mulher e filhos, é estar morando em uma casa própria, num bom local, trabalhando num emprego que seja a área que sempre estudei para atuar ganhando um bom salário e com isso ter uma vida estabilizada.” Estudante, masculino, 25 anos, 5º período.

“Vou me formar em 2016, mal vejo a hora desse dia chegar, será um sonho realizado, algo tão distante de ser realizado e hoje poder estar dentro da faculdade desenvolvendo os meus projetos e realizando os meus objetivos é um privilégio.” Estudante, masculino, 20 anos, 2º período.

“hoje em dia sou estudante do ensino superior, trabalho com o que gosto, amo minha família e amigos, dão valor as coisas simples da vida, pois são elas que realmente valem à pena. Estou me dedicando para no futuro me tornar uma excelente administradora, da minha própria empresa.” Estudante, feminino, 23 anos, 3º período.

“quero mostrar a minha família que eles e todos nós somos capazes de concluir um curso de graduação e temos possibilidade de crescimento pessoal e profissional em nossas vidas.” Estudante, masculino, 23 anos, 5º período.

Algumas entrevistas foram marcadas por histórias de vida particularmente difíceis e mostram o grandioso esforço desses jovens para mudar suas trajetórias.

“tudo começou quando a minha mãe engravidou de mim aos 16 anos e meu pai com 17 anos, uma gravidez precoce e turbulenta. Meus avós me renegaram. Eu cresci com o carinho dos meus pais, mesmo separados, cresci num ambiente triste, meu avô materno bebia muito e usava drogas, chegava a casa e quebrava tudo e eu sempre presenciei todas as cenas. Nunca tive paradeiro certo, vivia com a minha mãe, que casou de novo e teve quatro filhos, com meu avô,

minha tia. Minha casa nunca teve sossego, não foi sadio, não dava para estudar. Comecei, lá pelos 13 anos, a fazer salgadinhos com minha mãe para vender e com isso consegui construir um quartinho para mim em cima da casa da minha mãe. Estudei com muito sacrifício, mas conclui e entrei na faculdade ano passado com muita dificuldade, pois ganho pouco é auxiliar de escritório numa firma pequena.” Estudante, feminino, 20 anos, 2º período.

“minha história começa quando minha mãe engravidou aos 15 anos e assim que eu nasci meus pais se separaram e minha mãe me criou sozinha, trabalhando desde cedo e parou de estudar. Minha mãe sempre me motivou para estudar e dizia para eu não fazer o que ela fez no passado e sempre me orientava em tudo. Ela sempre lutou para que tivéssemos um futuro, ela é uma mulher incrível. Desde meus 17 anos que trabalho e estudo à noite, depois de formada e com estabilidade de vida boa quero realizar o sonho da minha mãe, a casa própria, e quem sabe casar e ter filhos.” Estudante, feminino, 22 anos, 4º período.

“apesar de morar numa área considerada como perigosa, como pobre nunca me faltou nada, não posso reclamar da minha vida”. Conseguí aprovação para o Colégio Pedro II em São Cristóvão e pude ter contato com várias classes sociais e aprendi que a diferença existente no mundo era bem maior do que eu podia imaginar. Aprendi a lidar com todas essas características de aparências, gostos e temperamentos, e não foi fácil. Das tristezas que carrego em minha vida se destaca a segregação de grupos de classes diferentes, talvez por não conhecerem o quanto somos diferentes uns dos outros ou por criação, e das alegrias que tenho foram às conquistas esportivas. Decidi trabalhar para me manter quando terminei o segundo grau, mas eram empregos sem carteira assinada, como pinturas. Busquei um emprego fixo para me dar à estabilidade financeira necessária para pagar a faculdade. Assim fiz concurso para Marinha e fui aprovado. Atualmente moro com minha avó, a mesma que me criou, e pela falta de condições físicas dela os papéis se inverteram e hoje em dia eu tenho como tarefa diária cuidar dela, apesar de meus pais ainda estarem bem próximos de nós. Estudante, masculino, 25 anos, 5º período.

“quando falo de mim lembro-me da minha infância, cresci numa área de risco na comunidade Nova Holanda na Maré, perdi a maioria dos meus amigos para o tráfico, mas a fé da minha mãe foi maior, e superou todas as dificuldades. Ela sempre batalhou para que eu não ficasse à toa, e tudo que eu tenho hoje devo a ela. Agora estou em mais uma batalha da vida, a grande e esperada faculdade. Para mim o importante não é vencer todos os dias, mas lutar sempre.” Estudante, masculino, 23 anos, 3º período.

“Ao desembarcarem em 1997 na Rodoviária Novo Rio meus pais foram para sua casa que ficava num conjunto de vilas numa comunidade apelidada de Kinderovo na favela da Maré. A casa continha somente um cômodo (daí o apelido em referência ao ovo de chocolate Kinder Ovo) onde todos dormiam, comiam com os pratos nas mãos, pois não havia mesa, brincavam e assistiam televisão. O tanque onde as roupas eram lavadas ficava do lado de fora da casa, e num outro cômodo mais distante da casa havia um conjunto de banheiros comunitários com seis para homens e seis para mulheres. Nesse local a guerra entre facções criminosas com a polícia era constante e sempre havia corpos de pessoas mortas no chão quando a minha mãe e meu pai saíam para trabalhar. Durante o tiroteio ficávamos todos juntos na cama, encolhidos, com medo. Eu tomava conta dos meus irmãos. Com 14 anos comecei um estágio numa ong na comunidade e os R\$ 100,00 que ganhava ajudava em casa na compra de alimentos. Estudei num pré-vestibular comunitário na tentativa de cursar faculdade pública, mas não consegui. Para não perder tempo resolvi cursar uma faculdade particular.” Estudante, feminino, 22 anos, 2º período.

As narrativas apresentadas ilustram o cotidiano e os desafios dos jovens pesquisados, pode-se perceber um universo limitado quanto às oportunidades e severamente deficiente no âmbito social.

Pesquisa realizada pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) envolvendo a aplicação de mil questionários respondidos por jovens de 15 a 19 anos pertencentes aos setores censitários mais vulneráveis de São Paulo (SP) e Recife (PE) em 2013 destacou que aqueles que frequentam o ensino médio representam uma elite na base da pirâmide. Além disso, para esse jovem, o trabalho é um valor em si, porque ele quer ser parte do mundo que ele vê: o mundo do consumo, da independência, mas também pelas condições adversas de renda familiar. Entre os que trabalham, cerca de um terço da renda é destinado às despesas domésticas e o restante para gastos pessoais.

A maioria dos entrevistados em São Paulo (73%) mencionou 17 anos como idade ideal para começar a trabalhar; já em Recife, 61% apontam 18 anos ou mais como o momento adequado. Apesar da ânsia em ingressar no mercado, entre os que já trabalham (31% em São Paulo e 18,5% em Recife) a inserção se dá de modo precário, isto é, sem registro em carteira e com baixas remunerações. Assim a necessidade do trabalho cedo se impõe e antecede a entrada no ensino superior.

No Relatório Agenda Juventude Brasil 2013 produzido pela Secretaria Nacional da Juventude a partir da amostra representativa do universo da população entre 15 e 29 anos, residente no território brasileiro, valeu-se de uma amostra composta por 3.300 entrevistas, distribuída em 187 municípios e estratificada por localização geográfica, mostra a percepção bastante clara quanto à mobilidade de classe social que tiveram em relação à geração de seus

pais. Quando perguntados sobre essa percepção, 36% avalia que sua vida hoje é melhor do que a de seus pais, enquanto apenas 8% aponta que sua vida piorou em relação à de seus pais.

E na opinião dos jovens entrevistados os fatores que consideram mais importantes hoje em suas vidas e que os ajudam a melhorar suas condições são respectivamente: o apoio da família, o esforço pessoal, políticas do governo e apoio de entidades assistenciais. Essa é a realidade dos jovens que não possuem estrutura que lhes capacitem mais em áreas como educação e qualificação profissional.

Em suma, o que torna os jovens da “nova classe média” desta pesquisa diferenciados? Em que medida esses jovens é agente de mudança de suas próprias biografias? Quais as múltiplas possibilidades disponíveis ou não na construção de suas identidades? Que fatores condicionam suas escolhas?

Esses jovens são particularmente diferenciados porque enfrentam cenários de vida e de família que em grande medida são obstáculos a busca de desenvolvimento pessoal e profissional. E mesmo diante de dificuldades, não tão comuns à maioria de outros jovens, tem na família o suporte e muitas vezes o exemplo no qual se referenciam para ter diariamente a motivação de trabalhar e estudar e pensamento prospectivo de melhora de suas condições atuais.

Esses jovens são agentes de mudança de suas próprias vidas ao persistirem cotidianamente na busca de seus objetivos. Pouco politizados, sem engajamento em causas maiores, a sua causa particular é o centro de suas reflexões e ansiedades, não existe espaço para outras lutas a não ser a sua própria. Enfrentam a rotina desgastante, a insegurança e a violência no bairro onde moram, assumem a responsabilidade, que vai para além da reciprocidade, de manter e ajudar suas famílias, e ainda encaram o seu desnívelamento educacional buscando absorverem a linguagem e a postura que o ensino superior lhe cobra.

O ensino superior representa um sonho atingido e uma conquista importante em suas vidas e pode proporcionar uma sensível mobilidade social, entretanto as múltiplas possibilidades podem não ser tão numerosas, afinal num mercado altamente competitivo somente o título de bacharelado não é garantia única de ascensão. Ainda persistem deficiências educacionais importantes e mais, uma rede de relacionamentos que ainda permanece muito reduzida, o que torna o rompimento dessa fronteira um pouco mais restrito.

Abrir um próprio negócio surge como uma forma de tornar-se liberto do julgo patronal, porém requer muito mais esforço e persistência pessoal para sobreviver com o seu negócio. O concurso público é outro importante impulsionador para os que adquirem o diploma, mesmo sabendo que ainda vão precisar se dedicar muito aos estudos, pois a

concorrência é grande pelas vagas, o mesmo é encarado como um solucionador de vários problemas, entre os que mais se destacam: a estabilidade no emprego e bons salários.

Todo esse universo condiciona as possibilidades de mobilidade social desse grupo afinal dentro de um universo empresarial muito competitivo onde a qualificação profissional e outras competências são cada vez mais exigidas dos profissionais é preciso investir permanentemente em várias frentes educacionais e desenvolver qualidades pessoais que os moldem para maiores chances de empregabilidade.

Como sugere Hirschmann (1983), o engajamento como um valor em si para o alcance de uma meta surge do encontro da imagem mental com a realidade, porém o lugar da chegada é cheio de riscos e de desilusões.

Neste capítulo iniciou apresentando aspectos relevantes sobre jovens e juventude para tal destacou-se a dificuldade em compreender uma categoria tão ampla como a juventude recortada em uma só faixa etária que não é capaz de entendê-la como um todo. Portanto, é preciso particularizar o jovem observado entendendo suas práticas e valores.

Os jovens são percebidos como agentes de mudanças e questionamento comumente associados ao termo geração, o que se torna por si só limitado uma vez que as mesmas pessoas em suas diferenças individuais possam compartilhar da mesma maneira expectativas e percepções. Também se destacou as diferentes gerações: baby boomers, X e Y que do ponto de vista mercadológico classificam visões de mundo e comportamentos dos jovens. Nesse sentido se destacam como idade e ciclo de vida como pertencendo à geração Y - possuem a vantagem de lidarem habilmente com as novas tecnologias, compartilhar informações e estarem em contato com as pessoas no ambiente virtual – porém possuem características pessoais e profissionais que remetem ao baby boomers e a geração X, tais como a obrigação em estabelecer uma carreira e o compromisso com a família, mas sentem-se desconfiados e descrentes em relação às empresas e valorizam serem donos de seus próprios negócios.

Assim os jovens, e inclusive os pesquisados neste trabalho, são protagonistas de seus momentos porque buscam possibilidades para o que desejam, dando sentido a sua posição dentro das relações sociais com os outros, na relação a sua própria história e de suas particularidades.

Após a discussão sobre as categorias juventude e jovens, este capítulo se deteve as características do jovem da “nova classe média” que possuindo renda maior que a de seus pais, mais escolaridade e domínio dos meios digitais se particularizam pela ética do trabalho duro, das relações de reciprocidade vividas no sacrifício de interesses individuais em favor do

grupo (a família) e com uma economia doméstica limitada pelo controle no presente e projetando expectativas futuras melhores, como destaca Souza (2010).

Este capítulo também apresentou o trabalho de Pinto e Salume (2012) em relação à escolha acadêmica do curso de Administração que se mostra similar ao universo de visão profissional compartilhada pelos jovens da instituição pesquisada e pertencentes ao mesmo curso de graduação, fato esse claramente percebido na exposição dos dados levantados junto aos alunos da instituição por meio do perfil geral do aluno realizado entre 2011 e 2012.

Assim a dupla jornada – trabalho e estudo – a dificuldade em se dedicar aos estudos, a falta de participação em atividades acadêmicas complementares, escolaridade deficiente, núcleo familiar com baixos salários, moradores de áreas carentes e em muitos casos com graves problemas de violência, configuram como cenário precário para esses jovens.

Esta constatação advém da pesquisa específica para esse trabalho seja no levantamento dos dados socioeconômicos como nas narrativas transcritas anteriormente. Desse modo, conhecer e entender o universo dos jovens da “nova classe média” selecionados nesta pesquisa permite analisar de forma pormenorizada seu comportamento em relação ao consumo alimentar e as estratégias específicas, além dos significados relativos a esse consumo em seus cotidianos. E é o que será abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV

CONSUMO ALIMENTAR ENTRE JOVENS DA “NOVA CLASSE MÉDIA”

Este capítulo trata das escolhas e práticas alimentares entre os jovens da “nova classe média” impactadas por seu cotidiano de trabalho e estudo a noite, considerando ainda a sua relação com o consumo alimentar, como também as suas atitudes para com a comensalidade e a sociabilidade proporcionada pelo ato de comer.

Assim sendo, é a partir dos registros realizados por esses jovens em cadernos batizados de diários alimentares que se busca entender o impacto de seu cotidiano nas suas escolhas e estratégias de consumo alimentar.

Os jovens foram orientados a preencher por sete dias consecutivos (considerando dias da semana e o final de semana) todo e quaisquer alimentos que ingerissem, escrevendo em páginas específicas o dia da semana e nesta subdividida em refeições considerando os chamados beliscos entre as mesmas. Além disso, eles deveriam anotar o motivo da escolha do alimento, o local de consumo e, se preparado no domicílio, quem o fez; e por fim o motivo da escolha do local do consumo. Os jovens poderiam incluir quaisquer observações ou comentários que desejassesem e também outras formas de registros, como fotos.

Dos 49 diários coletados, oito jovens foram entrevistados em profundidade após entregarem os diários preenchidos, no sentido de levantar as suas percepções quanto ao registro em si como também a sua relação com alimentação (consumo alimentar), comensalidade e sociabilidade suscitada pelo comer. Com todos os outros autores dos diários foram realizadas conversas informais.

Este capítulo inicia com breve contextualização sobre diários pessoais considerando que a relevância do registro do outro, pois ao entender sua narrativa escrita, seu encadeamento lógico, a forma como organiza suas ideias e as põe no papel possibilita identificar como dialoga com seu próprio pensamento.

Neste sentido torna-se enriquecedor conhecer como esses jovens estabelecem suas relações com a alimentação, e mais, como articulam suas escolhas e práticas alimentares e que significações dão a elas em seu dia a dia.

Em seguida o capítulo apresenta os diários dos jovens da “nova classe média” partindo de seus aspectos gerais para depois revelar as reflexões que deles podem ser feitas e entendê-las a partir da visão de seus autores.

Encerra-se o capítulo com as reflexões que a pesquisa suscitou para a questão do consumo alimentar na atualidade tendo como foco os jovens da “nova classe média”.

IV.i – O diário do informante

Métodos para documentar aspectos particulares da vida foram desenvolvidos ao longo dos anos sob rótulos como: narrativas, histórias de vida, diários, relatos autobiográficos, autorrelatos –; tendo por objetivo examinar experiências correntes reconhecendo a importância do contexto no qual tais processos se desenvolvem.

O diário revela a forma de sistematização do pensamento, do exercício da escrita, da constituição da sua identidade e de controle de si mesmo. Assim, registrar os fatos do cotidiano é uma forma de circunscrever suas práticas no ambiente no qual se está inserido, limitando possíveis influências do meio social. É uma expressão íntima. Dessa forma, a leitura do diário pessoal nos permite visualizar a maneira como a estrutura social imprime sua marca nos indivíduos.

A prática do diário teve sua origem e desenvolvimento em virtude de algumas condições: a existência de uma linguagem escrita, grupos com tal habilidade e recursos técnicos (papel e tinta) para manter um registro pessoal. Os diários surgem tanto na Europa quanto no Japão por volta do século X. Pelo fato das habilidades de escrita nesta época ser restritas, os diários foram inicialmente elaborados por membros de elites – como o caso da corte japonesa ou do clero anglo-saxão. Quando o uso da escrita e os meios técnicos se expandiram, os depoimentos escritos regularmente com caráter pessoal também se ampliaram. Assim, por volta do século XVII, inúmeros documentos desse tipo foram criados, não apenas por religiosos e nobres, mas por cientistas, arquitetos e outros (ALASZEWSKI, 2006).

O individualismo que começou a se manifestar nas artes – com a apropriação de autoria por parte dos artistas –, e o protestantismo tiveram papel importante na popularização dos diários. Entre os puritanos do norte europeu, enfatizou-se a utilidade de se fazer um registro cotidiano das próprias atividades e de reflexões como um caminho para a vida santa com base no autoexame e na autorrevelação. (ZACCARELLI & GODOY, 2010).

O diário podia ser usado para confessar os pecados, fazer uma contabilidade moral e encorajar o indivíduo a se observar e se disciplinar. No século XIX, com a crescente secularização da sociedade, e no século XX, com o posterior surgimento da teoria psicanalítica, os diários passam a ser usados como forma de entender e lidar com o self. Tornam-se presentes, também, no ensino de algumas áreas (por exemplo, a enfermagem) e na literatura, com a publicação de diários de viagens, testemunhos autobiográficos e outros (ALASZEWSKI, 2006).

O uso dos diários na pesquisa científica é recente. Na Psicologia, de acordo com Gordon Allport (1942) “são documentos de vida por excelência, que narram em crônicas, o

fluxo contemporâneo de eventos públicos e privados que são significativos para o diarista” (ALLPORT, 1942 apud PLUMMER, 2001). De forma ampla, diários foram definidos por Patterson (2005) como um “registro pessoal de eventos diários, observações e pensamentos”.

Segundo Symon (2004) podem ser usados para o registro de “reações, sentimentos, comportamentos específicos, interações sociais, atividades e/ou eventos”, em um determinado período de tempo.

Alaszewski (2006) apresenta uma definição que abarca as várias formas de diários, para este autor, diário “é um documento criado por um indivíduo que mantém ou manteve um registro regular, pessoal e contemporâneo”. Assim, quatro características constituem um diário: a) a regularidade do registro: uma sequência de entradas regulares durante um período de tempo; b) ser pessoal: feito por um indivíduo identificável; c) ser contemporâneo: os registros são feitos no momento ou perto o suficiente do momento em que os eventos ou atividades ocorreram; e d) ser um registro propriamente dito: os apontamentos gravam o que o indivíduo considera relevante e importante e podem incluir o relato de eventos, atividades, interações, impressões e sentimentos: “documentos de vida por excelência, que narram em crônicas, o fluxo contemporâneo de eventos públicos e privados que são significativos para o diarista” (ALLPORT, 1942 apud PLUMMER, 2001).

Em um contexto de pesquisa, são considerados “instrumentos de auto-relato usados repetidamente para examinar experiências correntes” (BOLGER et al., 2003).

O texto escrito na primeira pessoa do singular, o registro íntimo “produz um ‘excesso de sentido’ que insufla força, convicção e veracidade (...)” (DAUPHIM & POUBLAN, 2002). Apresentando-se como discurso espontâneo, marcado pelo registro da intimidade, a princípio produzido apenas para o próprio escritor, o diário acaba por produzir um “efeito de verdade”, ou seja, trata-se de promessa de sinceridade, de um desnudamento de si.

O diário pessoal não fala apenas do sujeito que o escreve. Ao falar de si, o sujeito fala também das normas, valores, práticas, percepções de sua época. A linguagem que ele utiliza na tarefa de registrar sua identidade para si também é construída socialmente. Portanto, o conteúdo do diário pessoal fala de um indivíduo em sua relação com o mundo. Todo diário pessoal é relacional.

A escrita de diários acompanhou as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Ainda hoje constitui prática recorrente entre adolescentes e jovens, seja no formato tradicional com cadernos específicos para esse fim, seja em agendas ou nos formatos mais recentes dos blogs e páginas de relacionamento da rede mundial de computadores, suportes da escrita de si online, indicadora de novas noções de intimidade e de constituição de identidade.

É uma forma de registrar elementos significativos da experiência humana, o que significa dizer que o autor do diário é um sujeito histórico, tão legítimo quanto à fonte que ele produz com sua escrita.

Que significados vêm à mente quando lançamos mão da palavra diário? O significado mais comum e usual é o de um objeto que contém a narrativa diária de experiências pessoais. Registro das vivências e sentimentos de um “eu” ante o mundo que o rodeia. Possui um caráter intimista e confidente, e protagonista/narrador podem ser coincidentes.

A matriz discursiva é muito livre, uma vez que o narrador dá livre expressão ao curso do seu pensamento. Na maioria das vezes, o discurso é subjetivo e a escrita é confessionalista. O nível de língua é familiar e o registro é informal. Por vezes, a narração é descontínua, intercalada, porque apenas ocorre quando o sujeito da enunciação deseja registrar algo.

Viñao (2000) define um diário como uma sucessão de textos mais ou menos extensos, e os registros podem estar em folhas soltas ou juntas em um suporte. É escrito sobre o fio dos acontecimentos, com maior ou menor frequência e regularidade, ao longo dos anos ou durante um período de tempo determinado. O peso da realidade imediata ainda viva, sobre ou a partir do que se escreve, confere ao diário o caráter fragmentário e atomizado.

Todos os formatos utilizados para a escrita de si registram o diálogo dos indivíduos com seu tempo e lugar. É essa dimensão social dos diários que justifica seu uso como fonte de pesquisa.

Assim os jovens da “nova classe média” selecionados para esta pesquisa puderam refletir sobre seu cotidiano alimentar através dos diários alimentares onde o mesmo exerce o controle completo da informação que foi passada para a pesquisa sobre a sua experiência. E com isso, a intervenção do pesquisador na lógica do discurso dos pesquisados foi reduzida.

A metodologia proposta tem por objetivo básico captar o devir, o fluxo e o acontecimento de uma semana típica na vida deste jovem no que tange suas ingestas alimentares e as negociações para essas escolhas.

IV.ii – Cardápio do Dia – os diários alimentares

Harvey (1992) ao indicar as modificações sociológicas subjacentes à passagem da modernidade à pós-modernidade, recorre à experiência do espaço e do tempo enquanto categorias básicas da existência humana, mas não como concepções naturalizadas. As práticas humanas modificam a qualidade objetiva e os significantes de tempo e espaço.

Esse autor nos indica caminhos para pensarmos as práticas alimentares no meio urbano, pois, como expõe, no capitalismo as práticas e processos materiais de reprodução social encontram-se em permanente mudança, acompanhadas pelo significado de tempo e

espaço. O avanço do conhecimento científico, administrativo, burocrático e racional, vital para o progresso da produção e do consumo capitalista, traz consequências materiais para a vida diária decorrentes das mudanças conceituais, incluindo as representações de tempo e espaço.

O curto período de tempo que as pessoas têm para comer transforma a pressa num dos traços visíveis da caracterização do modo de comer no centro urbano, com o abreviamento do ritual alimentar em suas diferentes fases, da preparação ao consumo.

São exemplos de mudança das práticas, no caso da alimentação, a organização do espaço e o estilo imprimido por restaurantes e lanchonetes, montadas para o cliente tardar o menor tempo possível, são espaços que combinam uma ambientação que vai do nostálgico, passando pelo caseiro até o moderno.

É característica de quem trabalha nos grandes centros dispor de um tempo certo para comer. Os próprios deslocamentos, do escritório ao restaurante, mesmo sendo percursos métricos pequenos, o enfrentamento de aglomerados de pessoas, de vitrines e camelôs, ocupam o percurso e o tempo. A tônica no tempo, para quem come na cidade, é emergente e os proprietários de restaurantes e lanchonetes têm como preocupação a rapidez do serviço, meta para a manutenção da clientela.

A dinâmica da cidade, seu ritmo e sua ordenação estão diretamente relacionadas com o tempo. A pontualidade, a calculabilidade e a exatidão fazem parte da complexidade e extensão da vida metropolitana (SIMMEL, 2004).

A comida do dia-a-dia e a comida do lazer, dos finais de semana, transcorrem em espaços distintos e marcam diferenças simbólicas importantes. Como afirma Zaluar (1988) em sua pesquisa realizada entre os moradores do conjunto habitacional Cidade de Deus, na cidade do Rio de Janeiro, "a comida 'variada' passa a marcar, assim, o tempo de lazer, o tempo do 'não trabalho' que é para eles o domingo. E esse também é o dia da reunião de família, quando todos comem juntos e o pai deveria estar presente". A comida da rua nunca poderá substituir a comida de casa e os envolvimentos que nela transcorrem.

A cidade comporta uma complexidade de ritmos, valores e práticas refletidos em todas as modalidades e instâncias da vida metropolitana. A tradução dessa diversidade no modo de comer e na comida é um tema vasto para compreendermos melhor o modo de vida dos indivíduos nele inseridos.

Almoçar em casa, por exemplo, é uma prática hoje impensável para quem vive e trabalha numa cidade das dimensões do Rio de Janeiro, ao contrário do que ocorria com as gerações passadas, quando tal prática era comumente restrita ao lar. Essa passagem da

alimentação marcadamente concentrada no reduto familiar ao espaço público traz implicações na relação do sujeito com a alimentação.

Dessa forma os reflexos do ritmo da cidade no modo pelo qual as pessoas se relacionam com a comida tornam-se elementos importantes para entendermos as estratégias e escolhas alimentares praticadas pelos indivíduos.

Assim os diários alimentares confeccionados pelos jovens da “nova classe média” pretendem elucidar a maneira pela qual esse público, com características peculiares de cotidiano, trabalho e estudo à noite, além de características sociais singulares que refletem em grande medida um cenário não muito favorável no que tange possibilidades de escolhas; a sua relação com o consumo alimentar.

IV.ii.i – Aspectos Gerais dos Diários Alimentares

Foram distribuídos 60 cadernos batizados de diários alimentares entre alunos do período noturno do curso de Administração de uma instituição de ensino superior privada localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. O período de distribuição ocorreu no segundo semestre de 2012 e primeiro semestre de 2013.

Ao todo retornaram 49 diários, sendo 29 diários confeccionados por mulheres e 20 diários registrados por homens.

Dialogando com a pesquisa de Barbosa (2006) sobre hábitos alimentares no Brasil, os registros dos jovens nos diários alimentares demonstram algumas similaridades e algumas diferenças em relação à pesquisa realizada pela professora.

Do ponto de vista das representações (livros e revistas de culinária, nutricionistas, entre outros) e das instituições (escolas, hospitais, empresas) o sistema de refeições no Brasil é composto de seis refeições ao dia. São elas: café da manhã, lanche da manhã, almoço, lanche da tarde, jantar e lanche (antiga ceia). Na época atual esse número diminui para três e no máximo quatro refeições nos centros urbanos com mais de 1 milhão de habitantes.

Analizando os 49 diários pode-se verificar que em todos temos a presença de quatro refeições declaradas: café da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar. E vale ressaltar que as refeições foram registradas e classificadas com esses nomes. O fato das pessoas declararem ingerir um número menor de refeições ao longo do dia não significa que elas não comam entre elas.

Como verificou Barbosa (2006) ao que tudo indica “beliscar”, “comer porcaria”, comer uma “besteirinha”, é uma prática bastante comum entre as refeições; nos diários alimentares verificou-se que em 11 deles os jovens declararam: “Comi um biscoitinho”, “belisquei uns salgadinhos”, “comi um snack”, “tomei um cafezinho”.

É interessante que os restantes 38 diários os jovens simplesmente se referem a essa ingesta sem classificá-la como refeição ou belisco, as registram basicamente como ações “comer, beber ou tomar algo”.

O que os dados sugerem é que esse beliscar não tem do ponto de vista cultural, o *status* de uma refeição. Daí o uso constante do diminutivo para se referir não só ao tamanho pequeno da ingesta – lanchinho, bobaginha, belisco – mas a sua posição hierárquica inferior a uma refeição (BARBOSA, 2006).

As razões indicadas para a diminuição do número de refeições são o ritmo da vida moderna dos grandes centros urbanos, a distância entre a casa e o trabalho, o tempo disponível para o almoço, e as novas ideologias de um corpo mais magro.

Todos os diários alimentares registraram preocupação com o tempo, principalmente a falta dele, por isso “pressa”, “mais rápido”, “pouco tempo”, “prático” está presente nos registros dos jovens.

O subsistema de refeições semanal vigora de segunda-feira até sexta-feira na hora do almoço; o de fim de semana começa a partir de sexta-feira até domingo à noite e o ritual vigora em datas específicas coletivas ou individuais. Durante a semana existem duas refeições quentes ao dia – almoço e jantar – compostas por comidas de “panela”, “de sal” ou de “gordura”, e de diversos pratos que empregam técnicas de cocção distintas.

Os jovens entrevistados trabalham e estudam à noite, então o almoço vigora em todos os diários como principal refeição, o jantar se apresenta de forma mais diversificada entre os entrevistados; dos 49 diários, 30 deles registraram a presença do jantar em horário mais tarde, em torno das 22:30h até 23:00h, após chegarem da faculdade. Este jantar é precedido de dois lanches, um no final da tarde (em torno das 16/17h) e outro no intervalo das aulas em torno das 20h. Os 19 diários restantes não registram jantar após a chegada a casa, mas novamente lanche predominantemente feito com pão e algumas combinações, tais como, ovo, hambúrguer e embutidos.

Nos fins de semana em 35 diários houve a supressão do café da manhã por se acordar mais tarde, o almoço é realizado quase que no meio da tarde e muitas vezes o jantar substituído por pizza ou outros lanches fora ou dentro de casa. O que também pode ser verificado por Barbosa (2006) em sua pesquisa “o café da manhã ocorre mais tarde do que geralmente é e o almoço pode ser no meio da tarde e à noite um lanche. Durante o final de semana, predomina uma exossociabilidade”.

A grande informalidade à mesa e a pouca preocupação com a apresentação da comida. Grande parte das pessoas se serve da comida diretamente da panela, principalmente durante a

semana, reservando o uso de travessas para situações mais formais e rituais, quando a refeição ocorre em torno de uma mesa devidamente posta com toalha, pratos, talheres e copos.

As pessoas parecem comer de forma volante, principalmente no jantar, ou seja, fazem o prato e vão comer em frente à TV, na sala ou no quarto. O mesmo ocorre com a apresentação dos pratos, que é pouco valorizada.

Isso pode ser observado através das entrevistas qualitativas realizadas junto aos jovens da “nova classe média” e também nos registros dos diários alimentares.

O café da manhã: para a maioria das pessoas ela é muito leve, sendo composta de café preto (85%), pão francês (76%) e leite (73%) O café da manhã pode ser tomado, também, em diferentes estágios.

Foi interessante observar que 27 diários mostram que o café preto é tomado rapidamente antes de sair de casa e depois no trabalho se ingere pão ou até mesmo um salgado. O uso de achocolatado pronto em “caixinha”, iogurte pronto para beber em “garrafinha” e bolo também foram descritos pelos jovens nos diários.

O almoço tem, também, um cardápio bastante homogêneo, basicamente composto por arroz, feijão, carne de frango ou boi (ensopada, frita, assada), salsicha, farofa, macarrão e estrogonofe. O jantar é a terceira refeição do dia. Seu conteúdo é muito similar ao do almoço. O jantar é uma refeição em transição, onde um lanche pode substituir o jantar (BARBOSA, 2006). Fato esse fortemente presente na rotina dos jovens entrevistados uma vez que trabalham e estudam à noite.

Segundo Barbosa (2006) a quarta refeição do dia é o lanche da tarde, logo sanduíches (pão francês ou careca com queijo e presunto), pizzas, hambúrgueres e “salgadinhos” se destacam na preferência dos entrevistados pela pesquisadora, o mesmo ocorrendo de forma maciça entre os jovens da “nova classe média”, lanche esse majoritariamente acompanhado por refrigerantes.

O sistema de refeições do fim de semana é distinto do semanal como o do sábado é diferente do domingo. As três ou quatro refeições ao dia são reduzidas para apenas três: café da manhã, almoço e jantar/lanche (BARBOSA, 2006). Nos registros dos diários alimentares pode-se perceber grande informalidade e horários diferentes das refeições ingeridas durante os dias da semana quando o tempo do trabalho e do estudo dita a rotina dos jovens.

Os finais de semana parentes e amigos podem se reunir em torno do almoço de domingo ou mesmo aos sábados à noite, alterando a endossociabilidade dos dias da semana, em que as refeições são partilhadas, de forma predominante, com os membros do grupo

doméstico. O que pode também ser observado nas entrevistas e diários, os vizinhos se juntam ou os amigos veem a casa para pedir pizza e ver um filme.

Os diários masculinos

A comida feita por mães e avós é mais elaborada e possuem mais itens no prato, tais como: carnes assadas, feijoada, empanados, carnes ensopadas e peixe. Isto ocorre em grande medida porque essas mulheres não exercem atividade fora do lar, tendo mais tempo para realizar a tarefa.

Quando ocorre do preparo ser realizado pelos estudantes, normalmente depois de um dia inteiro, considerando faculdade e trabalho, a comida pode ser desde a refeição congelada (lasanha principalmente), ovo (frito, cozido ou omelete), hambúrguer, macarrão instantâneo, bife ou peito de frango frito, e arroz.

Somente um dos diários ressaltou um prato (macarrão com camarão) que é feito exclusivamente por ele e considerado como preferido pela família.

Um dos diários masculinos registrou a ingestão de alimentos por ansiedade e não por fome. É interessante verificar como a comida aciona outras esferas da fisiologia humana funcionando em alguns casos como válvula de escape para desequilíbrios emocionais. O registro indicou que o consumo de *snacks* para aplacar a ansiedade é algo irresistível e impossível de evitar.

Em muitos diários masculinos também foram verificados registros quanto à opção indesejada da comida encontrada em casa, um verdadeiro fastio, “já que não tem outra coisa para comer”. E a solução para esse dilema é ter a mão a refeição congelada, uma vez que o estudante assume sua “preguiça de fazer”.

A escolha do lugar para comer na rua – “mais barato e porque é o prato do dia” e “se come à vontade sem balança (sem pesar o prato)”, na maioria das vezes passa pela relação preço acessível e quantidade, a comida por quilo se torna cara quando se quer comer muito, “não vale a pena, é melhor pedir um PF – prato feito”.

Muitas vezes por conta da atividade profissional (exercida em muitos casos na rua – atendendo clientes ou na área técnica de telefonia) a escolha do local para comer depende de onde se encontra a pessoa.

Ir ao *fast food* pode representar também uma rotina não muito agradável “ir ao *fast food*...como sempre”, mas em alguns casos é o lugar que representa economia no orçamento, principalmente os *fast foods* que possuem pratos e não sanduiches em suas opções de cardápio. Isto ocorre porque a grande maioria não conta com auxílio para refeições, pois muitos trabalham em empresas de pequeno/médio porte e este benefício não é obrigatório.

A presença de práticas e escolhas de consumo alimentar em relação à dieta forma verificados em dois diários masculinos, ambos por indicação médica.

A comida masculina está muito ligada à sustância que deve proporcionar ao indivíduo em sua necessidade corporal para enfrentar um dia inteiro de trabalho e estudo à noite como indicam alguns registros “a quentinha vem mais comida e aí dá para aguentar até a noite”, “no quilo não dá para por muita comida, por isso vou ao que é para se servir à vontade, sem balança”.

Não foram registrados muitos beliscos entre as refeições masculinas.

Os diários femininos

As estudantes dialogam mais com os diários “meu querido diário”, “professora....” e expressam mais suas opiniões pessoais, “fiquei assustada comigo mesma”, “não resisti...” além de colocaram fotos de pratos consumidos; “o que me resta...McDonalds...com coca zero...dormi de consciência pesada”.

E com isso expressam nos diários seus sentimentos em relação à comida, seja a culpa por comer “bobagens”, ou comer muito; seja o fastio pela repetição de determinados tipos de alimentos, como também pela reflexão que fizeram de seus próprios registros.

Comer no ponto de ônibus e no transporte (lugar de guloseimas) público também surge nos diários femininos.

O preparo da comida por elas mesmas é prática recorrente na maioria dos registros, salvo as que moram com a mãe ou avó e a tarefa é dividida.

As mulheres comem mais guloseimas que os homens. E neste sentido destacam-se não só os *snacks* como também biscoitos embalados individualmente e barras de cereal.

Os relatos indicaram maior uso e preferência por produtos light/diet e integrais, além de iogurtes e *shakes* para emagrecimento que substituem uma refeição. Indicando, portanto, maior ênfase na questão do corpo.

Os diários femininos apontaram o uso de sobras das refeições em casa para serem usadas no dia seguinte no almoço.

Elas também indicaram mais presença de almoços em família, principalmente as que não moram com os pais.

Quando chefiam a compra e o preparo dos alimentos para sua própria família buscam soluções que permitam mais rapidez e praticidade na cozinha, usam mão dos congelados ou produtos semi prontos.

Comer para controlar ansiedade, principalmente em casos ligados a TPM (tensão pré-menstrual) e se registrou a ingestão de muito chocolate neste período, além de relatarem beliscar mais entre as refeições.

Comer por tédio também surge nos diários femininos e mais uma vez as bobagens surgem na maioria dos registros.

Práticas comuns nos diários masculinos e femininos

Não há relatos de desejar, gostar, preparar comidas para receber em casa ou para si mesmo ou para alguém em alguma data especial.

Pode-se perceber a recorrência de termos como pressa, praticidade, rapidez, e busca de sabor em relação à comida adquirida fora de casa. O preparo é majoritariamente feminino: a própria estudante, ou mãe, ou avó, ou esposa, ou namorada no caso dos rapazes. Salvo um único diário masculino que relatou o preparo feito por ele mesmo que no caso mora sozinho.

O motivo do local escolhido para a refeição é majoritariamente a proximidade, em muitos casos são acionados o serviço de quentinhos que são entregues no trabalho.

A escolha do tipo de alimento é uma combinação do que está sendo oferecido pelo estabelecimento e a do dia da semana, se for sexta-feira a comida pode ser mais “pesada”, tipo uma feijoada.

Aliás, o ovo é uma opção recorrente em vários registros: acompanhando o arroz e feijão, no pão, ou na forma de omelete.

Uma característica bem interessante quanto à comensalidade em casa é acionamento de serviços de entrega, como pizzas, comida chinesa ou japonesa onde a família, ou o casal ou os amigos se socializam no ambiente doméstico.

Num primeiro momento podia-se pensar que o acionamento de serviços de *delivery* poderia custar caro, porém o deslocamento e os preços das bebidas tornam-se barreiras para o lazer, uma vez que em casa pode-se comprar as bebidas em supermercados o que traz uma boa economia para esse público.

A comensalidade na rua é mais presente em função do próprio ritmo de vida dos estudantes onde se destaca o almoço e à noite os lanches na faculdade nos dias de semana.

No fim de semana as praças de alimentação nos shopping aparecem como principal alternativa para realizar as refeições, seja na companhia da família, parceiro ou amigos.

Pedir quentinha também é uma prática bastante acionada pelos estudantes e em muitos casos é dividida por duas pessoas, além de sair mais barato que outros serviços de alimentação.

Levar comida de casa é muito presente nos diários masculinos e femininos. De um lado a restrição de renda para gastar com comida na rua leva as próprias alunas, mães, avós e esposas ao preparo da boa e velha marmita, que ainda não caiu em desuso, e está muito presente no dia a dia desses jovens; por outro lado o “pouco tempo para comer” também ressalta a necessidade de atender as demandas da empresa, muitas vezes na área comercial ou de varejo, atendimentos ou trabalho técnico na rua comprimindo o tempo de descanso e de alimentação.

Pouca ingestão de frutas e legumes, entretanto foi verificada a ingestão regular em cinco diários masculinos.

Alto consumo de pães (de todos os tipos, mas em destaque o pão de forma), café e lanches, seja em casa com o uso de pão como na rua na forma de salgados diversos, muito recorrentes nos diários, inclusive substituindo o jantar.

Ausência de registros para consumo de sopa, onde somente um diário masculino registrou o consumo de sopa industrializada.

Houve em comum a preocupação com o julgamento da professora (neste caso a pesquisadora deste trabalho) em relação aos registros entregues pelos alunos. Muitos relataram durante a entrega dos diários: “profe não liga não só tem besteira aí”, “não ri de mim, só como porcaria”, “caraca professora a senhora só vai levar bobagem”.

Em geral os diários se apresentaram como tópicos, em alguns casos as alunas desenvolveram mais o texto do que os alunos. Mesmo tendo tópicos para analisar, as entrevistas qualitativas e a conversa informal no momento da entrega dos cadernos foram fundamentais para, através da narrativa escrita e falada, se perceber as estratégias de comportamento em relação ao consumo alimentar desses jovens.

IV.ii.ii – Aspectos Particulares dos Diários Alimentares

As entrevistas qualitativas realizadas com os jovens desta pesquisa puderam elucidar aspectos mais particulares das suas práticas alimentares e as estratégias que lançam mão para as escolhas de seu consumo alimentar diante de seu cotidiano de trabalho e estudo à noite e em muitos casos, principalmente das mulheres, associando a administração da casa e em alguns casos dos filhos.

Foram selecionadas quatro entrevistas para serem apresentadas neste trabalho por caracterizarem de forma bastante singular as estratégias para a escolha alimentar dos jovens.

Cardápio do dia – Depois de casada, só congelados!

Jô, 26 anos, trabalha como auxiliar administrativo, casada há quatro anos, sem filhos, 4º período de Administração, reside em Costa Barros subúrbio da cidade do Rio de Janeiro.

Jô revela que ainda solteira sua relação com alimentação era distante, feita por sua mãe, a comida era bem caseira e que só era utilizada batata frita congelada por ser mais rápida e prática.

Não participava da rotina da cozinha junto com sua mãe e por isso ao casar “não tinha a menor noção do que fazer na cozinha”, por isso pesquisou muito em sites da internet, em programas de culinária e revistas de culinária. Jô critica muitas revistas de culinária que trazem receitas com “ingredientes que a gente não acha no mercado e não sabe nem pra que serve”. Ela relata que gostava de assistir o programa da Ana Maria Braga porque ensinava receitas simples, práticas e rápidas.

Jô aprendeu a fazer arroz e feijão após assistir vídeos na internet.

A adoção de comida congelada diariamente acontece depois de casada. O fato de trabalhar durante o dia e estudar à noite dificulta Jô na preparação de comida fresca todos os dias. Apesar de ter tentado isso no início do casamento, o cansaço da rotina pesada à fez desistir, pois chegava por volta das 11h30min em casa e ainda cozinhar, acabava por se deitar muito tarde e prejudicava o dia seguinte de trabalho e faculdade.

Assim Jô vai ao supermercado na busca de uma solução que atenda a sua necessidade, tanto de praticidade como rapidez e ainda considerando a variedade para o cardápio do casal.

Os pratos congelados oferecidos no mercado são a solução que Jô encontra para montar seu cardápio e de seu marido baseado exclusivamente em pratos congelados durante a semana.

A preocupação com a saúde foi pensada por Jô nesta escolha de alimentos, mas como nem ela nem o marido passaram mal ou engordaram, como ela mesma salienta, adotaram de vez essa prática alimentar.

Nas segundas-feiras a opção é massa (penne), nas terças-feiras a opção é o empanado de frango acompanhado de arroz e feijão que ela prepara aos fins de semana e congela em porções para servir durante a semana; as quartas-feiras é a vez da massa novamente ou escondidinho, as quintas-feiras opta-se por hambúrguer pronto e congelado com o arroz e feijão e nas sextas o casal escolhe entre pizza congelada ou lasanha.

Perguntada se havia conflito entre ela e o marido em relação a esta prática alimentar, Jô revela que a grande reclamação dele está na falta de sabor dos pratos congelados. Mas para isso Jô e seu aprendizado diário a fizeram adotar a seguinte estratégia, retirar o prato congelado de manhã do freezer e à noite só esquentá-lo, assim “não fica com gosto de geladeira”.

A rotina de Jô nos fins de semana em relação à cozinha é de preparo de comida fresca para o almoço, além das compras de abastecimento e pré-preparo de legumes, temperos, arroz e feijão para acompanhar os pratos congelados da semana.

Como ela diz “a primeira coisa que faço quando chego a casa é ir para a cozinha”, então a cozinha está muito mais ligada ao trabalho do que ao prazer.

Por não possuir alguém para ajuda-la nas tarefas domésticas, Jô nos fins de semana precisa cuidar da casa: arrumar a casa, passar roupa, colocar roupa para lavar – com a máquina comprada a pouco depois de juntar dinheiro – fazer as compras de supermercado e feira que normalmente ocorrem aos sábados à tarde ou domingo pela manhã.

Depois de tantas tarefas, Jô admite que fugisse da cozinha e “adoro quando surge um convite para algum almoço”. Ela revela que o marido a ajuda muito pouco e quando está inspirado faz alguns pratos, como camarão na moranga. O casal é caseiro, mas Jô admite que não receba muitos amigos em casa e que não gosta de ficar cozinhando. Assim “o que eu puder congelar, eu congelo”, pena que ainda não consigo congelar verduras.

Jô salienta que gosta de cozinhar, mas que é cansativo, e diante de tantas tarefas domésticas a realizar a escolha recai em soluções mais práticas e rápidas. Entretanto nos fins de semana, a pedido do marido, faz comidas mais elaboradas, como frango ensopado com legumes, bife a parmegiana, ou empadão e “aí fico mais tempo na cozinha” revela com ar de decepção.

O jantar é o momento de encontro do casal – que Jô diz fazer questão da refeição à mesa - e a sociabilidade gira em torno das atividades diárias de cada um, pois quando era solteira não havia muito esse hábito à mesa, “era cada um com seu prato na mão mesmo, sempre em frente da televisão”.

Quando está de férias da faculdade Jô consegue cozinhar todos os dias, pois chega mais cedo em casa e nos fins de semana se alimentam dos pratos congelados e de besteiras.

A saída do casal para comer fora não revela a busca de lugares diferentes ou novas experiências alimentares, acaba por reproduzir o consumo de *fast foods* tanto de pratos prontos como sanduíches, massas, ou churrascaria.

O domingo é destinado ao estudo, pois tanto Jô como seu marido cursa o ensino superior e precisam realizar as tarefas solicitadas pelos professores ou estudar para as provas.

Cardápio do dia – O que minha esposa decide.

André, 29 anos, casado, dois filhos pequenos, um de dois anos e outro de seis anos, trabalha como técnico de programação de conteúdo numa emissora de televisão reside em Olaria bairro da zona da Leopoldina.

André relata que muitas das suas lembranças da infância são em torno da mesa, com a mãe e irmãs realizando as refeições diárias, principalmente o jantar e o almoço de domingo, além dos eventos como Páscoa, Natal, aniversários, dias das mães que reuniam mais pessoas da sua família em torno da mesa.

Quanto a escrever no diário André achou bom e engraçado principalmente quando pegou para ler seus próprios registros e se surpreender com alimentos que tinha ingerido e já não se lembrava de mais. Relata que a esposa ficou curiosa e leu também o diário e gostou por ter sido citada de forma positiva, principalmente quanto ao seu poder de decisão para a alimentação da família.

“Eu comi isso?”, “a vontade de comer aquilo” e relembrar seu próprio comportamento “ih isso eu pedi pelo telefone quando estava no trabalho” foram pontos que André destacou em sua entrevista, parecendo empolgado com a sua reflexão, os motivos, como os acontecimentos que se desenrolaram e a sua sequencia o impressionaram.

André conta que não mudou seus hábitos alimentares após o registro no diário porque já considera sua alimentação saudável e aponta “quando não tem jeito como o que não quero por pura falta de opção e às vezes tempo”.

Gosta de cozinhar e o prato que faz é macarrão com camarão que toda a família adora, mas quando vai para a cozinha fica sozinho “dou folga a minha esposa”.

Não assiste a programas de culinária nem tem interesse por gastronomia, a sua esposa é que busca novas receitas e possui caderno de receitas.

A esposa não trabalha para ficar com os filhos, não tem empregada e todos os dias ela cozinha para toda a família, além de cuidar das tarefas da casa. André almoça em casa todos os dias, pois trabalha à noite e estuda pela manhã.

A esposa de André normalmente não reclama das tarefas, como ele ressalta, mas quando está na TPM “sai de baixo, aí ela reclama de tudo”.

O gasto com alimentação é a principal despesa da família e André revela que primeiro por necessidade e depois por buscar uma melhor alimentação.

Os filhos são centrais na elaboração do cardápio da família, os pratos são sempre coloridos, tem que ter legumes e salada, nuggets e outros pratos semi prontos são evitados, inclusive o consumo de sanduiches fast food.

André revela que a família não tem o hábito de pratos congelados e que as crianças devem almoçar e jantar todos os dias “nem que a gente faça um macarrãozinho ao alho e óleo com um ovinho”.

Nos fins de semana o trabalho de André muitas vezes o impede de almoçar com a família, fato que é compensado pelo encontro de todos em volta da mesa durante a semana. Ele destaca a importância que dá a família em torno da mesa, a interação do encontro para acostumar os filhos ao ritual, quando estiverem mais velhos poderão conversar sobre o dia a dia.

A decisão sobre o que comprar o cardápio da semana e a seleção dos alimentos é todo da esposa de André. A família não lança mão de produtos congelados, principalmente pratos congelados, somente nuggets para as crianças, mas de vez em quando, enfatiza André “parte da gente produzir tudo para manter a alimentação mais saudável para as crianças e para a gente”.

No final de semana a família também se alimenta fora de casa, e André diz que a esposa “vai logo avisando que hoje não tem cozinha”, às vezes ele não espera a esposa “reclamar” e já diz que vão almoçar fora. Normalmente ela define o lugar principalmente porque o casal faz questão que as crianças se alimentem de comida e não de lanches. Isso só acontece com o casal, às vezes não “estão a fim de comer comida e substituem o jantar ou de sábado ou domingo por um lanche, que pode ser pizza, sanduíche ou batata frita”.

Os lugares preferidos pelo casal vão desde restaurantes de frutos do mar até churrascaria, principalmente localizado em shoppings.

Por trabalhar na zona sul e numa emissora de televisão André tem contato com pessoas que possuem estilos de vida diferentes do dele em relação à alimentação. Ele tem uma percepção bem clara dessas práticas, ele diz “são pessoas com poder aquisitivo maior e aí tem uma alimentação muito orientada por nutricionista, não comem carne vermelha e alguns são vegetarianos”, “tem muita gente fresca”.

Ao ser perguntado se seria vegetariano André é direto “professora eu gosto de comer”. E ele esclarece ainda mais “eu não me vejo adotando essas práticas, gosto do meu arroz e feijão, de um bom bife, da picanha com gordurinha”.

Cardápio do dia – Uma empregada doméstica

Cacau, 27 anos, mãe de gêmeos, 5º período de Administração, reside em Olaria bairro da zona da Leopoldina. Atualmente desempregada, estudando pela manhã enquanto os filhos estão na escola.

Cacau inicia a entrevista dizendo que a sua relação com comida é compulsiva, adora comer, que valoriza mais as compras de alimentação do que de outros itens para a casa.

Quando o assunto são seus três filhos um de 8 anos e dois de 7 anos ela revela que “agora está difícil porque eles pedem o que querem” e a negociação com os filhos se torna

mais complexa, e confessa que num dia tumultuado ela se vale de nuggets e batata frita congelada. Ela diz ser cansativa seguir regras alimentares mais saudáveis e mais complicados se torna ao ter de introduzir esses alimentos na vida dos filhos diante da rotina atribulada que tem.

As refeições são feitas na mesa com os filhos, o marido só participa nos fins de semana.

Escrever o diário foi uma atividade prazerosa e “bem legal”, como ressalta Cacau; e informa que ficou “louca” quando leu seus próprios registros e viu que estava “comendo muita besteira”. Para ela as besteiras são as frituras, principalmente a linguiça, muita carne vermelha, salgadinhos, e finaliza que precisa urgentemente “comer melhor”.

Por morar em uma vila, Cacau diz que há sempre nos fins de semana uma reunião entre os vizinhos, uma “roda de cerveja” e “aí rola empadão, doces, bolos, tortas salgadas, pastel” então Cacau revela que fica difícil comer melhor porque se não participar das reuniões “fica chato” e participar sem comer é igualmente impossível.

Todas as tarefas da casa estão na responsabilidade de Cacau que relata ser cansativa e por isso procura por soluções mais rápidas e práticas para o seu dia a dia, então pré-prepara os alimentos que usará durante a semana, cortando a carne e a dividindo em potinhos, cozinhando o arroz em maior quantidade e vai usando aos poucos, o mesmo procedimento para o feijão, entretanto se na “hora pressa” não tiver outra solução ou a carne ainda está congelada, se vale de fritura: ovo ou linguiça ou *nuggets* para as crianças.

Depois de chegar à casa da faculdade e já ter pegado as crianças na escola, Cacau almoça com elas e faz os deveres de casa, então “parte para a casa”, arruma, coloca as roupas na máquina, passa roupa, prepara o jantar, fora os dias que as crianças têm fonoaudióloga então tudo fica mais corrido.

Quando perguntada sobre sua relação com a cozinha e suas memórias, ela se refere ao passado com certa decepção, relata que a mãe não cozinhava bem e nem se planejava e cita “eu chegava à casa da escola cheia de fome e o almoço ainda tava no fogo” então Cacau entrava na cozinha e fritava um ovo, uma linguiça, fazia um macarrão. Ela diz que aprendeu “na porrada” a cozinar para poder comer o que queria, e que sentia certa inveja de algumas amigas cuja mãe tinha uma relação de proximidade e trocava experiências na cozinha, então ela convida os filhos para ajudar a fazer pastel, bolo, biscoitinhos.

A alimentação ideal para Cacau seria baseada em produtos integrais e diferenciada, mas com três filhos se torna difícil porque esses produtos são mais caros.

A família de Cacau está passando por uma fase de restrição alimentar devido à orientação da pediatra das crianças como forma de prevenir aumento nas taxas de glicose e no aumento de peso. Então Cacau revela que está “tirando” a linguiça, as frituras, para introduzir sucos de fruta natural, alimentos assados e grelhados, mas a forma da sua narrativa é de incômodo com essa situação, de um lado pela resistência das crianças e de outro porque demanda tempo maior para o preparo dos alimentos, além da compra de alimentos mais variados e um planejamento maior quanto ao cardápio.

Ela diz “poxa se eu vou colocar o frango para assar demora mais, fritar é mais rapidinho”, e ainda ressalta em tom de desconforto “tem a merendeira da escola, tem que variar, não dá para colocar todo dia biscoito maisena”. E questiona “e em época de prova? não dá para fazer nada, tem que sentar e estudar”.

Os conflitos com o marido são aparentes no discurso de Cacau, ela conta que teve discussão recente porque ele queria estudar inglês e pediu para ela sair com as crianças e ela rebate “ué, eu estudo aí com as crianças correndo, falando, eu me viro, então você tem que estudar do mesmo jeito, assimila aí”.

Cacau relata depois de um longo suspiro “mas eu não vou desistir, meu pai sempre diz: não desista! então eu não vou”.

As práticas alimentares na alimentação fora do domicílio para Cacau e sua família são raras e o principal fator condicionante é a renda. O lazer existe, de forma esporádica, e preferencialmente são lugares gratuitos, como praças e parques.

Já no final da entrevista Cacau diz “se eu tive mais condições financeiras tudo seria mais rápido, inclusive para as crianças, eu me estresso muito com esse lance de alimentação”.

Cacau revela enfaticamente “meu sonho de consumo é uma empregada, só de eu não fazer nada e ficar com meus filhos (...) alguém que me tire esse peso, principalmente da cozinha, eu não tenho suporte de nada”.

Cardápio do dia – Comer sem engordar

Jac, 25 anos, 5º período de Administração, casada há 7 anos, uma filha de 5 anos, reside em Campo Grande e no momento está desempregada.

Jac dialogou muito com o diário alimentar, nele ela desabafou seu grande conflito com a alimentação, estar acima do peso e a cobrança do marido pelo corpo que possuía quando se casou.

Ela registrou sua incapacidade de resistir às tentações no trem, balas, doces, biscoitos, que relata ter sempre consumido mais nunca engordado. Diz-me que é “fraca” para

alimentação, que adora comer e tem uma relação compulsiva com os beliscos e não com a comida em si. Há forte conflito pessoal com a alimentação.

Jac me relata que gostaria de ser normal em relação a comida, mas os intervalos entre as refeições são o seu grande problema, e ressalta que está muito ansiosa porque não tem trabalho, já que trabalha desde os 12 anos. Ela gostaria de comer coisas mais saudáveis, mas não consegue.

A sua interação com a cozinha acontece aos 8 anos quando passa a cozinhar para os irmãos e ela mesma porque sua mãe sai para trabalhar. Então Jac diz que gosta de cozinhar e que começou a trabalhar muito cedo, aos 12 anos como balconista numa padaria, porque queria comprar suas próprias coisas e a mãe não podia dar.

Ela me revela que descobriu a pouco tempo que a mãe deixava de comer para ter comida para ela e os irmãos. Por isso ela revela que gosta de cozinhar para a filha e para o marido, ela me diz que isto não é um fardo, mas uma forma de dar a sua família aquilo que ela não teve.

As suas memórias de família não são muito positivas, não havia reunião em torno da mesa, a mãe era rígida e distante e os irmãos mais velhos batiam em Jac que saiu de casa aos 16 anos e vai morar com uma tia e consegue seu primeiro emprego formal em uma loja de departamentos. A sua alimentação era toda fora do lar, muito baseada em *fast food*, salgados e comida a quilo.

Passa a morar sozinha aos 17 anos e aos 18 anos se casa, após ter sua filha para de trabalhar para cuidar da família.

O marido de Jac trabalha na área de segurança e tem dois empregos, por isso ela tem que fazer duas marmitas diariamente para o marido levar ao trabalho. A base da alimentação é o arroz e feijão acompanhado por alguma carne e legume.

Nos fins de semana a família sai raramente para se alimentar fora de casa e o principal motivo é a renda. Aliás, sobre a renda Jac revela que reserva a maior parte para o “grosso”: arroz, feijão, macarrão, óleo, farinhas, iogurte da filha, e não dá para comprar muitas frutas porque afinal “fruta não enche a barriga no almoço”.

Jac revela que compra poucos produtos congelados, mas que o nugget e o hambúrguer estão sempre no carrinho porque são usados numa emergência para o almoço da filha. Os legumes, que Jac não gosta, ela procura colocar no prato da filha, amassados para que ela não perceba isto porque a filha tinha muito o hábito de comer *fast food* no lugar da refeição, almoço principalmente, mas o marido começou a cobrar e Jac mudou sua postura.

Quando recebe amigos em casa, o que não é muito comum, o que se faz é churrasco e batata frita.

Jac está num momento muito conflituoso em relação ao que comer, ela revela que “odeia” estar acima do peso e o que lhe dá mais “raiva” ainda é a sua “fraqueza” em relação à comida.

IV.iii – Reflexões sobre os diários alimentares

O ato alimentar, segundo Poulain (2004), se desenrola de acordo com regras impostas pela sociedade, influenciando a escolha alimentar. Essas regras são representadas pelas maneiras no preparo dos alimentos, pela montagem dos pratos e pelos rituais das refeições (como, por exemplo, os modos e as posições das pessoas à mesa, a divisão da comida entre os indivíduos, os horários estipulados, entre outros), contribuindo para que o homem se identifique com o alimento, e também por sua representação simbólica.

Nessa relação, pode-se destacar a questão do homem como um ser vivo onívoro, representada pela capacidade de comer de tudo, que lhe dá uma suposta liberdade de escolha alimentar. Entretanto, nem tudo é escolhido por ele, uma vez que o indivíduo é determinado por diversos fatores, que irão pesar nessa decisão. Esses fatores podem englobar o meio ambiente, o qual está relacionado aos recursos disponíveis e aos relacionamentos sociais, bem como a história individual. Essas condições permitirão ao homem refletir sobre o que vai comer.

Segundo Poulain & Proença (2003) uma vez que a escolha alimentar é um processo complexo que envolve fatores socioculturais a alimentação humana é referida como um fato em que se podem verificar as necessidades de ordem biológica, bem como os desejos do comedor, que podem ser social e culturalmente definidos. Assim, as escolhas alimentares se baseiam nos sistemas culturais dos grupos humanos, os quais só se permitem alimentar-se do que é aceito culturalmente. Isso torna a alimentação humana ambivalente.

Ao mesmo tempo, o indivíduo se depara com seus anseios alimentares, envolvendo o gosto e suas especificidades na seleção dos alimentos. Essa transmissão das estruturas culturais da alimentação se dá desde a infância, não sendo, necessariamente, realizada pelo ensinamento direto dos pais para os filhos. A formação do gosto na infância é devida ao processo de aprendizagem, ou seja, a criança observa o que outro indivíduo faz e tenta imitá-lo. Esse processo, ao se repetir no cotidiano dos grupos sociais, permite contribuir para a formação das preferências alimentares desde a infância. Dessa forma, qualquer indivíduo está sujeito à influência social para adaptá-la a seus gostos e, consequentemente, às suas escolhas alimentares.

Furst *et al* (1996) desenvolveram o modelo teórico que ilustra o processo da escolha alimentar, visualizado no esquema da Figura 1. Nesse modelo, existem três grandes componentes: o curso de vida, as influências e o sistema pessoal.

O primeiro inclui o papel pessoal e o meio ambiente sociocultural ao qual o indivíduo foi exposto. As influências são baseadas no primeiro componente e envolvem cinco fatores, que emergiram durante o estudo do autor: os ideais, os individuais, os recursos disponíveis, a estrutura social e o contexto alimentar.

Os ideais consistem nas expectativas, nas crenças e nos padrões, como pontos de referências e comparação para avaliar a escolha alimentar de cada indivíduo. Os fatores individuais são baseados nas necessidades e nas preferências pessoais, tanto de ordem psicológica (gostos/aversões, estilos alimentares pessoais e emoções) quanto fisiológica (sexo, idade, estado de saúde, preferências sensoriais – sensibilidade gustativa e estado de fome - saciedade). Os recursos disponíveis referem-se aos recursos palpáveis, como o dinheiro, os equipamentos e o espaço físico, e aos recursos não palpáveis como as habilidades e os conhecimentos técnicos e o tempo.

A estrutura social possui dimensões importantes como a natureza das relações interpessoais (família, convívio doméstico, local de trabalho e eventos especiais), os papéis e os significados sociais. Finalmente, o contexto alimentar limita-se ao ambiente físico, condição social do local, fatores do fornecimento de alimentos (tipos, fontes, e disponibilidade de alimentos no sistema alimentar, incluindo fatores sazonais e de mercado). Esta última influência está diretamente relacionada à estrutura social, a qual provê um ambiente para a escolha alimentar, que define comportamentos específicos, em que o alimento é fornecido por um sistema social alimentar.

Chega-se a um elo para formar o terceiro componente do modelo – o sistema pessoal – que engloba o processo de negociação de valores e uma série de estratégias definidas para fazer a escolha alimentar.

O processo de negociação de valores consiste no balanço de valores que o indivíduo faz em uma determinada situação de escolha alimentar. Nessa etapa do processo de escolha alimentar, o indivíduo pode levar em consideração: os aspectos sensoriais; os fatores econômicos; a conveniência, destacando a relação custo e benefício, considerando o gasto com o tempo e a comodidade; a saúde e a nutrição, relacionadas com a prevenção ou o controle de doenças, controle de peso e bem-estar corporal; a organização dos relacionamentos, considerando as preferências e as necessidades das pessoas com quem o indivíduo convive; e a qualidade (refere-se à busca por um padrão de excelência).

É neste sentido que o indivíduo desenvolve suas estratégias para chegar a uma escolha alimentar que é direcionada pelas diferentes possibilidades de combinações.

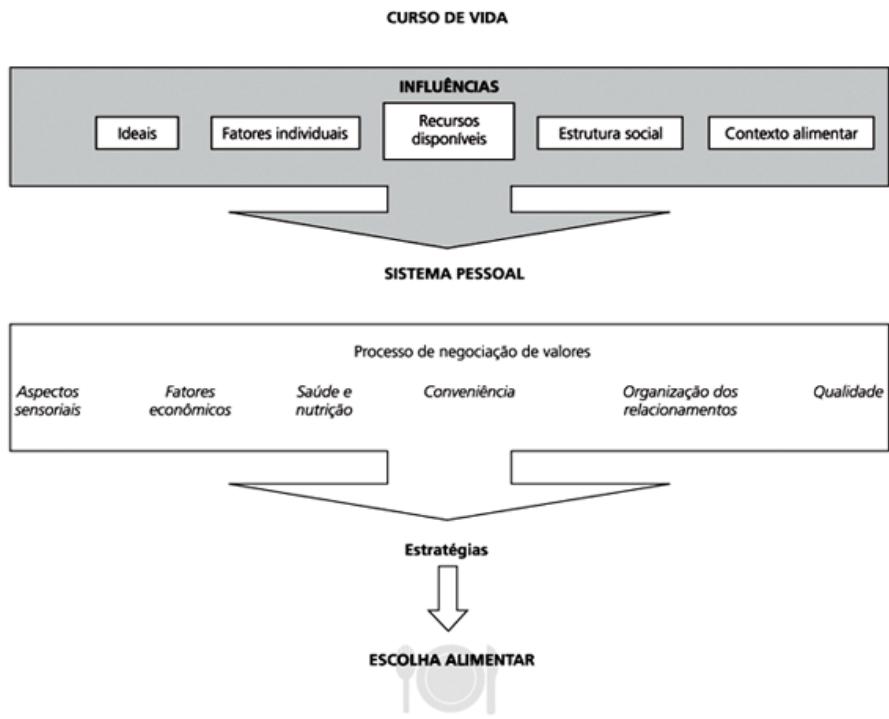


Figura 1 – Modelo do processo de escolha alimentar adaptado de Furst *et al* (1996).

Considerando a escolha alimentar de um indivíduo relacionado aos fatores do meio ambiente, a história individual e a personalidade refletida em valores pessoais.

Neste caso se pode destacar a história individual de Jô e sua opção por alimentos congelados para ela e seu marido durante a semana. Em sua pouca disposição para cozinhar e experimentar, prática pouco estimulada quando ainda era solteira. Diante de suas escolhas pessoais hoje, além do pouco tempo que lhe permitiria cozinhar, ela confessa não ser essa uma opção que lhe agrade já que adora quando é convidada para almoçar fora ou na casa de alguém.

E Cacau com a sua família de três filhos e marido, em sua correria e dilema diário em negociar alimentos mais saudáveis para seus filhos, mas o que fazer quando os vizinhos se reúnem na vila, na roda da cerveja, e o pastel é prato que ela prepara para o grupo, participar ou não do grupo, como fazer?

A história pessoal de André que reforça em seu núcleo familiar o valor da importância de comer à mesa, de ter legumes e verduras no prato dos filhos, de entender a TPM da esposa e antes mesmo que ela fale levar toda a família para comer fora. Em sua personalidade masculina reforçar que não seria vegetariano porque gosta de comer.

Em relação a fatores pessoais destaca-se a preocupação com o corpo revelado nos diários femininos, elas consomem mais produtos light e diet como também fazem mais dieta. Pelos registros nos diários, a dieta a qual as jovens se referem é em grande medida deixar de fazer uma refeição, ou substitui-las por um *shake* a venda no mercado, ou fazer um lanche.

A história pessoal de Jac em seu conflito com os beliscos e os intervalos das refeições, mas não conseguindo resistir a eles. A sua não aceitação pelo aumento de peso, a saciedade para a ansiedade acionada pelo comer. A cobrança do marido por uma alimentação melhor para a filha e pelo corpo que Jac tinha ao se casar.

A presença nos diários masculinos e femininos de uma alimentação rápida, prática, baseada no arroz e feijão, no pedido da quentinha no trabalho, na marmita feita com as sobras de casa, na substituição do jantar por pão, o uso do ovo como alimento que combina com tudo porque se está cansado para preparar algo no fim da noite reforçam os valores pessoais no que tange às práticas alimentares desses jovens.

Assim os determinantes socioculturais na alimentação são igualmente importantes, pois incluem a questão do convívio do indivíduo (família, amigos, relações de trabalho...), dos grupos a que gostaria de pertencer e de ser aceito (status social, identificação com o grupo) ou do grupo ao qual o indivíduo não deseja estar associado (distinção). Nesse contexto, verificam-se as influências das normas de um grupo sobre o comportamento alimentar dos indivíduos.

Aqui cabe ressaltar que os jovens pesquisados não revelam a sua alimentação como fator de diferenciação seja em relação a outros grupos ou para si mesmo. Neste sentido destaca-se somente o discurso de André ao se diferenciar negativamente dos vegetarianos ou dos indivíduos com quem trabalha por não ter “frescura” para comer, por exemplo.

O que mais sobressai nos relatos e registros são as formas de sociabilidade em casa e na rua tendo a comida como mediadora principalmente entre os amigos, mas esta não é feita entre amigos ou para eles, ela é terceirizada, pedida para ser consumida em casa.

Como destaca Romanelli (2006) A dimensão afetiva da alimentação, que engloba a relação com o outro, está presente nas refeições familiares, momentos de encontro, de conversação e de troca de informações, isto é, da criação e manutenção de formas de sociabilidade bastante ricas e prazerosas.

No entanto, hoje é principalmente realizada com amigos, com colegas de trabalho, ou com desconhecidos que se sentam à mesma mesa. Nesse último caso, a sociabilidade durante as refeições quase desaparece, mas pode ser momento para entrar em contato com quem se

partilha a mesa e para dar início à conversação, mesmo que seja transitória e limitada àquele momento.

Na relação com o convívio em família o grupo dos jovens pesquisados mostrou-se sem muito hábito à mesa ou a uma ritualização do comer em casa, fato agravado por passarem o dia na rua trabalhando e estudando, realizando as principais refeições fora do ambiente doméstico, fato esse que não é em grande medida compensado nos finais de semana, pois os indivíduos do núcleo familiar dão atenção a suas individualidades e outras tarefas.

O determinante sociocultural tem caminhado junto aos outros, uma vez que ele é abordado em todos os outros fatores. Assim, a escolha alimentar individual também engloba variáveis como: valores, confiança, crenças ou expectativas, intenções, envolvimentos e experiências.

Em relação à confiança, pesquisa realizada com o mesmo público - estudantes do curso de Administração no período noturno – numa amostra de 55 alunos, pelas pesquisadoras Gonçalves, Galindo & Carneiro (2009) demonstrou que o grau negativo de confiança na alimentação fora do lar é de 70.6% dos entrevistados, contra 29.4% que declararam confiar na alimentação que consome na rua.

Não confiar na alimentação ingerida fora do lar é predominante e os fatores mais recorrentes entre os entrevistados para justificar essa condição são: prazos de validade, condições da cozinha, forma de manipulação e preparo dos alimentos, e o reaproveitamento dos alimentos.

Ao confiar na alimentação fora do lar de acordo com os que assim declararam (29.4%) - 61.5% levam em consideração o local onde é servida a comida; a aparência da comida vem em seguida com 57.7%; indicação de outras pessoas com 32.7%; preço em quarto lugar com 15.4% e por último o movimento do local com 9.6% dos jovens.

Neste sentido, o local onde são servidos os alimentos é considerado de suma importância, não entrando nesta avaliação a cozinha comercial, mas sim o ambiente onde efetivamente será servida e ingerida: a percepção de limpeza (local, talheres, copos e pratos) e a aparência da comida são critérios observados e considerados.

Os determinantes econômicos são referidos ao poder de compra do indivíduo e à condição da oferta, mas as variáveis de preço e renda influenciam nas decisões de compra, entretanto, não podem ser consideradas como variáveis isoladas para uma interpretação do comportamento do consumidor nem como a proporcionalidade entre renda e consumo.

Destaca-se aqui a fala de Cacau ao relatar que sua alimentação ideal seria baseada em alimentos integrais, mas que com três filhos ficaria inviável do ponto de vista de orçamento doméstico.

Cabe lembrar a estratégia de Jac que reserva o dinheiro para comprar o “grosso” da comida para o lar não permitindo que compre itens adicionais como frutas, por exemplo, porque “não enche a barriga no almoço”.

Como aponta Romanelli (2006), a população de baixa renda enfrenta falta de recursos financeiros para ter acesso a certos tipos de alimentos. Mas não é sua suposta ignorância que impede o consumo de produtos adequados e de baixo custo. De modo geral, há um vasto rol de informações circulando entre as famílias pobres. Mas elas enfrentam dificuldade em substituir hábitos solidamente implantados ou para adequá-los ao saber científico, pois esses hábitos fazem parte de um sistema, onde cada item ocupa um lugar que faz “sentido”, pois está integrado em um corpo de saberes. Torna-se difícil encaixar novas orientações porque as regras alimentares estão incorporadas na interioridade dos sujeitos e encapsuladas pelo aspecto afetivo e pelo prazer que proporcionam.

Finalmente, o contexto alimentar limita-se ao ambiente físico, condição social do local, fatores do fornecimento de alimentos (tipos, fontes e disponibilidade de alimentos no sistema alimentar, incluindo fatores sazonais e de mercado). Esta última influência está diretamente relacionada à estrutura social, a qual provê um ambiente para a escolha alimentar, que define comportamentos específicos, em que o alimento é fornecido por um sistema social alimentar.

Neste caso se destaca a disponibilização de alimentos na calçada em frente à instituição onde os jovens da “nova classe média” estudam, ao todo são 13 (treze) barracas dispostas lado a lado, encostadas no muro da instituição ficando próximas à rua.

As ofertas de alimentos prontos e feitos na hora são: yakissoba(1), churrasquinho(2), açaí(2), batata frita(1), salgadinhos fritos(1), sanduíches(2), cachorro-quente(1), todos são pré-preparados ou preparados na hora. Além disso, há 2(duas) barracas de balas e doces em geral e 1 (uma) que vende snacks e biscoitos ensacados.). Todas as barracas, sem exceção, vendem bebidas (refrigerantes, guaraná natural e cervejas). É importante ressaltar que no interior da faculdade existem lanchonetes, mas a venda de bebidas alcoólicas é vedada.

Os alimentos são guardados em potes de plásticos e ficam visíveis normalmente sobre a barraca ou nos grandes isopores onde estão acondicionadas as bebidas (normalmente ao lado da barraca), ou quando precisam estar em “refrigeração” é usado o próprio isopor das bebidas. Os potes vão e vêm.

A manipulação dos churrasquinhos, sanduíches como hambúrgueres e o yakissoba é feita na frente do cliente em chapas próprias ligadas ao botijão de gás que fica por baixo das barracas.

A venda de bebidas alcoólicas e a colocação de banquinhos de plástico são vistos como forma de aumentar mais vendas e por outro lado permitem maior sociabilidade entre os alunos (diversão, paquera, relaxar depois da aula, bate-papo). As noites de quinta e sexta-feira são tidas como as mais lucrativas, uma vez que o movimento pode se estender até 30 (quarenta) minutos após a faculdade ser fechada. É uma verdadeira calçada da alimentação. O local sofre um esvaziamento muito rápido após as aulas, portanto o intervalo entre aulas ou a saída mais cedo dos alunos também geram movimento para os ambulantes.

Os principais motivos declarados para acionar a alimentação dos ambulantes é a questão da proximidade e conveniência que estes proporcionam aos alunos, pois estão instalados na calçada por onde todos passam para efetivamente entrar na instituição. Fica, portanto mais cômodo, parar, comprar e comer ali mesmo, ou em muitos casos “comer andando” e terminar o lanche em sala de aula.

O fator tempo é uma variável importante nesta dinâmica por conta da preocupação com o início das aulas às 18h30minh, vir “correndo” do trabalho, sair “em cima da hora da condução” é discurso pertinente entre os jovens.

Para a grande maioria há a exata noção de que esta não é a melhor forma de se alimentar, mas “fazer o quê?” indaga um deles. Poucos são os que constroem estratégias mais saudáveis como preparar o próprio lanche ou comprar *snack's* “mais saudáveis” (como os integrais), essa prática demanda o gerenciamento do preparo, que toma tempo, e deve ser feito com certo planejamento (compras antecipadas de insumos). Afinal estamos considerando um público que sai muito cedo de casa e retorna tarde, ganhar tempo é um bem precioso nesta escolha.

O uso de pratos congelados ou semiprontos disponibilizados pela indústria alimentar em supermercados, onde o principal apelo é rapidez associada à praticidade, termos recorrentes nos diários e nas entrevistas.

O que na realidade acontece é que a oferta deste tipo de produto atende as demandas das famílias cujos membros estão o dia inteiro fora do lar e não possuem alguém que possa preparar alimentos frescos todos os dias. O conhecimento em relação ao consumidor e seus hábitos, além da força da indústria fazem com que ela proporcione ao mercado cada vez mais soluções para o dia a dia das famílias numa velocidade impressionante, condicionando assim as escolhas dos indivíduos.

Cozinhar no fim de semana e congelar os alimentos para serem usados durante a semana é uma prática muito utilizada pelas estudantes que são administradoras de seus lares e não possuem alguém para ajuda-la nas tarefas do lar.

Os serviços de quentinha acionam duas dimensões nas escolhas desses jovens da “nova classe média”, uma se refere à procura de uma alimentação mais saudável, pois é baseada na comida feita no dia e não congelada; e outra dimensão se refere ao valor pago pelo alimento em relação à quantidade que é consumida. Nesta percepção o jovem tem maior quantidade de alimento para comer a um preço considerável acessível se comparado a serviços de comida por quilo. Além, é claro, de remeter a forte valorização dada por esse público para a base alimentar brasileira: o arroz e feijão.

A alimentação ou as práticas alimentares selecionam alimentos e definem dietas alimentares. Elas não só são proibitivas em relação a alguns alimentos, como são prescritivas em relação a outros. Estas proibições e estas prescrições dão vida simbólica à categoria comida. Para DaMatta (1987) "...o alimento é algo neutro, a comida é um alimento que se torna familiar e, por isso mesmo, definidor de caráter, de identidade social, de coletividade".

Assim o arroz com feijão está no cardápio dos diários dos jovens de forma unânime e é uma das formas de manutenção dos hábitos tradicionais na alimentação.

O papel protagonista do arroz com feijão nos mostra que o consumo de alimentos é governado por regras particulares, revelando a natureza dos agrupamentos sociais. A comida representa simbolicamente os modos dominantes de uma sociedade. A alimentação revela e preserva os costumes, localizando-os em suas respectivas culturas. Ela traduz a estabilidade do grupo social. (ORTIZ, 1994).

O arroz com feijão é base do serviço de quentinhos, é feito e congelado para ser servido ao longo da semana até mesmo acompanhando o alimento industrializado congelado. O valor de feijão com arroz na representação das tradições do Brasil indica que mesmo diante de novos lugares para se alimentar ou novas formas de servir o prato se unem à constante reafirmação da importância do prato na mesa do brasileiro.

Sendo a cozinha um local de resistência de identidades locais como afirma Poulain (2004) e o arroz com feijão representante da cozinha brasileira, ele se mantém importante ao longo do tempo e acompanha as mudanças nas práticas alimentares que possam ocorrer como uma maneira de provar que modelos vistos como representantes de nossas tradições históricas estão longe de desaparecer.

Portanto, modos de cozinhar, modos de comer e beber são objetos culturais portadores de uma parte da história e da identidade de um grupo social e devem ser preservados como

testemunhos de uma identidade cultural. (POULAIN, 2004). E o arroz e feijão sobrevivem e é referência nos diários alimentares dos jovens da “nova classe média” mesmo diante de novas formas e práticas alimentares ou mesmo diante de certa desconfiguração no ato de comer por conta do cotidiano atual que se impõe sobre o ritmo da vida urbano.

Dessa forma, o sistema pessoal, que engloba o processo de negociação de valores e uma série de estratégias definidas para fazer a escolha alimentar, complementa o entendimento das práticas dos jovens da “nova classe média”. Esse processo engloba uma negociação de valores que consiste no balanço que o indivíduo faz em uma determinada situação de escolha alimentar.

O processo de escolha alimentar, portanto, pode levar em consideração: aspectos sensoriais; os fatores econômicos; a conveniência, a relação custo e benefício, considerando o gasto com o tempo e a comodidade; a saúde e a nutrição, relacionadas com a prevenção ou o controle de doenças, controle de peso e bem-estar corporal; como também a organização dos relacionamentos, considerando as preferências e as necessidades das pessoas com quem o indivíduo convive.

Assim os jovens da “nova classe média” criam suas estratégias de escolha alimentar condicionadas de um lado pelo o cotidiano dos dias da semana que engloba trabalho e estudo à noite, e de outro lado o caráter mais informal dos finais de semana.

As representações simbólicas dos dias da semana indicam uma semana brasileira dividida em duas dimensões temporais: dias da semana e fim de semana, ambos possuindo valores e significados distintos nas práticas diárias e também nas escolhas alimentares.

Como analisa Barbosa (2009) os dias da semana e do fim de semana são hierarquizados ao longo de um eixo classificatório que vai do positivo ao negativo dando origem a uma curva emocional que cresce de expectativa onde ponto máximo é alcançado nas noites de sexta-feira e em todo o sábado até o nível mais baixo no início da noite de domingo até segundas pela manhã, quando a curva inicia nova trajetória ascendente.

Dependendo do dia em questão os restaurantes tem públicos diferentes, estão mais cheios ou mais vazios, as refeições duram mais ou menos tempo, come-se em horários mais rígidos ou não. O mesmo acontece na esfera doméstica indo desde um planejamento formal com horários definidos até a supressão de alguma refeição, como o café da manhã nos fins de semana.

A temporalidade da refeição é marcada pelos dias da semana. Isso porque as refeições são realizadas nos chamados dias úteis – que vão de segunda a sexta-feira - onde a rotina está pautada em categorias como “trabalho, obrigações, responsabilidade”:

“A totalidade dos dias da semana é o trabalho. Durante o período que se estende de segunda a sexta, o trabalho se torna o elemento regulador das ações individuais. (...) Os dias de semana são aqueles em que se trabalha. Em que a maior parte do tempo é passada fora do ambiente doméstico, “na rua”, um local público, de trabalho, e regido por leis impessoais, onde as “pessoas da casa”, são tratadas como indivíduos. Onde o valor dominante é o trabalho”. (BARBOSA, 1984)

De segunda a sexta-feira a lógica das refeições é compatível com a rotina de trabalho, mas, ainda assim, cada dia útil tem as suas especificidades. A comida também acompanha esta variação dos dias da semana.

Dessa forma, os dias da semana, são exemplos de uma sequência regular: com experiências divididas em cada um dos dias. Nesta sequência regular, cada dia possui uma função diferenciada, pois, segundo Douglas (1976), o que confere sentido à especificidade de cada dia está exatamente numa forma de sucessão onde há um ordenamento capaz de qualificar os dias, tanto de acordo com a proximidade com o dia que passou quanto com a proximidade o com o dia que vai sucedê-lo.

O exemplo da sexta-feira é bem interessante para qualificá-la como um dia diferente da quinta e próximo do sábado, é possível verificar que durante as sextas-feiras as pessoas se permitiam um pouco mais ou já se inicia certa informalidade no comer.

A relação direta dos dias úteis com o mundo do trabalho é diferente do fim-de-semana. No que se refere às refeições muitos preferem comer em casa, outros em restaurantes de outros tipos, como *à la carte*, churrascarias, pizzarias e outros considerados locais onde se pode comer devagar, sem pressa, com amigos e familiares com os quais não se pode encontrar durante os dias úteis.

Nesse sentido, a refeição é valorizada como programa principal, não cumpre função de intermediária entre as horas de trabalho, mas pode representar o lazer da família como o descanso para a mulher, já que não vai precisar cozinhar.

Os dados que surgem dos diários alimentares mostram que durante a semana, o jantar é a refeição mais substituída por lanches, muitos registros são de não jantar por cansaço e por estar sem fome ou por já terem lanchado antes na faculdade.

Boa parte dos alunos declara comer “alguma coisa”, uma “besteira qualquer” quando chega a casa após a faculdade, o que chama atenção nesta variável é um interessante recorte de gênero; a maior parte dos homens não abre mão da comida de panela, já as mulheres se preocupam mais com a noção de corpo ao relatarem a ingestão de lanches mais leves, pois o

metabolismo do corpo à noite é mais lento, logo comer “comida de sal” é sinônimo de engordar.

No fim de semana surgem comidas mais elaboradas na escolha dos alunos indo do churrasco, cozido, feijoada até pratos com mais complementos. Isto na alimentação em casa como fora dela. O almoço é a principal refeição. Para o jantar a preferência recai por pizzas, sanduiches comida chinesa, ou comida japonesa.

O café da manhã nos fins de semana muitas vezes é suprimido. Acorda-se mais tarde que os dias da semana, os horários são irregulares e o ritmo da casa é mais despojado. Nestes dias os indivíduos do núcleo familiar dão preferência as suas individualidades no que tange realizar atividades particulares que não conseguem fazer durante a semana.

Outro aspecto importante que os diários trazem é a percepção masculina e feminina em relação à ingesta diária. Assim, a saída da mulher para o mercado de trabalho inverte a relação entre a comida e o corpo. Enquanto a dona de casa tinha a comida como resultado de seu trabalho, a mulher nos moldes atuais usa esta comida como fonte de energia para continuar seu dia de trabalho em outro local que não a sua própria casa.

A mudança de papel social deu à mulher outras possibilidades de escolha no que diz respeito à seleção de alimentos que irá ingerir. Elas acionam mais pratos leves, buscam por produtos light/diet, integrais e ingerem mais legumes e verduras.

A mescla de pratos leves e pesados, a possibilidade de manter a dieta estética e se alimentar com “sustância” fazem parte do universo de escolhas desses jovens.

É interessante observar que há um aspecto de positividade na concepção de comida ligada à força onde o que não é comida só serve para "tapear", não é forte, não sustenta. Desse modo as verduras, os legumes, as frutas, aparecem sempre como alimento para 'tapear' e frequentemente vêm na forma diminutiva, 'saladinhas', 'verdurinhas', 'coisinhas'. (ZALUAR, 1988).

Já os homens quando mencionam suas escolhas alimentares estão preocupados mais com a satisfação real e completa de sua fome e a capacidade do alimento escolhido lhe proporcionar a energia necessária para o dia desgastante. Muitas menções a “comida de verdade”, “gosto de comer”, “um bom prato”, são recorrentes nas falas e registros dos alunos, como também a presença de escolhas do local para comer como “as de pensão” e que “ainda lembram aquelas comidas caseiras”.

O sentido de uma refeição completa para os homens depende de pratos que são pensados como próximos à comida caseira, onde estar bem alimentado é comer de acordo

com receitas que tenham sustância, ou comida de panela, ou com gordura. Como revela André “adoro aquela picanha com gordurinha”.

Ainda analisando o recorte de gênero é importante ressaltar que há uma carga enorme sobre as jovens no que tange as tarefas e responsabilidades domésticas comparadas aos homens.

Como destaca Beck (1998) homens e mulheres se enfrentam numa tensão constante no cotidiano do casamento e da família, e isso não acontece somente no casamento e na família, mas em outros campos como trabalho, economia, política. Existe uma extrema desigualdade na questão de escolhas e prioridades entre homens e mulheres.

Os processos de modernização do trabalho doméstico pós-guerra (utensílios e eletrodomésticos) liberaram a mulher do trabalho monótono da casa, mas não lhe tiraram a responsabilidade por ele. Fato esse que acarreta na família se convertendo em um malabarismo permanente de ambições divergentes mais os deveres com filhos e com o trabalho doméstico.

Para Beck (1998) os filhos surgem como parte essencial da vida, mas também como uma experiência anacrônica, uma decisão que se leva em conta questões profissionais e de autonomia econômica. Neste sentido as contradições do mundo moderno fortalecem as contradições femininas.

É o que se percebe nos discursos de Cacau e Jô seja sobre o peso da responsabilidade com os afazeres domésticos e a ausência dos maridos neste sentido quanto pelas suas vontades individuais de estudar e trabalhar, considerando ainda os filhos no caso de Cacau, e o adiamento deles para Jô por representarem uma experiência intrinsecamente feminina como também mais uma responsabilidade sobre elas. E mais, ao considerar a escolha da esposa de André em parar de trabalhar para cuidar da casa e filhos, e a escolha de Jac também.

Para os homens, segundo Beck (1998), a paternidade não é um obstáculo e o êxito ligado à autonomia econômica e segurança financeira são cruciais. Os homens explicitam sua falta de autonomia em questões cotidianas assumindo uma dependência emocional, é interessante ressaltar a narrativa de André “eu vou com ela ao mercado para ajudar, mas ela (sua esposa) é que decide o que vai para o carrinho”.

Os filhos e o trabalho funcionam como catalisadores dos contrates entre homens e mulheres, não é à toa, destaca Beck (1998) que passam mais por vários casamentos, filhos, e mobilidade profissional.

Assim as formas de convivência entre homens e mulheres envolvem medos, sofrimentos, escolhas e resultados não previsíveis. Neste caso podemos destacar o conflito de

Cacau e seu marido em relação à necessidade de estudar em casa com a interferência de três filhos, por isso ela questiona seu marido, se eu posso porque você não pode? E em outro caso, o de Jac, a cobrança do marido em relação ao corpo esbelto de solteira. E mais, a fuga do conflito como ressalta André “tem dias que eu nem espero ela falar, já vou dizendo que vamos almoçar fora”. Além é claro de toda a responsabilidade da casa que tanto pesa sobre Cacau e Jô, mas para Jac já significa dar a filha um lar que ela não teve.

Ao falar sobre a carga dos compromissos com a casa podemos destacar Goidanich (2012) ao demonstrar a situação de iniquidade em relação ao trabalho doméstico aparece entre as mulheres que acompanhei em compras. A maior parte das casadas considera-se a única responsável pelas tarefas de cuidados, administração e abastecimento doméstico. Algumas se sentem responsáveis inclusive por comprar roupas para seus maridos.

E mesmo as que contam com a ajuda de empregadas domésticas, sentem-se assoberbadas pelo acúmulo de trabalho. No caso de Cacau é seu desejo de consumo. A resposta mais comum à pergunta sobre as tarefas de abastecimento e administração do lar foi, durante a pesquisa de Goidanich (2012), “é tudo comigo”, expressão às vezes acompanhada de reclamações pela sobrecarga de trabalho que isso representa.

Neste sentido as donas de casa, então, continuam a representar a figura de decisoras no consumo. Ao mesmo tempo, seu trabalho tende a ser o menos valorizado e comumente difamado no mundo moderno, como salienta Goidanich (2012) citando Miller (1995) “seus desejos parecem ser reprimidos pela modesta subserviência a projetos maiores da família e da casa.”. Então isso significaria dizer que é mais um trabalho a serem realizados em nome de uma família que deve ser alimentada e cuidada, afazeres pelos quais as mulheres são responsáveis e carregam o peso da responsabilidade que assumem para si na manutenção e promoção do bem estar de suas famílias. (GOIDANICH, 2102).

Em suma, as mulheres ocupam uma posição fundamental na alimentação da família por vários motivos. Elas controlam se não o orçamento doméstico, pelo menos as compras de alimentos, seu processamento, socializam os filhos para aceitá-los e distribuem a comida entre os componentes da família. Mais importante ainda, é que as mulheres têm maior acesso do que os homens a informações acerca da alimentação, provenientes de várias fontes e de programas diversos de orientação. As mulheres são mediadoras entre universos nos quais predominam regras alimentares diversificadas e podem ser agentes transformadores de hábitos alimentares. (ROMANELLI, 2006).

Outra dimensão importante que os diários levam a pensar é a sua interface com o aspecto da alimentação no contexto contemporâneo. Neste sentido Barbosa (2012) nos diz que

“nos dias atuais o comer de uma atividade corriqueira, prazerosa, privada e familiar transformou-se em uma atividade altamente consciente, regulada e política”.

Assim o conhecimento científico sobre nutrição humana, a medicina e o movimento ecológico colocaram em pauta as implicações ambientais advindas do tipo de consumo alimentar que a sociedade ocidental contemporânea vem adotando. Advém, também, dos movimentos sociais em defesa de populações que vivem de métodos tradicionais de produção e que estão ameaçadas pelas transformações ocorridas no campo. Além disso, os movimentos em defesa dos animais e o processo de globalização são outros dos ingredientes deste caldeirão. (BARBOSA, 2012).

A centralidade da alimentação nos dias atuais perpassa por várias esferas de atitudes onde os indivíduos podem buscar em sua alimentação cotidiana ou podem ser o definidor de suas práticas alimentares. Neste sentido podemos destacar a saudabilidade, movimentos sociais como o *slow food*, o comércio justo, sustentabilidade, meio ambiente, políticas públicas, gastronomia, lazer e turismo gastronômico.

Olhando os registros nos diários e as narrativas de Jô, André, Cacau e Jac pode-se constatar que não há aderência a nenhuma uma ideologia alimentar, como, vegetarianismo ou alimentação macrobiótica. A preocupação em se alimentar a partir de princípios como valor de origem ou de produtos relacionados a práticas sustentáveis ou de origem orgânica também não foram encontradas. Tão pouco a busca de novas experiências ligadas à comida como a gastronomia ou lazer gastronômico.

Nenhum jovem pesquisado citou participação ou conhecimento de movimentos sociais ligados a um estilo de vida alimentar ou a uma ética que direcionasse suas escolhas alimentares.

Um aspecto relevante acerca da alimentação, segundo Barbosa (2012), é que ela é uma das práticas sociais que muda de forma bem lenta. E quando muda a mudança não significa, necessariamente, exclusão de itens, mas a inclusão de novos itens.

O que se pode observar dos diários alimentares e nas falas dos jovens entrevistados é que mesmo diante de um aumento significativo de renda e de novas possibilidades de práticas e escolhas alimentares o que ocorre é a incorporação de um estilo de vida muito mais ligado à praticidade e a produtos que permitam economia de tempo (*fast food*, frituras, comida congelada).

A alimentação para esses jovens não é um aspecto diferenciador em seu dia a dia, marca muito mais o ritmo da vida diária do que estabelece uma relação de construção de novos gostos, de conhecimento, de experiência, ou de *status*.

Mesmo citando alimentos mais saudáveis ou o que seria uma alimentação mais equilibrada ou ideal, adotar essas práticas no dia a dia emerge de forma negativa, pois se associa ao trabalho que essa prática acarreta, ou seja, a compra, a cocção e o planejamento mais elaborado desta alimentação que não se encaixa no cotidiano dos jovens, além de ser considerada mais cara.

Para a alimentação escolhida fora do lar há falta de opções para uma alimentação diferenciada com base numa alimentação saudável se considerar restaurantes ou espaços específicos para tal refeição, que, além disso, é percebida por esse público como algo leve e, portanto não tem sustância, e as que existem praticam preços que se tornam não acessíveis.

A estratégia observada para essa questão entre os jovens desta pesquisa é a escolha pelo açaí com cereais, principalmente entre os homens e as mulheres buscam o sanduíche natural à venda na porta da faculdade, para o almoço é a comida de panela, da quentinha ou a comida a quilo com a escolha de combinações caseiras.

Há ainda que considerar aspectos socializadores neste âmbito, ou seja, o que culturalmente esses jovens foram habituados a comer e o estímulo que receberam na constituição de seu paladar. Uma vez que cresceram em famílias com sérias restrições financeiras não houve a possibilidade de um leque de opções alimentares ou experimentações gastronômicas. Em muitos casos fala-se em uma alimentação de sobrevivência que traz em si aspectos de deficiência seja de nutrientes ou de variedade.

Em pesquisa junto a famílias de baixa renda Cassoti, Suarez & Deliza (2009) ilustram bem essa percepção quando relatam a história de Avani e como ela aprendeu a “comer o que tem” e até a não pensar que possam existir escolhas, ou como no caso de Elza ao definir que os filhos comem “o básico” – arroz, feijão, uma carne, um ovo ou legume. Este básico só reforça a valorização da escolha em torno da base alimentar brasileira.

Neste sentido, as escolhas são parte daquilo que molda os hábitos e gostos, onde cada grupo social o desenvolve de acordo com suas particularidades. Dessa forma, os alimentos disponíveis, os julgamentos sobre o que é comestível e o que não é, determinam as seleções que se fazem.

Essas escolhas modelam o gosto individual e coletivo. A cadeia de escolhas alimentares abertas aos indivíduos fornece um espaço cultural no qual se veem a si mesmos e nas diferenças dos demais. Toda experiência alimentar constrói bem como desempenha uma identidade culinária. (FERGUSON, 2004).

Dessa forma, a escolha alimentar do indivíduo é direcionada pela sua expectativa, ou seja, pelo valor dado ao alimento ou, por outro lado, pelo grau de liberdade dado ao indivíduo

para realizar essas escolhas, conferindo a possibilidade de diferentes estilos de vida no que tange o contexto alimentar.

Essas diferenças de formas de escolhas podem ser relacionadas às outras categorias tais como, situações de compra, atributos do produto mais desejado, forma de preparação da refeição, hábitos alimentares, consequências desejadas que seja relacionada tanto aos produtos alimentícios em si quanto aos valores individuais das próprias escolhas.

Este capítulo trouxe a reflexão sobre as escolhas e práticas alimentares entre jovens da “nova classe média” através de registros em diários alimentares e das narrativas apresentadas enfocando as estratégias que permeiam a relação desses jovens com o consumo alimentar diante de seu cotidiano de trabalho e estudo, além de lançar um olhar sobre as formas de sociabilidade e comensalidade suscitadas dessas práticas.

Portanto inicia-se este capítulo focando na importância do registro produzido pelo próprio informante, ou seja, o registro pessoal de eventos diários, observações e pensamentos. E foi neste sentido que os jovens selecionados para essa pesquisa foram estimulados a escrever nos cadernos chamados de diários alimentares todas as ingestas alimentares durante sete dias consecutivos.

Usados como instrumentos de auto-relato, os diários produzidos por esses jovens nos permite realizar diversas reflexões mesmo diante da heterogeneidade do grupo. Podem-se observar práticas específicas entre as jovens e entre os jovens, como também práticas comuns pelo olhar de gênero.

Assim foram apresentados neste capítulo os aspectos gerais dos diários assim como os relatos de quatro entrevistas em profundidade no sentido de ilustrar de forma pormenorizada o cotidiano de alguns desses jovens e sua relação com a alimentação, seus sentimentos, percepções, práticas, escolhas e estratégias adotadas no dia a dia.

Desse modo, as jovens tem mais preocupação com o corpo, fazem mais dieta, beliscam mais entre as refeições e registram mais o comer por ansiedade. Quanto aos homens à busca de uma satisfação com o prato é presente nos relatos e nos registros, a preferência por comidas com mais sustância, além disso, comem menos entre as refeições.

Pode-se perceber que tanto homens como mulheres preferem alimentos ou formas de alimentação que lhes deem praticidade e rapidez, seja pelo pouco tempo que possuem para se alimentar, seja porque a cozinha, neste caso, está muito mais ligada ao fardo do trabalho do que a um estilo de vida.

Também se verificou a ausência de participação ou engajamento em princípios ou ideologias contemporâneas referentes à alimentação, assim como a outras tendências alimentares, tais como, preocupação com valor de origem, *fair trade*, alimentos orgânicos.

Na questão da sociabilidade em torno do comer pode-se verificar a pouca presença da ritualização a mesa, mas a mesma ocorre de outra forma, sentados em vários lugares pela casa, de frente a Tv, conversando informalmente com os pratos na mão e muito desta fora do domicílio.

Neste sentido Barbosa (2009) salienta que embora apresentada como ameaçadora da sociabilidade familiar, uma observação mais próxima aponta que a televisão desempenha um papel de indutora de sociabilidade, já que a partir do que está sendo mostrado nela pode suscitar discussões e debates em família possibilitando trocas e isto é de grande importância nos segmentos de renda mais baixa. E mais, a televisão traz a tona questões que podem ser relativizadas com a vida diária do núcleo familiar.

A cozinha e o cozinhar não são aspectos de diferenciação ou primam pela busca de novas experiências, é a comida centrada no “básico”, traduzida pelo arroz e feijão, isto é, a comida de sal, a quentinha e a marmita.

Mesmo no lazer a alimentação procurada por esses jovens reflete em grande medida as suas práticas nos dias de semana, o núcleo familiar está mais próximo, porém agindo de forma individualizada em horários variados.

Outro aspecto importante é a responsabilidade das mulheres em abastecer, preparar, planejar e decidir quase que exclusivamente a alimentação de seus núcleos familiares e o “peso” da cozinha se torna mais uma tarefa dentre as muitas já possui e é a primeira a ser substituída por soluções mais práticas e mais rápidas, mesmo indo de encontro aos pressupostos de uma alimentação mais saudável. É importante ressaltar que todas as entrevistas mesmo relatando gostar de cozinhar demonstram cansaço, fastio, incômodo em realizar a tarefa e principalmente pela alta carga de rotinização que a tarefa exige.

O modelo proposto por Furst *et al* (1996) ajuda a entender o complexo universo das influências, do sistema pessoal e das estratégias por meio da negociação de valores que definem as escolhas alimentares dos indivíduos. E com isso se pode pensar os registros e relatos dos jovens desta pesquisa.

Por isso no cardápio de Jô entram os congelados, desde os industrializados como o arroz e o feijão preparados no final de semana e congelados para ser servido durante a semana combinados com as opções da indústria. Já no cardápio de André está a decisão de sua esposa e o total controle da alimentação ingerida por ele e seus filhos, e por gostar de comer, lá está

novamente o básico arroz e feijão com a carne, os legumes, as verduras porque sua esposa parou de trabalhar para se dedicar a casa.

No cardápio de Cacau está o fardo das tarefas da casa e o cuidado de três filhos e da faculdade, onde por mais que goste como relata, de cozinhar e de ter aprendido na “porrada”, pois sua mãe não fazia, deseja ardenteamente por uma empregada que a tire desse peso.

Por fim Jac e seu dilema de ter engordado por comer, por confessar sua compulsão por comer porque está desempregada, por ter que fazer duas marmitas para o marido quer trabalhar em dois empregos, por driblar diariamente a filha amassando legumes na comida e por sua culpabilidade enorme em beliscar demais entre as refeições, que mesmo sem dinheiro para comprar o salgado na barraca perto de casa anota no caderno e depois acerta.

Enfim são várias condicionantes e negociações que acontecem em contextos diferenciados dos cursos de vida desses jovens aonde se chegam às escolhas alimentares.

Mas também é preciso se pensar na constituição dos dias da semana e do final de semana onde a alimentação ganha novos contornos saindo da quebra do dia de maneira mais formal para a informalidade e até mesmo na supressão de algumas refeições. E neste sentido os diários também nos revela essa mudança significativa.

Quanto à sociabilidade associada à ingestão alimentar pode-se perceber que esta raramente é um ato solitário, mesmo em casa ou na rua, há interação. E mesmo diante de poucas refeições realizadas em família, em torno da mesa, ritualizada, novas formas e novos lugares são acionados.

Em suma é uma miríade de combinações num universo vasto, mas que permite a reflexão sobre dimensões que se sobressaem de forma mais relevante, e foi neste caminho que este capítulo procurou percorrer.

Torna-se importante ressaltar que o cotidiano desses jovens em relação à alimentação não se torna desestruturado ou sofreu grandes mudanças quando entram na rotina de trabalho e estudo, mas se abre a novas escolhas e possibilidades de alimentação e permite que esses jovens possam exercer mais ainda as combinações de suas estratégias pessoais para definirem suas escolhas alimentares, entretanto é importante frisar que a renda ainda se constitui como um condicionante muito forte neste processo.

E é assim que os jovens da “nova classe média” desta pesquisa definem suas práticas alimentares, num descolamento do ritual à mesa, em outras formas de sociabilidade em casa e fora dela, na percepção de que a cozinha é mais um trabalho que lhes toma tempo, na pouca busca de experimentações culinárias, nas escolhas do mais rápido e do mais prático, e na

reprodução do que é o seu hábito alimentar como valor pessoal fundamental, o básico, a comida simples, a que enche a barriga, a que dá sustância.

CONCLUSÃO

Este trabalho buscou entender o consumo alimentar entre jovens da “nova classe média” no sentido de perceber as estratégias e negociações desse público considerando seu cotidiano de trabalho e estudo, como também as características de estrutura familiar e social. É importante frisar que a linha de reflexão se ateve ao cenário no qual este jovem está inserido e aos aspectos que condicionam seu comportamento no dia a dia.

Por isso a pesquisa inicia apresentando toda a discussão sobre classes médias para ser possível singularizar a perspectiva brasileira de períodos de desenvolvimento e crise da classe média brasileira dificultando a sua reprodução social de forma constante.

Chega-se então a primeira década dos anos 2000 e diante de um cenário econômico favorável, com o ganho real de renda e crescimento do emprego formal, viu-se sair da invisibilidade uma parcela considerável de brasileiros com maior poder de compra de bens de consumo, investindo em serviços básicos privados, em destaque saúde e educação, despertando interesses mercadológicos e políticos, além de reacender os debates acadêmicos sobre estratos sociais e definição de classes sociais.

O debate dentro da academia acontece em grande medida devido a nova categorização dada a essa massa de indivíduos que emerge no cenário do consumo. Batizados de “nova classe média” por Neri (2009/2011) o critério da renda é severamente criticando como insuficiente para dar conta das transformações ocorridas na sociedade brasileira e muito menos para definir o grupo, por sinal bastante heterogêneo, em uma nova classe social. O decorrer da apresentação do primeiro capítulo teve o propósito de demonstrar a não concordância, como base em diversos autores, do critério adotado por Neri (2009/2011). O nome conferido ao grupo - nova classe média - foi retratado propositalmente neste trabalho entre aspas.

A aproximação com a reflexão de Souza (2010) é em grande parte pela sua proposta de entender o grupo a partir de uma análise interpretativa, do cotidiano desses indivíduos e de suas visões de mundo. Dessa forma estamos diante de um público que desafia cotidianamente as suas condições sociais limitadas e buscam no emprego, no estudo e no apoio familiar a motivação para transformar suas vidas.

Como professora de uma instituição de ensino superior na zona norte da cidade e tendo como alunos jovens que trabalham e estudam à noite oriundos de famílias de baixa renda busquei neste caminho direcionar as reflexões deste trabalho para entender as suas relações, negociações, comportamentos, dilemas e escolhas em relação ao consumo alimentar.

Mas para entender isso é preciso delinear os aspectos inerentes ao consumo alimentar, portanto no segundo capítulo a alimentação e os aspectos da sociabilidade e comensalidade foram apresentados, bem como as transformações no comer no domicílio ou fora dele.

Em relação ao comer no domicílio duas dimensões foram fundamentais para provocar mudanças irreversíveis na cozinha e na forma como as pessoas se alimentam em casa. De um lado transformação no papel social da mulher e no seu distanciamento das atividades domésticas em virtude de novos caminhos profissionais que são conquistados e de outro lado o papel da indústria de alimentos como a de utensílios que proporcionam a diminuição da carga de trabalho no lar. Mostram-se, portanto, como facilitadores para as tarefas domésticas, uma vez que as mesmas ainda continuam quase que exclusivamente sendo realizadas e de responsabilidade feminina.

As transformações no comer ganham espaço cada vez mais fora dos domicílios, seja em novos lugares ou sob novas formas. A sociabilidade e a comensalidade em torno da mesa ganham definitivamente novas significações. Fato esse confirmado quando olhamos para os dados referentes aos gastos com alimentação que refletem esses novos comportamentos diante da consolidação da mulher no mercado de trabalho, da urbanização e dos novos estilos de vida da modernidade.

Assim pode-se verificar o acionamento de produtos poupadore de tempo como os alimentos semi-prontos e congelados combinados com alimentos que são transformados pelo cozimento (o arroz e feijão), bem como o crescente aumento da alimentação fora do lar em todos os estratos sociais, seja em restaurantes “por quilo” ou *fast foods*. E o mais importante é que o brasileiro possui características heterogêneas de alimentação por conta dessas combinações de escolhas e formas de se alimentar.

A responsabilidade quase exclusiva das mulheres pelo abastecimento, planejamento e preparo da alimentação doméstica ainda é presente e se torna um peso na vida das jovens pesquisadas, pois se constitui em mais uma tarefa a ser realizada, estando muito mais ligada ao trabalho do que ao prazer de novas experiências. O freezer e o microondas são altamente acionados por elas para ganhar tempo e ter mais praticidade na cozinha. Comer fora do domicílio é sinônimo de lazer, mas, sobretudo de menos trabalho.

Em casa há pouca reunião familiar em torno da mesa, porém a sociabilidade acontece de outras maneiras, sentados em lugares pela casa, com os pratos na mão ou na frente da tevê os indivíduos não comem sozinhos, mas descolados da formalidade. Comer em casa não perdeu sua importância nem sua significação.

O terceiro capítulo trouxe a reflexão sobre a juventude e os jovens como categorias socialmente construídas. Para esse trabalho o papel da família, de uma ética do trabalho antes ou paralela aos estudos, da escolha e melhoria profissional através do ensino superior como ícone de novas possibilidades e mobilidade social se tornaram relevantes para a reflexão em torno do grupo.

Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual esses jovens se desenvolvem e pela qualidade das trocas que este proporciona, portanto, a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação.

Os jovens da “nova classe média” possuem mais escolaridade e maior renda que seus pais, estão familiarizados com os meios digitais e se tornam referências de ideias e de opiniões no seio de suas famílias. São caracterizados pelo capital familiar onde à transmissão de valores e exemplos do trabalho duro e continuado, mesmo em condições sociais adversas torna-se fundamental. Uma vez que o capital econômico é reduzido, e o cultural e escolar se comparados aos estratos sociais de maior poder aquisitivo é deficiente, o trabalho se impõe desde cedo e não há, portanto, o benefício da vivência de uma etapa exclusiva de estudos.

Assim o terceiro capítulo retratou a importância da escolha profissional e da importância do ensino superior, em destaque a escolha do curso de Administração para esse grupo, onde a autoestima é substancialmente elevada na chegada à faculdade, vista como uma conquista não só dele, mas de toda a família, e da forma como essa oportunidade se abre a novas perspectivas de mobilidade social por meio de mais chances de empregabilidade.

Foram apresentados os dados socioeconômicos levantados para esta pesquisa e pode-se perceber a importância do vestuário e dos gastos com alimentação na hierarquia dos orçamentos desses jovens e como ainda há potencial para gastos com bens duráveis na busca de um melhor padrão e de conforto em suas residências.

E mais, através dos relatos dos próprios jovens pesquisados pode-se conhecer suas realidades de vida, dilemas, sonhos e projetos de futuro. O mundo desses jovens ainda é pequeno, restrito à família, ao bairro, e às suas preocupações mais imediatas, trabalho e estudo.

Convergiu-se para o quarto e último capítulo, onde se pode analisar as formas e escolhas de consumo alimentar acionadas pelos jovens da “nova classe média”.

A metodologia utilizada para captar esses aspectos foi o diário alimentar, este nos permitiu visualizar a maneira como a estrutura social imprime sua marca nos indivíduos. Instrumentos de auto-relato, os diários funcionaram como uma ferramenta para análise de experiências correntes através do discurso espontâneo, da fala do jovem na sua relação com o

consumo alimentar. Tornaram-se, portanto, elementos significativos do registro das vivências e sentimentos, ou seja, emergiram em sua dimensão social.

Na análise proposta foram apresentados os aspectos comuns aos diários masculinos e femininos, bem como as características específicas quanto ao gênero dos jovens. As entrevistas qualitativas puderam detalhar o cotidiano em relação à alimentação desses jovens.

A reflexão dos registros nos diários nos permitiu entender que dimensões são e estão mais presentes na vida desse público como também condicionam as suas estratégias e escolhas no que tange o consumo alimentar.

Dessa forma diante da miríade de valores e fatores que podem impactar no comportamento e na prática alimentar de um determinado grupo, esta pesquisa trouxe aqueles que sobressaíram do próprio discurso dos jovens pesquisados.

Inspirado pelo esquema de Furst *et al* (1996) os resultados nos mostram que os jovens da “nova classe média” são influenciados por crenças e padrões de uma alimentação saudável que não conseguem realizar e registram nos diários o seu reduzido consumo. Essa alimentação é uma referência de ideal marcada por produtos integrais/naturais, verduras, legumes e frutas, pouca fritura, produtos light/diet que são considerados “sem graça”, caros ou de pouca sustância. Dessa forma os fatores individuais baseados nas preferências e gostos, consolidados numa socialização de pouca variedade alimentar e de reduzidas experimentações culinárias – marcando sua estrutura social - acabam por cair nas frituras, carnes e no arroz e feijão como base alimentar.

Os *fast-foods* de sanduiches ou de pratos feitos ganham destaque na alimentação fora do domicílio, além das opções mais baratas, ambulantes preferencialmente, na porta da faculdade, com a variedade de salgados. A comida de panela se sobressai na quentinha ou na marmita levada de casa.

A renda é um dispositivo de influência muito importante, é um recurso disponível que precisa ser equilibrado no orçamento desses jovens e condicionam as escolhas mais baratas que os alimentem e permitam fornecer a energia necessária para o seu dia a dia, neste sentido se destaca a narrativa de Jô ao revelar que “fruta não enche a barriga no almoço”, ou a de Cacau que gostaria de comprar alimentos diferenciados, mas que são caros, portanto é preciso garantir o “grosso” na alimentação.

Considerando a estrutura social de convívio doméstico e família o que se percebeu é que esses jovens vem de lares como pouca presença a mesa, em virtude de trabalharem cedo e recentemente conquistarem o ensino superior, há mais ainda à presença de uma sociabilidade informal na alimentação realizada em casa e grande parte dela é feita fora do domicílio.

Outro fator importante que influencia o comportamento alimentar desses jovens é em qual contexto alimentar estão disponibilizados os alimentos pelo sistema alimentar. Basicamente realizado por grandes varejistas ou comércio tradicional, ou seja, a oferta se restringe ao que é colocado à venda pela indústria alimentar nos supermercados ou mercadinhos próximos as suas residências.

Diante desses aspectos é possível pensar no sistema pessoal de negociação de valores para a escolha alimentar, ou seja, em que medida as influências descritas acima condicionam esse processo. Neste sentido, destacam-se quatro dimensões que marcam o processo de negociação de valores: os fatores econômicos, a conveniência, a organização de relacionamentos e saúde e nutrição.

Os fatores econômicos estão diretamente relacionados à renda e a capacidade de compra dos indivíduos, mas sozinhos não determinam as escolhas alimentares, porém condicionam quais alimentos serão escolhidos dentro de um critério muito mais voltado para o equilíbrio do orçamento.

Combinado ao fator econômico entra questão da conveniência, e então os alimentos que são escolhidos, além de o serem diante do orçamento disponível, devem permitir praticidade, rapidez, variedade, comodidade o que se torna fundamental no cotidiano desses jovens, e em grande medida para as mulheres porque recaem sobre elas mais essa tarefa e toda a rotinização que se impõe em relação à cozinha.

A sociabilidade dentro e fora do lar se destaca pela característica da própria dinâmica da alimentação, portanto a organização de relacionamentos é, em torno do ato de comer, uma forma de lazer, de interação social, é o espaço do encontro, da troca, do *networking* com amigos da faculdade despondo as preferências e as necessidades das pessoas em seu convívio social. Como a roda da cerveja na vila de Cacau, o lanche no intervalo da aula, o almoço com a galera do trabalho, o lazer da família, o prêmio que se dá a esposa depois de uma semana inteira cozinhando para a família. O ato de comer reflete as várias formas de relacionamentos estabelecidos por esses jovens em seu dia a dia. É comer informalmente pela casa, porque às vezes não há mesa, ou porque cada um come sozinho, mas junto, ou na frente da tevê que pode em muitos momentos fomentar as discussões e consequentemente a sociabilidade familiar, pode ocorrer com as cadeiras na calçada ou no beco da comunidade intermediando o relacionamento na porta de casa, com casa do outro.

A dimensão da saúde e nutrição se destaca entre os jovens pesquisados quando há a presença de filhos e a responsabilidade em fornecer-lhes uma alimentação considera ideal e mais adequada, e o quanto isso se torna complicado, onde a responsabilidade feminina ganha

ainda mais complexidade por vários fatores; por ter de pensar em combinações alimentares mais variadas, pela necessidade de educar os filhos quando a tentação por alimentos mais convidativos, por muitas vezes ter que escolher o que dá para comprar, em ter a consciência de que eles, os filhos, não podem comer “qualquer coisa”.

A preocupação com a nutrição e a saúde dos filhos torna-se mais uma variável que potencializa a questão do trabalho na cozinha e na responsabilidade diária dessas mulheres em relação ao consumo alimentar na família, agravada pela pouca participação de seus companheiros nesta tarefa.

Em suma, novas possibilidades de alimentação surgem no cotidiano desses jovens da “nova classe média” principalmente no consumo alimentar fora do lar, com a entrada no mercado de trabalho e estudo à noite; mas que reflete a base alimentar de casa, seja na marmita, solicitando a quentinha caseira ou na informalidade do ambulante por questões de renda.

Esses jovens estabelecem em suas negociações, que os levam a sua escolha alimentar, os fatores que já estão presentes em seu dia a dia, o mais prático, o mais cômodo, o básico, o simples, o caseiro.

BIBLIOGRAFIA

- ABF. Associação Brasileira de Franchising. Estudos e Relatórios setoriais, 2012.
- ABIA. Associação Brasileira da Indústria Alimentar. Estudos e Publicações, 2012.
- ABRAS. Associação Brasileira dos Representantes Atacadistas e Supermercadistas. Panoramas setoriais, 2012.
- ACKERMAN, Diane. Uma história natural dos sentidos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- ALASZEWSKI, A. Using diaries for social research. London: Sage, 2006.
- ALMEIDA, Mauro. É hora do almoço. Revista E, São Paulo, jul. 1996.
- ANTUNES, Davi José Nardy; GIMENEZ, Denis Maracci & QUADROS, Waldir Jose de. Afinal somos um país de classe média? Mercado de trabalho, renda e transformações sociais no Brasil dos anos 2000. IN: BARTEL, Dawid Danilo (org.). – A “Nova Classe Média” no Brasil como conceito e projeto político. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.
- ARIAS, Juan. Os filhos da classe C mudarão a cara do Brasil. El País, 2014.
- ARIÉS, Philippe. História social da criança e da família. Rio de Janeiro, LTC, 1981.
- ATUALIDADES WALITA, ano I, n.1, 1961.
- AZEVEDO, Marcelo & MARDEGAN, Elyseu. O consumidor de baixa renda. Rio de Janeiro, Campus, 2009.
- BARBOSA, Lívia & GOMES, Laura Graziela. Por uma antropologia do consumo. Antropolítica. Niterói, n 17, p 11-20, 2. sem. 2004.
- _____. Culinária de papel. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, n.33, FGV, 2004.
- BARBOSA, Lívia. Comida e Sociabilidade no prato do brasileiro. IN: Consumo, cosmologias e sociabilidades. Rio de Janeiro, Mauad X, 2009.
- _____. & CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. IN: Cultura, Consumo e Identidade. FGV Editora, Rio de Janeiro, 2006.
- _____. Feijão com arroz e Arroz com feijão. O Brasil no prato dos brasileiros. Horizontes antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, jul-dez 2007.
- _____. (org.) Juventudes e Gerações no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- _____. Tendências da alimentação contemporânea. O prato nosso de cada dia. Paper, Rio de Janeiro, 2012.
- _____. *et all.* Trust, participation and political consumerism among Brazilian youth. Journal of Cleaner Production 63, 2014.

BARROS, Carla P. Hierarquia, escassez e abundância materiais: um estudo etnográfico no universo das empregadas domésticas. IN: Antropologia do Consumo: casos brasileiros. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2007.

BARTEL, Dawid Danilo (org.). – A “Nova Classe Média” no Brasil como conceito e projeto político. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.

BEARDSWORTH, Alan; KEIL, Teresa. Sociology on the menu: an invitation to the study of food and society. New York: Routledge, 1997.

BECK, U. La sociedad del riesgo. Hacia una nueva modernidad. Ediciones Paidós Ibérica, S.A., 1998.

BELLUZZO, L. G.; ALMEIDA, J. A. Depois da queda: a economia brasileira e a crise da dívida aos impasses do Real. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

BERTASSO, A. O consumo alimentar em regiões metropolitanas brasileiras. IBGE, 2000.

BLEIL, Susana Inez. O padrão alimentar ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil. Artigo publicado no vol. VI da Revista Cadernos em Debate, uma publicação do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação da UNICAMP, 1998.

BOLGER, N. et al. Diary methods: capturing life as it is lived. *Annual Review of Psychology*, v. 54, 2003.

BOMENY, Helena. Do frango ao avião ou o que é possível dizer sobre a nova classe média brasileira? Notas exploratórias. Paper, 2011.

BONELLI, Maria da Glória. A classe média, do “milagre” à recessão: mobilidade social, expectativas e identidade coletiva. São Paulo: IDESP, 1989.

BOURDIEU, P. A Distinção. São Paulo. Edusp, 2006.

BOYER, R. Os modos de regulação na época do capitalismo globalizado: depois do boom a crise? In: Fiori, J.L. et al. Globalização: o fato e o mito. R. Janeiro, Ed. Uerj, 1998.

BRAGA, J. C. A financeirização da riqueza. *Economia e Sociedade*, N. 2, 1993.

BRESSER-PEREIRA, L. Desenvolvimento e crise no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2005.

C. K. PRAHALAD. A riqueza na base da pirâmide. São Paulo. Bookman, 2000.

CAMPBELL, Colin. A ética romântica e o espírito do consumismo moderno. Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

CANESQUI, A.M., GARCIA, R..W.D. (org.) Antropologia e nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 306p. (Coleção Antropologia e Saúde), 2005.

CARNEIRO, Henrique. Comida e sociedade: uma história da alimentação. Rio de Janeiro, Campus, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. História da alimentação no Brasil. São Paulo, Itatiaia, 1983 [1963].

CASOTTI, Letícia. À mesa com a família: um estudo do comportamento do consumidor de alimentos. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

_____, SUAREZ, Maribel & DELIZA, Rosires. Consumo de alimentos nas famílias de baixa renda: compartilhando achados, experiências e aprendizados. IN: Consumo na base da pirâmide. Mauad X: Rio de Janeiro, 2009.

CEBRAP. Percepções dos jovens de baixa renda em relação à escola. São Paulo, 2013.

CENNAMO, L., & Gardner, D. Generational differences in work values, outcomes and person-organization values fit. *Journal of Managerial Psychology*, 23, 2008.

COELHO, Alexandre Bragança; AGUIAR, Danilo Rolim Dias de. & FERNANDES, Elaine Aparecida. Padrão de consumo de alimentos no Brasil. RESR, Piracicaba, São Paulo, vol. 47, abr/jun, 2009.

COLLAÇO, Janine Helfst Leicht. Restaurantes de comida rápida, os *fast-foods*, em praças de alimentação de *shopping centers*: transformações do comer. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.33, jan-jun de 2004.

COSTA, F.N. Comparando capitalismos financeiros. Campinas, IE/UNICAMP, 2009.

COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. (organização Maria Helena P. T. Machado) *Diário Íntimo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 (Coleção Retratos do Brasil).

DAMATTA, Roberto. A casa & a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro, 1997.

_____. Sobre o simbolismo da comida. *Correio da Unesco*, 15(7):21-23, 1987.

DAYRELL, Juarez (2007). O jovem como sujeito social. In Osmar Fávero, Marília Pontes Spósito, Paulo Carrano & Regina Reyes Novaes, *Juventude e contemporaneidade* (pp. 155-176). Brasília: UNESCO/MEC/ANPED.

DATA POPULAR. O mercado da base da pirâmide. São Paulo, 2006.

_____. A Geração C – O retrato dos jovens cariocas. São Paulo, 2012.

_____. O rolezinho das marcas. São Paulo, 2014.

DAUPHIM, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara et al. *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Editora Planeta, 2013.

DOUGLAS, M. e ISHERWOOD, D. *O mundo dos bens*. Editora UFRJ. Rio de Janeiro, 2004.

_____. *Pureza e Perigo*. São Paulo, Perspectiva, 1976.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1996.

FERGUSON, Priscilla P. Accounting for taste: the triumph of french cuisine. Chicago, London: The University of Chicago Press. 2004.

FLEURY, Sônia. A fabricação da classe média: projeto político para nova sociabilidade. IN: BARTELT, Dawid Danilo (org.). – A “Nova Classe Média” no Brasil como conceito e projeto político. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.

FLEXOR, G. & GONÇALVES, Patricia. As pequenas lojas de alimentos no Rio de Janeiro: distribuição e o consumo nas grandes cidades. Rio de Janeiro, Mauad X, 2010.

FONSECA, Marcelo Traldi; TSAI, Joana; ISHIHARA, Karina Andrea; HONNA, Priscila Emi. Vamos Tomar um Café? Um estudo exploratório sobre as motivações do consumo em cafés. (P. 23-35) In: Impulso - Revista de Ciências Sociais e Humanas - Lazer, Cultura & Sociedade. V.16, N. 39, P. 1-160, Jan./Abr. 2005. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2005

FURST, T. & CONNORS, M. & BISSOGNI, CA. & SOBAL, J. & FALK, LW. Food choice: a conceptual model of the process. *Appetite*: 1996.

FURTADO, C. Formação econômica do Brasil. 11 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

GALBRAITH, J. O novo Estado industrial. São Paulo: Abril, 1982.

GARCIA, Rosa Wanda Diez. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. *Rev. Nutr., Campinas*, 16(4):483-492, out./dez., 2003.

GIDDENS, Anthony. Consequências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP; 1991.

GOIDANICH, Maria Elisabeth. Compras, trabalho doméstico e gênero. *Paper* apresentado em palestra na ESPM, Rio de Janeiro, 2012.

GOMES, D. C. O Trabalho em serviços produtivos. In: DIEESE/CESIT/CNPQ. Mercado de Trabalho e Modernização do Setor Terciário no Brasil. São Paulo, DIEESE/CESIT/CNPq, 2005.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A fome e o paladar: a antropologia nativa de Luis da Câmara Cascudo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.33, jan-jun de 2004.

GONÇALVES, Patrícia; GALINDO, Flávia; CARNEIRO, Camila. Confiança na Alimentação Contemporânea. Um estudo de caso na “calçada de alimentação” da UNISUAM (RJ). *Paper* apresentado no VENEC, 2010.

_____ & FLEXOR, George. As pequenas lojas de alimentos no Rio de Janeiro: distribuição e o consumo nas grandes cidades. IN: *Interpretações, estudos rurais e política*. Mauad X, Rio de Janeiro, 2010.

GUERRA, Alexandre *et all* (orgs.). Classe média: desenvolvimento e crise. Atlas da nova estratificação social no Brasil. Vol. I, Cortez Editora: São Paulo, 2006.

- GUERRIER, Yvonne. Comportamento organizacional em hotéis e restaurantes. São Paulo: Futura, 2000.
- GUTTMANN, R. Uma introdução ao capitalismo dirigido pelas finanças. *Novos Estudos*, 82, 2008.
- HARVEY, David (1989). Condição pós-moderna. São Paulo, Edições Loyola, 1992.
- HECK, Marina de Camargo. Comer como atividade de lazer. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.33, jan-jun. 2004.
- HENRIQUES, Ricardo. Economia em rumos sombrios: inflação, ordem e violência. IN: Na corda bamba: doze estudos sobre a cultura da inflação. Rio de Janeiro. Relume-Dumará, 1993.
- HIRSCHMANN, Albert. De consumidor a cidadão – atividade privada e participação na vida pública. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HOFFMANN, Rodolfo. Alimentação dentro e fora do domicílio. *Segurança Alimentar e Nutricional*, Campinas, 20(1): 1-12, 2013.
- IBOPE. Classe C urbana do Brasil: Somos iguais, somos diferentes. IBOPE Mídia, 2010.
- IBGE. Pesquisas de Orçamentos Familiares 2002-2003 & 2008-2009. Brasília, IBGE.
- IPEA. Consumo e gastos na família brasileira. Brasília, IPEA, 2007.
- JOMORI, M.M., PROENÇA, R.P.C. e CALVO, M.C.M. Determinantes da escolha alimentar. *Revista de Nutrição*, 21(1), 2008.
- JUVENTUDE LEVADA EM CONTA: DEMOGRAFIA. SAE – Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Brasília, 2013.
- KASSOUF, Ana Lúcia. Mudança no padrão de consumo de alimentos. Brasília, IPEA, 2007.
- KERSTENETZKY, Célia Lessa. & UCHÔA, Christiane. Nova Classe Média: alcance, falhas e benefícios de um conceito. IN: BARTELTT, Dawid Danilo (org.). – A “Nova Classe Média” no Brasil como conceito e projeto político. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.
- KEYNES, J. M. A teoria geral do emprego, do juro e da moeda. S. Paulo, Abril Cultural, 1983.
- KPMG, Fusões e Aquisições: Análise dos Anos 90, São Paulo, 2001.
- LAMOUNIER, Simon & SOUZA, Amaury de. A Classe Média Brasileira. Ambições, valores e projetos de sociedade. Rio de Janeiro: Campus, 2010.
- LE HOUEROU, Fabienne Le. Le film est um don de soi. 2006. Disponível em <<http://www.comite-film-ethno.net/colloque-2006/pdf/dispositifs-imagetiques/le-houerou-fab.pdf>> Acessado em outubro de 2013.

- LIEN, Marianne Elisabeth; NERLICH, Brigitte. *The politics of food*. New York: Berg, 2004.
- MACIEL, Maria Eunice. *Cultura e alimentação*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 7, n.16, dez., 2001.
- MAGNÉE, Henry M. *Manual do self-service*. São Paulo: Livraria Varela; 1996.
- MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. *Recônditos do mundo feminino*. Em SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil: da Belle Époque à era do rádio*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MARX, K. *O Capital*. S. Paulo, Abril Cultural, 1984.
- MELUCCI, Alberto. *Juventude, Tempo e Movimentos Sociais*. Revista Brasileira de Educação, n.5, 1997
- MILLER, Daniel. *Teoria das compras*. São Paulo, Nobel, 2002.
- MILLS, Wright C. *A nova classe media (white collar)*. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1969.
- MINDLIN, Betty. *Um senador na aldeia indígena*. Revista Brasileira Ciências. Sociologia. vol. 13 n. 36 São Paulo Feb. 1998.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. Brasília, 2012.
- MINTZ, Sidney W. *Comida e Antropologia: uma breve revisão*. RBCS, vol. 16, n.47, out. 2001.
- McCRACKEN, Grant. *Cultura & Consumo*. Mauad Editora, Rio de Janeiro, 2003.
- MCKINSEY, *Produtividade no Brasil: A Chave do Desenvolvimento Acelerado*, Rio de Janeiro: Campus,1999.
- MONDINI, Lenise; MONTEIRO, Calos Augusto & COSTA, Renata BL. *Mudanças na composição e adequação nutricional da dieta familiar nas áreas metropolitanas do Brasil (1988-1996)*. São Paulo: Revista de Saúde Pública, vol. 34, n.3, jun. 2000.
- MOTTA, Isabela Kowalski da. *Consumo, moda e classe C. Simbiótica*, Ufes, v.ún., n.01, 2012.
- NAPP. *Perfil Geral do Aluno UNISUAM*. Publicação interna, Rio de Janeiro, 2012.
- NARDI, Sérgio. *A nova era do consumo de baixa renda*. São Paulo, Novo século, 2009.
- NERI, Marcelo. *Consumidores, produtores e a nova classe média*. Rio de Janeiro, FGV, 2009.
 _____. *A Nova Classe Média – o lado brilhante da pirâmide*. Rio de Janeiro, SaraivaUni, 2012.
- OLDENURG, Ray. *The Great Good Place: cafés, coffe shops, bookstores, bars, hair salons and other hangouts at the heart of a community*. New York: Marlowe & Company, 1999.

- OLIVEIRA, S.P. e THÉBAUD-MONY, A. Estudo do consumo alimentar: em busca de uma abordagem multidisciplinar. *Revista de Saúde Pública*, 31(2), 1997.
- OLIVEIRA, Débora. Dos cadernos de receitas as receitas de latinha. *Indústria e tradição culinária no Brasil*. São Paulo: Editora Senac, 2013.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994.
- OWENSBY, Brian. *Intimate Ironies: modernity and the making of middle-class lives in Brazil*. Stanford University Press, 1999.
- PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.
- PATTERSON, A. Processes, relationships, settings, products and consumers: the case for qualitative diary research. *Qualitative Market Research: an International Journal*, v. 8, n. 2, 2005.
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, 1997.
- PINTO, Marcelo de Rezende & SALUME, Paula Karina. *Consumindo Experiências: Os Significados do Curso de Administração para Jovens Alunos Trabalhadores de Baixa Renda*. *Paper* apresentado no VI ENEC – Encontro Nacional de Estudos do Consumo. Rio de Janeiro, 2012.
- PIMENTEL, José Vicente de Sá *et. all.* *MESA-REDONDA: o Brasil, os BRICS e a agenda internacional*. -- Brasília: FUNAG, 2012.
- PLUMMER, K. *Documents of life 2. An invitation to a critical humanism*. London: Sage Publications, 2001.
- PNUD. *Consumo para o desenvolvimento humano*. Lisboa, PNUD/ONU, 1998. (Relatório de Desenvolvimento Humano)
- POCHMANN, Marcio. *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*. São Paulo. Boitempo Editorial, 2012.
- Mobilidade social no capitalismo e redivisão internacional da classe média. IN: BARTEL, Dawid Danilo (org.). – A “Nova Classe Média” no Brasil como conceito e projeto político. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.
- PORTILHO, F, CASTAÑEDA, M. e CASTRO, I.R.R. A alimentação no contexto contemporâneo: consumo, ação política e sustentabilidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(1), 2011.
- Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania. São Paulo, Cortez, 2005.
- Sociabilidade, confiança e consumo na feira de produtos orgânicos. In: “Usos Sociais do Consumo: Práticas de Consumo e Novas Sociabilidades”. Rio de Janeiro, 2009.
- POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004.

- _____. PROENÇA RPC. O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. *Revista Nutrição*. 2003.
- _____. Reflexões metodológicas para o estudo das práticas alimentares. *Revista Nutrição*. 2003.
- PRADO Jr., C. História Econômica do Brasil. 22ed. São Paulo: Brasileense, 1979.
- _____. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942.
- RIBEIRO, Jorge Claudio. Uma nova classe média sem religião? IHUonline. Rio Grande do Sul, 2011.
- ROCHA, Ângela & SILVA, Jorge Ferreira. Consumo na base da pirâmide. *Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2009.
- ROCHA, Everardo. Invisibilidade e revelação: camadas populares, cultura e práticas de consumo. IN: Consumo na base da pirâmide. *Estudos Brasileiros*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2009.
- _____. & PEREIRA, Cláudia. Juventude e Consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea. Rio de Janeiro. Mauad X, 2009.
- ROMANELLI, Geraldo. O significado da alimentação na família: uma visão antropológica. *Medicina, Ribeirão Preto, Simpósio: transtornos alimentares: anorexia e bulimia nervosas* 39 (3): 333-9, jul./set. 2006.
- SCALON, Celi & SALATA, André. Uma nova classe média no Brasil da última década? O debate a partir da perspectiva sociológica. *Revista Sociedade e Estado*, vol. 27 n. 2, maio/agosto, 2012.
- SCIRÉ, Claudia. Consumo popular, fluxos globais. Práticas e artefatos na interface entre a riqueza e a pobreza. São Paulo: Annablume, 2012.
- SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. Relatório Agenda Juventude Brasil 2013. Brasília, 2013.
- SEVCENKO, Nicolau (org.). História da vida privada no Brasil: da Belle Époque à era do rádio. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SILVA, João Luiz Máximo da. O impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870 a 1930): estudos de cultura material no espaço doméstico. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2002.
- SILVA, Paula Pinto e. Farinha, feijão e carne-seca: um tripé culinário no Brasil colonial. São Paulo: Editora Senac, 2005.
- SILVA, S. Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.
- SIMMEL, Georg. Sociologia da refeição. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.33, jan-jun., 2004.
- _____. Questões fundamentais em sociologia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

- SOUZA, JESSE. Batalhadores brasileiros – uma nova classe média ou uma nova classe trabalhadora? Editora UFMG, Belo Horizonte, 2011.
- SORIMA NETO, João. Os novos reis da comida. Revista Veja, São Paulo, v.4, mar. 1998.
- STRONG, Ray C. Banquete: uma história ilustrada da culinária dos costumes e da fartura à mesa. Rio de Janeiro: Jorge Zoar, 2004.
- SYMON, G. Qualitative research diaries. In: CASSEL, C., SYMON, G. Essential guide to qualitative methods in organizational research, London: Sage, 2004.
- TALENT. Nova classe média impulsiona crescimento de matrículas do ensino superior. São Paulo, 2010.
- VEIGA, Aida. Bye, bye, fogão. Revista Veja, São Paulo, v.24, jun. 1998.
- VELOSO, Letícia. CLASS AS EVERYDAY IMAGINATION AND PRACTICE IN BRAZIL. *Paper*, 2012.
- _____. Uma “nova” “classe” “média”? Consumo e percepções sobre igualdade e diferença no Brasil. Apresentação oral, 2012.
- VIÑAO, Antonio. Las autobiografias, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jun. 2000.
- VOZES DA CLASSE MÉDIA. SAE – Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Brasília, 2012.
- WARDE, A. Consumption and theories of practice. *Journal of Consumer Culture*. Vol. 5(2): 131-53, 2005.
- _____. Consumption, food & taste: culinary antinomies and commodity culture. London: Sage Publications; 1997.
- _____. & MARTENS, Lydia. Eating out. Cambridge, 2000.
- WEBER, M. From Max Weber: essays in Sociology. London: Routledge and Kegan Paul, 1961.
- WESTERMAN, J. W., & Yamamura, J. H. Generational preferences for work environment fit: Effects on employee outcomes. *Career Development International*, 2007.
- W SZIGAN, Indústria Brasileira: Origens e Desenvolvimento, São Paulo: Hucitec/Ed. da Unicamp, 2000.
- WILKINSON, J. A agricultura familiar face ao novo padrão de competitividade do sistema agroalimentar na América Latina. In: Wilkinson, J. Mercados, rede e valores. P. Alegre, Ed. UFRGS, 2008.
- _____. Da lavoura à biotecnologia. Agricultura e indústria no sistema internacional. Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2007.
- WTTC (World Travel & Tourism Council), Relatório de Imprensa, 2012.

ZACCARELLI, Laura Menegon & GODOY, Arilda Schmidt. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. CADERNOS EBAPE. BR, v. 8, nº 3, artigo 10, Rio de Janeiro, Set. 2010.

ZALUAR, Alba. A máquina e a revolta. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ZEMKE, R., Raines, C., & Filipczak, B. Generations at work: Managing the clash of Veterans, Boomers, Xers, and Nexters in your workplace. Nova York: AMACOM, 2000.

ANEXOS

1 – Instrução para o preenchimento dos diários alimentares

INSTRUÇÕES DE PREENCHIMENTO

1. Fazer um diário do seu cardápio de alimentos e bebidas que foram consumidos nos dias da semana e no fim de semana – perfazendo um total de 7 dias
2. Colocar a data e o dia da semana referente a cada anotação
3. Fazer a anotação de todo o alimento e bebida consumidos no dia indicando:
 - O que consumiu (alimento e bebida)
 - Em qual refeição (café, lanche, almoço, jantar e ceia)
 - Anotar também o que for consumido entre as refeições (biscoitos, guloseimas, cafezinho....)
 - O motivo do alimento escolhido
 - Local do consumo (Caso tenha sido ingerido no domicílio indicar quem o preparou)
 - O motivo da escolha do local do consumo

OBSERVAÇÕES

- O detalhamento das informações é muito importante para a análise do pesquisador, mesmo que pareçam ser repetitivas.
- Considere todas as informações que julgar relevante.
- Você pode acrescentar comentários, tirar fotos.... a proposta é você registrar a sua prática alimentar diária.
- Os dados serão utilizados para interpretação acadêmica e em momento algum divulgados em seu formato original.
- Qualquer dúvida entrar em contato pelo email rochapaty@hotmail.com indicando no assunto: pesquisa do diário alimentar.
- Alguns autores dos diários serão convocados para uma entrevista pessoal
- Agradeço a sua participação na pesquisa

2 – Questionário de perfil socioeconômico

3 – Roteiro entrevistas qualitativas

Roteiro Entrevista – autores dos diários

Nome

Idade

Profissão

Estado civil

Filhos

Bairro onde mora

1º Bloco – a relação com alimentação

1. Como você descreveria sua relação com alimentação? Que significado a alimentação tem na sua vida? Você gosta de comer? É um programa, um lazer? Sociabilidade entre as pessoas....a comida une....que contextos de sociabilidade vc participa envolvendo a alimentação?
2. O que achou de escrever um diário sobre o seu consumo de alimentos?
3. Que impressões você teve? Você refletiu sobre sua alimentação?
4. Que aspectos mais impressionaram você em relação a sua alimentação? Pontos positivos e negativos da alimentação
5. Você mudou algum hábito depois de escrever o diário?
6. O que seria para você o ideal da sua alimentação?
7. Qual o empecilho principal para não ter o hábito de alimentação idealizado?
8. Você gosta de cozinhar? Caso negativo ressaltar motivos
9. Você assiste a programas de culinária? Quais? O que mais te interessa?
10. Você tem livros ou cadernos de receitas? Troca receitas com outras pessoas? Quais?
11. Que tipos de pratos você gosta de fazer?
12. Qual a relação entre o gasto em alimentação com outros gastos? Priorizar....

2º Bloco – alimentação no domicílio

13. Quais memórias (momentos, ocasiões) de alimentação vc têm? Infância, adolescência, datas festivas, pratos específicos, de quem?....como isso foi construído na sua sociabilização?
14. O que vc trouxe para o seu núcleo familiar?

15. Como você avalia a sua alimentação no domicílio? Variada, saudável, reflete um estilo de vida? O seu estilo de vida impacta na sua alimentação, de que forma? Você reflete sobre isso? Se preocupa?
16. A família realiza refeições em conjunto? Quais? Frequência na semana. Finais de semana.
17. Quem é o responsável principal pelo abastecimento (agente de compra)?
18. Quem é o responsável principal pelo preparo dos alimentos?
19. Como é escolhido o cardápio? Quais as preocupações desta escolha?
20. Você interfere? Quais suas impressões e/ou críticas?
21. Os produtos prontos e semi prontos são utilizados? Com qual frequência?
22. O que você acha da oferta da indústria alimentar para esse tipo de produto?
23. Os produtos congelados (refeições) são utilizados? Com qual frequência?
24. O que você acha da oferta da indústria alimentar para esse tipo de produto?
25. O que poderia ser ofertado pela indústria para facilitar o seu dia a dia?
26. Que aspectos positivos e negativos vc considera em relação a utilização de produtos industrializados na alimentação diária?

3º Bloco – alimentação fora do lar

27. Na sua alimentação fora de casa quais lugares você costuma frequentar? distinção entre dias da semana e finais de semana – identificar as diferenças
28. Que lugares você gostaria de frequentar? Por quê?
29. A alimentação entra na sua programação de lazer?
30. Qual refeição você costuma priorizar na sua alimentação fora de casa?